

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

KELI VIGINIA EBERT

Psicanálise on-line: de que “conexão” se faz necessária para alcançar a subjetividade de nossa época?

CUIABÁ-MT
2023

KELI VIGINIA EBERT

Psicanálise on-line: de que “conexão” se faz necessária para alcançar a subjetividade de nossa época?

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Mato Grosso como parte dos requisitos necessários para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Henrique de Oliveira Lee
Coorientadora: Profa. Dra. Maria Lívia Tourinho Moretto

CUIABÁ-MT
2023

Dados Internacionais de Catalogação na Fonte.

E16p Ebert, Keli Virginia Ebert.

Psicanálise on-line: de que “conexão” se faz necessária para alcançar a subjetividade de nossa época? [recurso eletrônico] / Keli Virginia Ebert Ebert. -- Dados eletrônicos (1 arquivo : 148 f., il. color., pdf). -- 2023.

Orientadora: Henrique de Oliveira Lee Lee.

Coorientadora: Maria Livia Tourinho Moretto Moretto.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Educação, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Cuiabá, 2023.

Modo de acesso: World Wide Web: <https://ri.ufmt.br>.

Inclui bibliografia.

1. Psicanálise. 2. Análise on-line. 3. Transferência. 4. Pagamento. I. Lee, Henrique de Oliveira Lee, *orientador*. II. Moretto, Maria Livia Tourinho Moretto, *coorientador*. III. Título.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

FOLHA DE APROVAÇÃO

TÍTULO: "PSICANÁLISE ON-LINE: DE QUE "CONEXÃO" SE FAZ NECESSÁRIA PARA ALCANÇAR A SUBJETIVIDADE DE NOSSA ÉPOCA?"

AUTOR (A): MESTRANDO (A) Keli Virginia Ebert

Dissertação defendida e aprovada em 02 de junho de 2023.

COMPOSIÇÃO DA BANCA EXAMINADORA

1. Doutor(a) Henrique de Oliveira Lee (Presidente da Banca/Orientador(a))

INSTITUIÇÃO: Universidade Federal de Mato Grosso

2. Doutor(a) Vera Lucia Blum Tomaz (Examinador(a) Interno(a))

INSTITUIÇÃO: Universidade Federal de Mato Grosso

3. Doutor(a) Maria Livia Tourinho Moretto (Examinador(a) Externo(a))

INSTITUIÇÃO: Universidade de São Paulo

4. Doutor(a) Renata Costa (Examinador(a) Suplente)

INSTITUIÇÃO: Universidade Federal de Mato Grosso

Cuiabá, 02 de junho de 2023.



Documento assinado eletronicamente por **VERA LUCIA BLUM TOMAZ, Docente da Universidade Federal de Mato Grosso**, em 21/06/2024, às 08:08, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **HENRIQUE DE OLIVEIRA LEE, Docente da Universidade Federal de Mato Grosso**, em 24/06/2024, às 15:31, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Maria Livia Tourinho Moretto, Usuário Externo**, em 08/11/2024, às 12:22, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufmt.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **6917476** e o código CRC **E90C75B9**.

AGRADECIMENTOS

Esta escrita se encerra e o desejo em ser justa com todos(as) que contribuíram com esta construção se articula a cada letra que aqui se desenha, no desejo que cada palavra possa ser recebida banhada de afeto e que este registro possa conservar todo meu reconhecimento e gratidão. Assim se inscrevem os meus parques agradecimentos diante todos(as): as possibilidades concedidas, as mãos estendidas, as escutas atentas, os olhares zelosos e os há-braços que me acolheram, driblando os tempos sombrios impostos pelo isolamento social em meio a pandemia.

Agradeço a oportunidade a mim concedida em me fazer pesquisadora, tendo acesso a uma educação de qualidade e gratuita na universidade pública. Toda minha inestimável gratidão ao Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Mato Grosso.

Agradeço ao meu orientador Professor Dr. Henrique de Oliveira Lee, pela aposta neste estudo e pelo aceite do desafio em me conduzir pelo caminho da investigação científica. Obrigada por me ensinar a me relacionar com o meu texto diante o instigante ofício de conciliar a liberdade da escrita entrelaçada a toda formalidade acadêmica.

Agradeço a minha coorientadora Professora Dra. Maria Livia Tourinho Moretto, que mesmo diante a distância física manteve o corpo presente, mostrando que estava por perto. Obrigada por me alcançar os fios necessários para a produção e sustentação deste trabalho e por escutar minhas insuficiências simbólicas me ensinado, de maneira sofisticada, sobre o “bem dizer”.

Agradeço ao Dr. Nadir Lara Júnior, que me acolheu em seus grupos de estudos produzindo uma abertura a psicanálise extramuros sem a qual este trabalho não seria possível. Obrigada Nadir por me apontar o caminho de uma psicanálise comprometida com as questões sociopolíticas.

A professora Dra. Renata Costa, que gentilmente aceitou o convite para a banca de defesa, aceite que me deixou muito contente por possibilitar esse reencontro após alguns anos das primeiras orientações vindas de uma disciplina na graduação em psicologia.

Aos(as) amigos(as) que constituem a rede do Projeto Escuta por um fio: Rede de atendimento e estudos psicanalíticos (EPUF), parceiros(as) de projeto que semanalmente se interessaram em refletir e tensionar a teoria exposta à prática analítica, pondo em causa a fundação e sustentação deste trabalho. Obrigada pelas trocas, pela persistência, pelos restos que sempre ficam a serem ditos e assim vão possibilitando novos encontros, articulações e reedições.

A Vanessa Proença, uma amiga e parceira de projetos e de vida. Obrigada pelos cafés freudianos em dias de intensos trabalhos e aflições, por acompanhar meus devaneios e juntas podermos rir de tamanha identificação. Sua leitura e contribuição neste trabalho foram acuradas e cirúrgicas.

A minha querida e generosa amiga Pamela Porto, por suas palavras leves e gentis que conduziram meus dias mais sombrios. Obrigada por todo cuidado para que esta amizade se fizesse tão doce.

Aos(as) amigos(as) dos grupos de estudos em Psicanálise e Política e Psicanálise e Marxismo, obrigada pela parceria nos estudos dimensionando os sofrimentos.

Agradeço aos(as) conselheiros(as) e equipe técnica do Conselho Regional de Psicologia de Mato Grosso, pela compreensão, paciência e pela possibilidade revigorante do trabalho coletivo o qual me certifica que a saída não é individual.

Aos(as) amigos(as), que de modo indireto possibilitaram essa construção ao produzir alegrias nos intervalos da vida.

A meus pais, Anna e Affonso, que me inseriram e me possibilitaram a dádiva da vida e das palavras para que assim eu me apropriasse do mundo da linguagem e me constituísse em um pequeno espaço deste mundo. O meu reconhecimento e Amor a vocês que me ensinaram a amar. Aos meus irmãos, Sandro e Alexandre, por fazerem parte da minha história.

A meu esposo, Denis Arantes da Costa, pela aposta cotidiana na reinvenção do amor. Obrigada por compartilhar desse bonito desejo comigo.

A meus filhos, Enzo e Maria Antonella, que são a fonte onde me banho diariamente para seguir na vida desejante pelas transformações. Obrigada minhas crianças, que mesmo tão pequenas se fizeram compreensivas dando-me a esperança de um futuro.

A cada analisando(a) sem os quais estas linhas escritas não seriam tecidas.

“As palavras é que me impedem de dizer a verdade. Simplesmente não há palavras. O que não sei dizer é mais importante do que eu digo”.
(Clarice Lispector para Olga Borelli, 1981)

“Mas já que se há de escrever, que ao menos não se esmaguem com palavras as entrelinhas”.
(Clarice Lispector, 2015, p. 19).

RESUMO

Este estudo tem como objetivo trazer algumas construções teórico-prática sobre a operacionalidade da transferência e do manejo do pagamento em uma clínica psicanalítica on-line e gratuita. Para estas construções foram coletadas narrativas de psicanalistas que atendem voluntariamente em um projeto que possui como especificidade o formato de atendimento on-line e gratuito. A prática clínica investigada é assim um dos eixos constitutivos desta pesquisa que se enlaça ao segundo eixo, o arcabouço teórico freudiano e lacaniano que embasa e sustenta teoricamente a operacionalidade da transferência e do pagamento na clínica estudada. Se trata de uma investigação que produz construções teórico-prática sobre conceitos fundamentais da clínica psicanalítica, buscando alcançar a *conexão* necessária para se estar à altura da subjetividade de nosso tempo, uma temporalidade que se faz marcada por sujeitos banhados pela cultura digital e moldados pela lógica do capital. Desta forma, interessa a esta pesquisa desenvolver constructos teórico-prática sobre a operacionalidade da transferência e do pagamento em um dispositivo clínico on-line e gratuito, sem que isso deforme a teoria dos fundamentos da clínica. Os resultados desta pesquisa foram constituídos, através dos extratos narrativos coletados em encontros da pesquisadora com os psicanalistas atuantes da clínica aqui investigada e assim articulados a teoria psicanalítica. Foi através do legado freudiano, sobre as clínicas públicas, que esta pesquisa contextualizou a questão da gratuidade do campo investigado. Porém, se desde Freud encontramos contribuições teóricas sobre o pagamento em psicanálise, o mesmo não se faz sobre as clínicas on-line, pois, não temos teorização em Freud ou em Lacan sobre uma clínica que não existia, o que nos convoca a articular a prática estudada à teoria encontrada para extrair constructos teórico-prática sobre o que é a transferência e o pagamento nesta clínica pesquisada. Para a realização deste estudo a pesquisadora-psicanalista, através de encontros on-line, direcionou à sua escuta a experiência narrada pelos psicanalistas atuantes na clínica investigada. As narrativas coletadas foram articuladas a teoria psicanalítica formando os relatos clínicos conceituais desta pesquisa. Neste sentido, este estudo teceu amarrações possíveis entre a prática clínica investigada e a teoria psicanalítica à serviço de contribuir com os aspectos teórico-prática psicanalíticos desta clínica.

Palavras-chave: 1. Psicanálise 2. Análise on-line 3. Transferência 4. Pagamento.

ABSTRACT

This study seeks to bring some considerations about the operability of transference and the handling of payment at an online and free psychoanalytical clinic. In order to make these constructions, narratives of psychoanalysts were used, specifically of the analysts that work as volunteers in a project that has as a specificity the format of online and free consults. And so, the investigation of the clinical practices is one of the main thematic axes of this research and has direct relations to the second axis, specifically, the Freudian and Lacanian theoretical framework that substantiates and withholds theoretically the operability of transference and payment in this specific type of clinical work. It is an investigation that will produce theoretical-practical constructions about fundamental concepts to the psychoanalytical clinic, seeking to bring the necessary *connection* to reach the subjectivity of our time, a temporality that is marked by subjects bathed in digital culture and molded by the logic of capital. Thus, this research seeks to develop theoretical-practical constructs about the operability of transference and payment at a free-online dispositive, without it deforming the conceptual theory of these clinical fundamentals. The results were constituted throughout the narrative extracts articulates to the psychoanalytical theory. It was through the Freudian legacy about the public clinics that this research contextualized the question of gratuity in the investigated field. Although, if ever since Freud we find theoretical contributions about payment in psychoanalysis, the same cannot be said about online clinics for we do not have theorization in Freud or Lacan about a type of clinic that did not exist, which convenes us to articulate the studied practices to the existing theory in order to extract theoretical-practical constructs about what is transference and payment in the type of clinic that was researched. To the fulfillment of this study, the psychoanalyst researcher directed her hearing to the experiences narrated by the psychoanalysts through Focal Group meetings. These narratives were then articulated to the psychoanalytical theory, thus forming the conceptual clinical reports of this Search. And so, we have a work that seeks to tie possible lashings through the investigated clinical practice and the psychoanalytical theory in order to contribute to the theoretical-practical psychoanalytical aspects of this type of clinic.

Keywords: 1. Psychoanalysis 2. Online analysis 3. Transference 4. Payment.

ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1. Logo do Projeto Escuta por um Fio	24
Figura 2. Como opera a transferência.....	32
Figura 3. Signo linguístico em Saussure	52
Figura 4. Lacan – organização significante-significado.....	55
Figura 5. Entrelaçamento entre clínica – pesquisa acadêmica – social.....	58
Figura 6. Os três tempos da análise de dados.....	64
Figura 7. Articulação das três formas de linguagem	65
Figura 8. Entrelaçamento dos fios da pesquisa	66
Figura 9. Discurso do capitalista	74
Figura 10. Lógica constituinte de um sujeito	83
Figura 11. Passagem ao estatuto de significante	84
Figura 12. Passagem do desejo de reconhecimento ao reconhecimento do desejo.....	85
Figura 13. Estabelecimento da transferência.....	92
Figura 14. Os quatro discursos lacanianos	98
Figura 15. Semântica dos quadrantes	99
Figura 16. <i>Higher Impetus</i>	120
Figura 17. A coluna partida - Frida Khalo (1944).....	121
Figura 18. Geometria à brasileira	122

LISTA DE SIGLAS

EPUF	Escuta por um fio: rede de atendimento e estudos psicanalíticos
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
OMS	Organização Mundial da Saúde
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua
TICs	Tecnologias da Informação e da Comunicação

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	15
2. CONTEXTO E CARACTERIZAÇÃO DO PROJETO DE INTERVENÇÃO.....	22
2.1. Caracterização do Projeto de intervenção – inquietudes que decantam de uma experiência viva resultando em problemas de pesquisa	24
3. FIOS TEÓRICOS QUE TECEM AS INVESTIGAÇÕES DA CLÍNICA E DA PESQUISA.....	28
3.1. Considerações sobre a transferência na psicanálise Freudiana e Lacaniana.....	30
3.2. Os primórdios da transferência enquanto conceito psicanalítico.....	34
3.3. Dimensões socioeconômicas e políticas do sofrimento	37
3.4. Reflexões sobre as clínicas psicanalíticas gratuitas	39
4. CONSTRUÇÕES METODOLÓGICAS	48
4.1. Psicanálise e linguagem	52
4.2. Especificações sobre a materialidade do objeto investigado	56
4.3. Procedimentos de coleta de dados	59
4.4. A construção dos extratos narrativos	63
5. ENTRELAÇAMENTO DOS FIOS: LINGUAGEM, TEORIA PSICANALÍTICA E PRÁTICA CLÍNICA.....	66
5.1. Relatos clínicos e elaborações conceituais – Sobre a transferência.....	67
5.1.1. Extratos narrativos	69
5.1.2. Análise dos dados: o enquadre clínico se faz na transferência	70
5.1.3. Extratos narrativos	78
5.1.4. Análise dos dados: sobre/sob transferência	80
5.1.5. Extratos narrativos	86
5.1.6. Análise dos dados: o on-line produzindo presença e convocando a presença do analista e analisante	88
5.1.7. Sobre a transferência: o discurso do analista	97
5.2. Relatos clínicos e elaborações conceituais – gratuidade para não pagar?	101
5.2.1. Extratos narrativos	102
5.2.2. Análise dos dados: Capitalismo – o dinheiro enquanto fetiche	106
5.2.3. Regime de trocas: das proposições de permutas recusadas à economia orçamentária com o tratamento gratuito	113

6. SOBRE O QUE SE CONCLUI SOBRE O QUE SE CONSIDERA: análise on-line e gratuita, eis aí uma prática ampliada?	117
6.1. <i>Sob-re</i> a transferência: o on-line convoca a presença do analista.....	119
6.2. Quanto ao pagamento na clínica gratuita: Economia libidinal	122
6.3. O que se pode concluir, foi para poder transmitir e não ser se poderia fazer melhor do que escrevendo.....	123
REFERÊNCIAS	127
ANEXOS.....	133

1. INTRODUÇÃO

Como começar do início, se as coisas acontecem antes de acontecer?

Clarice Lispector em “A Hora da Estrela”

O presente estudo que o leitor tem em mãos busca investigar a prática do atendimento clínico psicanalítico no contexto on-line e gratuito a partir de uma pesquisa que foi realizada por dois eixos condutores: 1. O campo da prática clínica de um projeto de intervenção que funciona no formato on-line e gratuito; 2. O campo teórico da psicanálise freudiana e lacaniana.

O projeto de intervenção no qual esta investigação se apoia, surge diante uma experiência de trabalho que se deu no início da pandemia do novo coronavírus SARS-CoV-2¹. Um projeto que foi inaugurado sob o nome de: *Psicanálise e Saúde Mental em Tempos de Crise – Covid-19*². A fundação e a coordenação deste projeto foi e ainda é realizada pela pesquisadora deste estudo, e se sustenta pelo desejo comum de um grupo de psicólogas e psicólogos e psicanalistas³ que se *conectaram* para “ofertar” o atendimento on-line e gratuito.

É diante da construção do projeto de intervenção que o interesse por esta pesquisa vai se aproximando. A prática surge e o desejo de escrever sobre ela se instaura, o tempo é *a posteriori*, sem linearidade, seguindo a lógica subversiva que a psicanálise nos revela. Se o desejo de investigar essa prática vai se originando conforme o trabalho deste dispositivo clínico⁴ acontece, isso conta de outra especificidade da pesquisa: a função da pesquisadora que é também a fundadora do projeto de intervenção e que decide caminhar para materializar, através da escrita, o que vêm se realizando nesse percurso que se inaugura com o advento de uma crise

¹ Doença causada pelo novo tipo de coronavírus identificado no ano de 2019, que leva o nome de SARS-CoV-2. Ele pertence à família de vírus de mesmo nome que causa infecções respiratórias. O vírus tem esse nome porque seu formato, quando observado em microscópio, se assemelha a uma coroa.

² O projeto de intervenção surge em março de 2020 sob este nome, o qual passará por uma transformação diante o segmento do projeto, por este motivo definimos neste primeiro momento usar neste estudo os termos “projeto de intervenção” quando estivermos nos referindo a ele.

³ Cabe aqui elucidar que os profissionais atuantes no projeto são psicólogos(as) em sua formação acadêmica bacharel, estando com sua inscrição ativa no Conselho Regional de Psicologia do Estado de Mato Grosso 18ª região, mas que desenvolvem sua formação clínica em psicanálise, sendo a estruturação do projeto de intervenção feita pela psicanálise. O projeto de intervenção que é nosso objeto de investigação carrega assim a marca da psicanálise e, portanto, será também apoiados na psicanálise que iremos tratar este estudo, sendo assim, aqui será o único momento em que o leitor encontrará a nomenclatura psicólogos(as) e psicanalistas devido a importância informar esses dados. Na sequência, por escolhermos a sustentação metodológica psicanalítica, os participantes da pesquisa e do projeto de intervenção serão nomeados como psicanalistas.

⁴ Chamaremos de dispositivo clínico a prática clínica psicanalítica do projeto de atendimento on-line e gratuito aqui investigado, pois é a instauração desta clínica que vem contar sobre a operacionalidade do que se chama dispositivo.

pandêmica, mas que se sustenta ao se contrapor a concepção de que a psicanálise é destinada exclusivamente à quem possui formação e dinheiro, pois essa falácia ao se avultar, pode resultar em uma crise dentro da própria prática por restringir seu acesso às elites.

Restringir uma prática clínica a uma determinada esfera econômica, diante a justificativa de que se trata de uma experiência cara de se realizar, é coadunar com as lógicas capitalistas que segregam àqueles que não possuem poder econômico, o que poderia resultar na perda do potencial transformador e subversivo da psicanálise que, ao se modelar a lógica capitalista passa a operar como um dispositivo que visa adaptação de sujeitos ao mundo neoliberal.

Neste estudo, a pesquisadora exerceu a função de pesquisadora construtora, o que para a psicanalista Rosana Coelho (2011, p. 7), “é sempre uma aventura arriscada, pois se a prática nos ajuda a ‘estofar’ os conceitos que algumas vezes podem parecer por demais abstratos, ela também pode nos trazer uma ‘pretensão cega’ em relação ao saber sobre o objeto pesquisado”.

Para que a “pretensão cega” fosse suficientemente afastada desta investigação, coube a pesquisa o desafio de colocar à prova os próprios pressupostos de suas hipóteses, pois a psicanálise nos ensina que é possível caminhar sem garantias, desde que circunscritos pela ética e esclarecidos pelo direcionamento que o desenho desta investigação proporciona.

Se estar instruída sobre o que se pretende investigar é condição *sine qua non* para que não sejamos capturados pela “cegueira da pretensão”, se trata de aqui circunscrever o objetivo deste estudo: o qual se localiza em pensar o conceito da **transferência** em uma clínica on-line, seguindo para análise do manejo do **pagamento** da clínica gratuita aqui investigada. Para este intento, os conceitos psicanalíticos aqui estudados foram tensionados diante a experiência dos psicanalistas atuantes no projeto de intervenção, no objetivo de extrair construções teórico-práticas desta clínica investigada.

Durante uma entrevista em 2020, a psicanalista Roudinesco foi interrogada sobre a eficácia dos atendimentos psicanalíticos on-line em meio a pandemia, ao que respondeu:

Há 20 anos os pacientes não são os mesmos. Vivemos em um mundo em que muitos viajam. Isso significa que podemos usar o Skype na terapia psicanalítica, por exemplo, com alguém que está viajando. O que é certo é que não se pode fazer uma análise totalmente on-line, mas, sim, usá-la com pacientes que já conhecemos antes. É necessário um contato na vida real (Roudinesco, 2020).

Esta citação de Roudinesco (2020), que aponta para a impossibilidade de uma análise cem por cento on-line, abre nesta pesquisa o seguinte questionamento: Será que uma

transferência que se produz no tratamento on-line se estabelece sem contato com a vida real como apontado pela psicanalista?

Transferência é vida que pulsa, sendo assim é pelas palavras que se vai tendo notícias sobre a vida daquele que fala. Ainda que determinados casos clínicos solicitem o atendimento presencial, é preciso dizer que esta solicitação não necessariamente se faz pelo motivo do atendimento on-line inviabilizar contato com a vida real.

A investigação sobre a transferência busca examinar esse discurso que aponta o atendimento on-line como fora de contato da vida real (real aqui entendido como a realidade sobre a vida que cada um cria). Essa pontuação, realizada por uma psicanalista reconhecida mundialmente, serve como um apoio bibliográfico que tramita tanto como amparo, como também provoca a confrontar algumas premissas sobre o manejo da transferência no atendimento on-line.

Cabe destacar o cuidado para que não se tome a possibilidade do atendimento on-line enquanto um imperativo categórico, em que todos devem recorrer a esse formato de atendimento, transformando isso numa prescrição a ser seguida. Cabe a cada um e, no um a um, a sustentação da experiência clínica. O estudo vai dando notícias que podem ocorrer situações em que o paciente recue diante o atendimento on-line, assim como poderá o próprio psicanalista se negar a seguir esse formato. Mesmo diante dessas especificidades muito interessa a este estudo os analistas e analisantes que se dispõe ao processo psicanalítico on-line.

A própria *oferta*⁵ do tratamento psicanalítico on-line em um momento de pandemia, já se torna uma possibilidade de *respiro* diante ao fato de que grande parte de nossas escolhas nos foi cerceada. A crise do novo coronavírus, no momento do isolamento social, tirou inúmeras opções que o mundo contemporâneo baseado em uma lógica neoliberal oferta. Entretanto, a pandemia não rompe só com a fantasia de que tudo nos é possível, ela também impossibilita muito daquilo que antes era fonte de satisfação possível. Nesse sentido, poder escolher por iniciar ou seguir um acompanhamento psicanalítico on-line, já dosa o nível de angústia de muitos que sofrem psiquicamente diante a tantas restrições. Assim, decidir por iniciar ou seguir no tratamento psicanalítico, se torna uma possibilidade de escolha que pode restituir algo do sujeito diante a tantas impossibilidades. Fazer essa colocação não equivale a dizer que a psicanálise se restringe em possibilitar um espaço de escolha aos que procuram o atendimento,

⁵ A oferta do atendimento psicanalítico on-line leva em consideração que não é um método que visa atingir no atacado, a psicanálise sempre nos recorda do não-toda.

essa pode ser uma possibilidade, mas um trabalho psicanalítico necessita de manejo clínico do psicanalista comprometido com sua formação.

Como os conceitos aqui investigados são extraídos da experiência dos psicanalistas que praticam a clínica do projeto de intervenção, o leitor acompanhará no decorrer desta escrita um *fio* que vai e retorna do projeto de intervenção à investigação no objetivo de nortear e contextualizar o estudo, ao mesmo tempo em que se empreende um esforço de escrita para que ela não se torne extenuante e desvie o leitor do interesse de seguir acompanhando as *linhas* que seguem. Na sequência segue uma súmula contextualizada teoricamente, sobre os caminhos que este estudo irá percorrer, o que orienta e convida o leitor a seguir este percurso.

Desta forma, o próximo capítulo intitulado “Contexto e caracterização do projeto de intervenção” tratará não só daquilo que seu título anuncia, mas também sobre o problema de pesquisa estudado. Assim, irá contextualizar o momento vivido e demarca a dimensão sociopolítica do Brasil no momento em que a investigação se realiza, como evidencia ainda que o contexto pandêmico foi um acontecimento que produziu um empuxo ao atendimento on-line, mas essa ferramenta já vinha sendo pensada por alguns psicanalistas em um período anterior a esse *boom* de oferta de atendimento psicológico e psicanalítico on-line desencadeado pela pandemia Covid-19. Porém, até o início da pandemia os estudos que se dedicavam a pensar a clínica psicanalítica on-line ainda se faziam escassos, parte destes estudos trazia a marca de trabalhos de psicanalistas interessados pela análise por telefone, pois trata-se de pesquisas desenvolvidas em um período em que as redes digitais não se dispunha como uma ferramenta acessível para o atendimento on-line. Assim, apesar deste estudo se referir ao atendimento on-line, por termos esta ferramenta à disposição e vivermos em uma temporalidade marcada pela era digital, se optou por fazer uso da teoria encontrada sobre a análise por telefone, por entender que há especificidades que aproximam uma análise por telefone com a análise on-line. Afinal, o que torna a *ligação*⁶ possível entre o analista e analisando, tanto em uma análise por telefone quanto em uma análise on-line, é um emaranhado de *fios* que proporcionam um espaço que poderá tecer, ou não, essa *ligação*, ambas as formas pertencentes às formas mediadas pela tecnologia.

Saber dessa semelhança, entre as experiências da análise dada por uma linha telefônica e da que acontece no formato on-line interessa, mas isso não basta, há ainda o dever de caminhar pensando onde essas *linhas* (telefônica e on-line) se cruzam, no que tange o conceito da

⁶ Sabemos que o motor da clínica psicanalítica está na transferência estabelecida entre o analista e o analisando, brincamos assim com o termo *ligação* neste duplo sentido: *ligação* que opera via transferência; e, *ligação* dada pelos recursos tecnológicos para troca de informações.

transferência, para depois se distanciar, pensando quais são as especificidades no que se refere a transferência, entre esses dois modelos de atendimento que não se deve deixar escapar. É através da descrição do projeto de intervenção investigado que se buscou demarcar as transformações que ocorreram neste campo e como essas transformações decantaram em problemas para essa pesquisa. Vemos assim, uma prática experienciada que conduz e se entrelaça a essa pesquisa.

Essas pontuações abrem para o capítulo “Fios teóricos que tecem as investigações da clínica e da pesquisa” que tratará da fundamentação teórica da investigação, pois o uso das contribuições teóricas sobre a transferência na análise por telefone nos abre uma pequena fresta para escavar o que for possível em *terras psicanalíticas*, em busca do material disponível sobre o conceito, esteja ele relacionado à análise por telefone ou à análise on-line. O desenvolvimento teórico é outro eixo desta pesquisa que se faz articulado ao primeiro eixo: a prática investigada, o qual convida autores desde Freud, seguindo para Lacan e seus sucessores a um diálogo com a prática do projeto de intervenção. Este capítulo se faz organizado em tópicos que tratam da operacionalidade da transferência e a questão do pagamento a partir das reflexões das clínicas públicas de Freud.

Sendo a transferência um dos campos aqui investigados, paralelo a ela o estudo produz algumas considerações sobre o estatuto do corpo e suas implicações na transferência na clínica on-line do projeto de intervenção estudado. Essas considerações são tecidas através das narrativas apresentadas pelos psicanalistas participantes da pesquisa e articuladas a teoria sobre o estatuto do corpo em psicanálise para pensar a instauração da transferência em uma clínica onde o corpo se apresenta por detrás de uma tela.

Tendo essas construções sobre a transferência o capítulo da fundamentação teórica também tratará de tecer construções sobre a clínica psicanalítica gratuita, trazendo contribuições sobre o manejo do pagamento na clínica psicanalítica gratuita estudada e pensando as dimensões socioeconômicas e políticas do sofrimento evidenciando a necessidade da psicanálise não ficar de fora desse debate. Para essa discussão optou-se por demarcar as diferenças entre pagamento e dinheiro, partindo de um diálogo sobre as clínicas públicas desde Freud e passando por produções de psicanalistas lacanianos que trazem considerações sobre o dinheiro na clínica psicanalítica.

Desta forma, se realiza uma investigação da clínica on-line e gratuita apoiada aos parâmetros metapsicológicos e éticos disponíveis em psicanálise, sendo essa a base que possibilita as condições para que se lance o desejo como o guia que vai tecendo e conduzindo os *fios* para o estudo desta prática.

Desta feita, este estudo propõe revelar, do mesmo modo que se revela um analista em uma formação psicanalítica, que, se há desejo posto em circulação, articulado ao seu campo epistemológico, costurando saberes e enfrentando as incertezas, isso forma a base para essa investigação. É diante o não saber que a construção deste trabalho inicia seu movimento, visando recolher os resultados sobre o que é a transferência e qual é o manejo do pagamento na clínica investigada.

O esforço neste estudo aspira a movimentos de ampliação das propostas de atendimento diante as urgências subjetivas, para que a clínica não se torne o local onde somente uma parcela privilegiada da população, que deseja o tratamento, possa ter acesso.

Na sequência o estudo abre o capítulo referente ao *corpus* metodológico, intitulado “Construções metodológicas”, onde se encontra uma discussão sobre ciência e psicanálise, argumentado o caráter da pesquisa em psicanálise. O capítulo ainda aborda a materialidade dessa investigação estando na linguagem, ao que se faz necessário descrever sobre qual linguagem este estudo se refere, seguindo para uma breve contextualização da pesquisa no objetivo de demarcar que a investigação conta com a linguagem e os contextos sociopolíticos como elementos essenciais ao fazer pesquisa em psicanálise. Neste capítulo se evidenciará os procedimentos utilizados para coleta de dados a qual se realiza através de encontros on-line da pesquisadora-construtora com os psicanalistas participantes da pesquisa. Tem-se aqui uma pesquisa que se faz sob a forma de pesquisa qualitativa, através do Grupo Focal. É desta forma, que a metodologia da pesquisa pode se fazer em constante articulação ao campo epistêmico psicanalítico, possibilitando o diálogo entre o corpo teórico e a prática do EPUF, podendo fazer com que os métodos utilizados fossem adaptados às contingências da prática investigada para pensar as transformações possíveis do que é estudado sem que isso descaracterizasse a psicanálise.

Dado as bases teóricas e o percurso metodológico, o estudo demonstrará a análise dos dados, as quais foram constituídas pelos extratos narrativos coletados e articulados a teoria formando assim os relatos clínicos conceituais que resultaram nos constructos teórico-prática desta pesquisa. O capítulo dedicado a estes aspectos chama-se “Entrelaçamento dos fios: linguagem, teoria psicanalítica e prática clínica”.

O estudo aqui tratado se encerra com as considerações finais, intitulada “Sobre o que se conclui ou sobre o que se considera: Análise on-line e gratuita, eis aí uma prática ampliada?”, onde é retomado o caráter sociopolítico em que esta pesquisa se assenta e demarcado os resultados sobre: a transferência e o pagamento na experiência clínica on-line e gratuita.

Por fim, a guisa de concluir este primeiro capítulo do estudo, demarca-se que o desafio de mapear os novos caminhos que a psicanálise vem traçando é uma condição imperativa para manter sua viabilidade em um mundo que se reformula a cada acontecimento e/ou a cada passagem do tempo. O desafio de uma clínica psicanalítica on-line e gratuita, as transformações promovidas durante a estruturação do projeto de intervenção, os trabalhos desenvolvidos em programas de ensino e pesquisa e a inserção do EPUF em um projeto de extensão, são indicadores que carregam algumas evidências de que a psicanálise segue viva e podendo responder às questões de nossa época, pois, sua prática não se reduz a um *setting analítico tradicional* e nem a um recorte de classes socioeconômicas privilegiadas.

A psicanálise, ainda que possua como dispositivo o divã e o pagamento, ela, como Freud já nos advertia, não deve ficar limitada a determinadas formulações que segregam. Freud sabia que a manutenção da psicanálise dependeria de sua penetração no tecido social e que diante o sofrimento, clichês como: “*uma psicanálise precisa ser cara*”, “*análise só se faz no divã*” e “*há somente um tipo de enquadre clínico para que a análise aconteça*”, se tornam línguas mortas.

Quanto a psicanálise? Essa segue pulsando nas ruas, nos consultórios, nos atendimentos on-line, nos hospitais, para o pobre, para o rico, nas pesquisas, enfim, onde houver vida reivindicando por *Ser vista e escutada*.

2. CONTEXTO E CARACTERIZAÇÃO DO PROJETO DE INTERVENÇÃO

Entre a submissão do Projeto da Pesquisa ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia e a defesa da dissertação, passaram-se três anos. Assim, é necessário demarcar o momento em que a pesquisa se realizou, articulando o contexto sociopolítico e não só os aspectos teóricos e metodológicos.

O ano foi o de 2020, o qual foi marcado por uma gestão do governo brasileiro que flertava com o regime totalitário obscurecendo o horizonte democrático. Junto a esse contexto sociopolítico no Brasil, instala-se uma crise sanitária, a qual é retomada em forma de escrita nas linhas que seguem.

Março de 2020, o mundo estava diante das incertezas angustiantes impostas pela pandemia Covid-19, a população brasileira se vê diante a realidade que até então só era acessada pelas notícias do que se passava pela China e Itália. A realidade rasga o véu que encobria a vulnerabilidade do humano e o arrasta diante ao temível medo de morrer ou da morte de alguém a quem se ama. O sofrimento se torna tão contagioso quanto a proliferação do vírus. Os consultórios estabelecidos em seus *settings* analíticos, constituídos por poltronas e divãs, fecham suas portas para que não se receba mais os analisandos. Fazer isso foi preciso, pois o isolamento social, naquele momento, era o único meio para prevenção da contaminação.

16 de março de 2020, 16 de março de 2020, espalha-se a notícia do primeiro óbito em decorrência da covid-19. Trata-se de um homem de 62 anos, internado no Hospital Sancta Maggiore Paraíso na zona sul de São Paulo (Pires, 2020)

12 de março de 2020, sim, retomamos o calendário em linha pregressa, mas não para falar de uma lógica não linear que a subjetividade comporta e a psicanálise busca interpretar, mas para marcar o dia que a primeira vítima de Covid-19 veio a óbito no Brasil, o qual só foi confirmado oficialmente em junho de 2020. A vítima? Uma mulher, diarista, moradora da zona leste em São Paulo, 57 anos, internada no Hospital Municipal Doutor Carmino Cariccio - zona leste (CNN Brasil, 2020).

Este fato é tomado neste estudo como indecifrável, mas não inabitual, visto que no Brasil a morte do povo preto e pobre tende a ser invisibilizada. Para Denise Euletuério, Neusa Maria e Josefina Serra dos Santos (2020), tal invisibilidade ocorre porque na nossa sociedade há hierarquização e hegemonia que alimentam as desigualdades sociais, omite da população preta o acesso aos seus direitos, deixando-a à margem, em situação de risco e vulnerabilidade social. Desta forma, a população preta tem sua dor e morte naturalizada diariamente, onde a violência e opressão é um quadro generalizado.

A casa onde a vítima morava, vivia ainda seus filhos e o esposo (auxiliar de limpeza), que mesmo diante a um momento de dor do luto, de sofrimento e medo, precisaram se manter isolados (CNN Brasil 2020). Como elaborar um trabalho de luto diante o medo de outras perdas? Como encontrar escuta capacitada que dê bordas as dores diante os consultórios de portas fechadas? Como pagar por um tratamento psicológico quando o que prevalece é a preocupação em encontrar meios de subsistência que não aniquile a própria vida? Como enxergar essas vidas, que sofrem, morrem, são violentadas e que, se não se demora a ser reconhecida, muitas vezes passa invisibilizada pelo estado?

Esses acontecimentos são retomados nesta pesquisa, pois eles fazem parte da formação do projeto de intervenção e da investigação, promovendo um enlace entre o compromisso social e político diante a nossa temporalidade. É isso que dá forma aos elementos sociopolíticos desta pesquisa, afinal, a mesma pandemia que nos impediu de circular é a que revelou, de forma ainda mais crua, o abismo social enfrentado no Brasil.

É diante o esgarçar do *fio* de dignidade, que muitos supunham que o pobre no Brasil possuía, que o projeto de intervenção e posteriormente, esta pesquisa, nascem e buscam se *conectar* tanto: aos psicanalistas desejanter por trilhar esse processo de modo coletivo, como: ao mundo tecnológico para poder favorecer o atendimento clínico durante o período de isolamento social, e ainda: a realidade social e econômica de um país que segrega e invisibiliza o pobre.

Um *fio* se esgarça, se desfazem laços e as *conexões em linha* vão tentando tecer as amarrações possíveis que deem conta de algum anteparo diante o abismo vivido. Essas amarrações se referem tanto ao que é da ordem individual, de um processo de elaboração íntimo, como também no que se refere a lógica coletiva, que demanda a sustentação desses *fios* que se unem por elos compondo o tecido social para que assim possamos seguir apostando na civilização, em busca de uma clínica atenta a seu tempo para elaborações do processo de lutos e sofrimentos.

2.1. Caracterização do Projeto de intervenção – inquietudes que decantam de uma experiência viva resultando em problemas de pesquisa

Figura 1. Logo do Projeto Escuta por um Fio



Fonte: Vanessa Proença – Vice-coordenadora do Projeto

É em Março de 2020, junto ao início de uma fase crítica no Brasil, imposta pela pandemia, que se forma o *Psicanálise e Saúde Mental em Tempo de Crise - Covid-19*. A origem do projeto de intervenção se faz diante o desejo da pesquisadora de ampliar o atendimento psicanalítico à população que não possuía condições socioeconômicas para tratar de seu sofrimento, um desejo que há alguns anos insistia em apontar, mas que era escamoteado diante as demandas de uma vida ordinária que se recusa a trilhar um caminho inexplorado. É perante as instabilidades da vida que o desejo de trilhar esse caminho é admitido e se iniciam os primeiros passos para reunir psicanalistas interessados em trilhar esse percurso juntos.

O convite é lançado aos colegas através de uma mensagem de *WhatsApp* no grupo de psicanalistas membros e alunos de uma escola de psicanálise, o Corpo Freudiano – seção Cuiabá, MT. Em um primeiro momento, compreendendo o período de março à novembro de 2020, o projeto contava com 25 psicanalistas atuantes. Embora nesse período houvesse a chegada de outros profissionais e a saída de alguns, a média de profissionais participantes se manteve entre 20 a 25.

Outra especificidade deste momento inicial é o de que toda organização para a realização dos atendimentos on-line e gratuito se fazia via *WhatsApp* por meio dos seguintes passos: 1. uma mensagem contendo informações sobre o projeto e o contato da fundadora foi compartilhado nas redes sociais (Facebook e Instagram); 2. aquele(a) interessado(a) pelo atendimento entrava em contato com o número disponibilizado e a fundadora fazia a triagem

inicial da demanda e; 3. encaminhava para o paciente o contato do psicanalista disponível para que os atendimentos tivessem início.

Desta forma, neste período não havia uma organização que permitisse dimensionar o número de analisantes atendidos pelo projeto de intervenção, o que havia era o interesse de cada um que se disponibilizou para atender o sofrimento das inúmeras pessoas que buscavam tratar suas angústias.

Em novembro de 2020 a fundadora do projeto faz o convite para que seja realizada a primeira reunião on-line entre os psicanalistas participantes do projeto. A proposta era a de sedimentar o projeto de intervenção buscando reger os critérios necessários para sua sustentação. É neste momento que muitos psicanalistas decidem fazer seu desligamento do projeto, um efeito colateral esperado visto que os critérios para seguir atuando demandava mais tempo de cada membro, pois a ideia era a de reunir quinzenalmente para discussões clínicas e estudo teórico.

Junto a essas transformações o projeto passa a se chamar: “*Escuta por um fio: Rede de Atendimento e Estudo Psicanalítico*” (EPUF)⁷, mantendo aceso o desejo de psicanalistas que apostam na importância de espaços de estudo e trabalho. O novo nome se fez buscando simbolizar que há uma aposta no projeto, em cada analisante que demanda ser ouvido e em cada analista que reconhece que a escuta está sempre *por um Fio*:

[...] por um fio, da relação entre analista-analisando que se constitui a cada encontro e que, por diversos motivos, pode se romper. Por um fio, por se tratar de um contexto em que as relações, a vida e o mundo, mais do que nunca, estavam por um fio. Paulatinamente alguns laços foram sendo rompidos: das vidas que amamos e vieram a falecer; dos empregos e socializações que viraram quase fiapos; e dos direitos básicos que se romperam tornando-se fios soltos que não dão sustentação suficiente à população. Por fim, mas não menos importante: a fundação do projeto e a sua sustentação, até hoje, se dá majoritariamente on-line. Ou seja, por fios que conectados formam uma rede de comunicação (Ebert; Proença, 2022).⁸

Quanto ao nome “*Rede de Atendimento e Estudo Psicanalítico*” ele se formula pela compreensão de que *rede* é o efeito desta constituição que se faz através de um emaranhado de *fios* que possibilita a *conexão* de psicanalistas interessados em formar um corpo clínico. Sendo

⁷ A partir desta apresentação, passaremos a fazer referência ao projeto de intervenção utilizando nas linhas que seguem a sigla EPUF.

⁸ Trata-se de um texto elaborado para sustentar a realização do minicurso “Escuta por um fio: atendimento gratuito e online na abordagem psicanalítica”, escrito por mim e pela vice-coordenadora do EPUF, Vanessa de Jesus Proença. Tal minicurso foi realizado na X Semana Acadêmica de Psicologia da UFMT, porém só foi emitido certificado de participação. O texto/resumo da apresentação não foi publicado nos anais do evento, impossibilitando uma citação mais formal conforme as recomendações da ABNT.

assim, o significante *rede* se faz entrelaçado a dois motivos: 1. Por entender que o território onde os atendimentos acontecem se situa em uma rede tecnológica, a qual possibilita os encontros entre analista e analisando, e; 2. Por entender que é pela formação de/em uma *rede*, que o corpo clínico do EPUF se compõe interessado e implicado em viabilizar - *pela rede e em rede* - os encontros entre os psicanalistas para as discussões pertinentes ao projeto e o estudo.

As reuniões de estudo e discussões clínicas entre os psicanalistas voluntários, torna-se um dos pilares que organiza o EPUF compreendendo a clínica e a teoria nessa constante *conexão*, pois, ainda que pela via on-line, teoria e clínica precisam se fazer *conectadas*.

Outro significante importante é o *estudo* psicanalítico, incluído na busca de manter o rigor teórico, técnico e ético desta prática composta por analistas que se organizam e compreendem a clínica e a teoria entrelaçadas.

Conforme essa experiência foi ganhando forma, através das discussões clínicas e dos estudos realizados dentro do EPUF, os psicanalistas responsáveis pelo projeto foram estabelecendo algumas diretrizes que permitissem ao grupo falar a “mesma língua”, assim, se construiu um estatuto para o funcionamento do EPUF⁹. Este estatuto está à serviço de funcionar como placa orientativa que aponta um caminho ao EPUF, mas que reconhece que esse percurso pode sofrer alterações a depender das condições que vão sendo experimentadas na prática clínica, como também compreende que o rigor deve se manter como base importante de sustentação do trabalho analítico.

O ano de 2020 vai chegando ao fim e a pandemia, que muitos acreditavam poder desvanecer junto a passagem do ano, insistiu em permanecer e talvez ainda mais amarga, pois agora tínhamos o cansaço, as perdas sofridas e todos os demais efeitos devastadores que o vírus produziu em cada sujeito e nos laços sociais. Junto a essas transformações do projeto de intervenção eis que ressurge um outro desejo, o da pesquisadora de pleitear uma vaga de mestrado para investigar a prática clínica que vinha se delineando no projeto de intervenção.

A pandemia possibilitou os primeiros ensaios das *conexões* do projeto de intervenção, as quais concatenaram no desejo de alguns psicanalistas em sustentar essa prática e no desejo da fundadora do projeto de investigar essa experiência, afinal, como cita Silva e Macedo (2016) o que se vive na prática clínica é justamente o que viabiliza um problema de pesquisa e faz emergir algumas hipóteses.

⁹ O estatuto do projeto de intervenção se encontra no Anexo 2 deste trabalho como uma forma de melhor localizar o motivo pelo qual nos referimos à ele como um documento que orienta a prática do atendimento on-line e gratuito do EPUF.

É assim que o projeto de intervenção e a pesquisa se enlaçam e possibilitam a instauração de uma investigação que objetiva extrair as construções teórico-prática desta clínica investigada.

Enquanto os psicanalistas do EPUF, se interessavam em sustentar um dispositivo capaz de *conectar* e mitigar o sofrimento, fazendo um contraponto acompanhava-se o surgimento de novas variantes do vírus da Covid-19 que agregavam mais dores, medos e que empreendia um trabalho árduo ao desfazer algumas conexões afetivas

O desfazer de tais conexões foram ocasionadas por algumas razões como a morte de pessoas queridas decorrente de complicações causadas pela Covid-19, mas também, pelo rompimento de elos afetivos como consequência da polarização ideológica e partidária política que assolou o Brasil. Essa polarização reforçava discursos extremistas que negavam a gravidade diante do enfrentamento da pandemia.

Alguns autores argumentam que não existia no Brasil uma polarização ou politização da pandemia Covid-19, um deles é o professor de Ética e Filosofia na Unicamp, Roberto Romano. Em 2020, o professor é entrevistado por Felipe Matheus no programa “Direto na fonte – especial Coronavírus”, da TV Unicamp e afirmou sobre a existência de “[...] uma politização anterior de questões que aparecem para o público como meramente técnicas, mas que na verdade são decisões políticas contra a sociedade, contra os mais pobres” (Romano *apud* Lauretti, 2020). A questão é que a psicanálise se faz na pólis, e sua sustentação se faz contrária ao que segrega, oprime ou violenta, sendo assim, cabe a este saber se fazer em favor de uma política que pulsa em favor dos que sofrem por sempre serem postos à margem.

Retoma-se assim um fragmento da citação de Silva e Macedo (2016), exposta acima, pois, se o que se vive na prática clínica é justamente o que viabiliza um problema de pesquisa e faz emergir algumas hipóteses, o que vivíamos era um contexto sociopolítico que produzia efeitos psíquicos nefastos, em especial a população pobre que já vivia à margem e que diante a pandemia a situação se tornou ainda mais precária.

É assim que essa investigação tem como objetivo analisar conceitos psicanalíticos no objetivo de extrair os constructos teórico-prática sobre a transferência e o pagamento em psicanálise na clínica do EPUF aqui descrita. A elaboração do problema e objetivos supracitados, não poderia se dar sem considerar o contexto sociopolítico vivido no Brasil durante a pandemia e seus efeitos na atualidade como exposto até aqui.

3. FIOS TEÓRICOS QUE TECEM AS INVESTIGAÇÕES DA CLÍNICA E DA PESQUISA

O analista útil, cidadão, é a favor da existência de um lobby que intervenha no debate democrático. Deve transformar-se em um lobby e isso não é uma desgraça. Antes se pensava que somente havia que incidir no campo da cultura. Os analistas têm que se despertar um pouco! O campo da cultura tem mudado por completo. [...] Já não se pode recordar com nostalgia: ah, o tempo de Sartre, o tempo de Lacan! Não há dúvida; o tempo de Sartre, o tempo de Lacan já não são o nosso tempo. [...] Os analistas devem opinar sobre coisas precisas, começando pelo campo das psicoterapias, a partir de onde se incide, de certo modo, na saúde mental e sem esquecer essas novas formas de consideração ou de transformação científica dos ideais, do pai como ideal.
(Laurent, 1999, p. 11).

Exposto o primeiro eixo que faz referência a caracterização do campo onde essa pesquisa se realiza, a prática clínica investigada, neste capítulo será delineado o segundo eixo que compõe o estudo: o campo teórico da psicanálise que se refere aos conceitos sobre a transferência e o pagamento. São esses dois eixos que se articulam (prática clínica investigada e campo teórico), tendo em seu horizonte a dimensão sociopolítica vivida no cenário brasileiro, que produzem as construções teórico-prática dessa pesquisa. Desta forma segue-se para delinear o percurso teórico por onde essa investigação caminhou.

É através de Freud e de Lacan que esta investigação vai sendo tecida teoricamente. O embasamento teórico sobre a operacionalidade dos conceitos investigados se sustenta através destes dois grandes psicanalistas e por autores lacanianos contemporâneos.

O percurso teórico aqui traçado se fez aliado ao rigor e a ética necessária para constituir a legitimidade da pesquisa e fundamentar a *práxis* clínica estudada. A palavra *práxis* é aqui destacada, pois seu alcance, como Lacan propunha, ultrapassa uma prática, fazendo referência

à implicação de um analista perante sua formação, a qual envolve análise pessoal, supervisão clínica e estudo, resultando em uma ética, a ética do desejo de analista. A práxis em psicanálise é um termo amplo que designa “uma ação realizada pelo homem [...] que o põe na condição de tratar o real pelo simbólico” (Lacan, 1964/2008, p. 14). É deste lugar que a clínica psicanalítica opera, tratando o real pelo simbólico, a qual se faz pela ação do analista diante o desejo de analista. Se temos a ação pondo a clínica em movimento, podemos então falar de uma prática analítica que não se “localiza” em seu *lócus* hegemônico, mas sim na formação de um analista, ou como cita Figueiredo (2021), na mente do analista que possui transferência com a psicanálise.

O arcabouço teórico que sustenta a pesquisa é formado por diversos autores lacanianos, mas sempre indo à Freud e retornando a ele, porque é preciso partir da fonte e retornar à ela sempre que necessário. Desta forma, o *corpus* teórico deste estudo parte de uma questão que é muita cara à psicanálise e que foi elaborada por Lacan, que justamente não só partiu de Freud, mas o retomou, resgatando e dando sequência a sua teoria. Será no texto *A coisa freudiana ou Sentido do retorno a Freud em psicanálise* (1955), que Lacan nos advertirá da importância deste retorno, “[...] digo do movimento da psicanálise, onde as coisas chegaram a tal ponto que a palavra de ordem de um retorno a Freud significa uma reviravolta” (Lacan, 1955/1998, p. 403). Diante desse retorno a Freud, Lacan (1955/1998) aponta a questão tão onerosa a psicanálise e que foi marca de todo o seu ensino: Mas afinal, o que fazemos quando fazemos psicanálise?

Essa foi a pergunta norteadora do ensino de Lacan (1955/1998) e aqui é retomada por se verificar que há uma tendência em reduzir a prática clínica, empobrecendo e negligenciando a potencialidade dela quando se diz que: “análise só se faz em um *setting* terapêutico adequado, com pagamento feito em moeda corrente. Que uma análise deve “custar” caro. Que ela não é para qualquer um ou, que aquele que deseja uma análise busca formas para realizar o processo”. Essas são frases, reproduzidas de maneira violenta, pois toma o problema sobre o sofrimento humano como sendo restrito a ordem individual, não tendo relação com um sistema que exclui àquele que não se adequa aos ditames socioeconômicos. Expõe-se esses clichês, pois eles também são reproduzidos no meio onde haveriam de serem refutados: o meio psicanalítico. Restringir o sofrimento a dimensão psicológica, ainda que se trate de uma dimensão importante, é psicologizar toda precariedade do mundo, excluindo os contextos: sociais, econômicos, culturais, políticos e históricos que fazem parte da produção do sintoma dos sujeitos e do qual todo psicanalista deve estar advertido, afinal, uma análise que não admite nenhum contato com a realidade do mundo pode afundar um sujeito como também tende a afundar uma teoria.

Incluir os demais contextos não exclui a sistematização e reconhecimento de que uma análise possui um enquadre para que aconteça, como não anula a implicação individual sobre o modo de como cada sujeito recebe/concebe seu banho na cultura. Um psicanalista é alguém que precisa estar advertido de que os contextos dão contorno ao mundo, da mesma maneira que precisa saber que há teorias e técnicas que sustentam uma análise. Desta forma, cabe dizer que um psicanalista deve sim saber sobre os *enquadres*, sejam os da clínica ou os que moldam o mundo, pois este último faz parte da produção de sofrimento dos sujeitos no mundo.

É a partir dessas colocações que se torna possível traçar os *fiões* teóricos condutores que dão sustentação à pesquisa no objetivo de discorrer sobre os conceitos investigados, iniciando com algumas considerações sobre a transferência na psicanálise Freudiana e Lacaniana, que caminha para discorrer sobre o estatuto do corpo em psicanálise quando tratamos da transferência, questão cara à teoria psicanalítica e muito discutida quando se trata do atendimento on-line. Na sequência abre-se para pensar o manejo do pagamento na clínica psicanalítica o que produz uma articulação sobre as dimensões produtoras do sofrimento na civilização capitalista, pois se trata de um sistema que concebe que tempo é dinheiro.

Esse arcabouço teórico foi construído pensando os conceitos psicanalíticos que nesta investigação foram tensionados diante a clínica do EPUF, a qual traz duas formas não clássicas da clínica psicanalítica: o atendimento *on-line* e *gratuito*, que enlaçados nos remete às reflexões de uma prática sociopolítica. Tales Ab’Saber (2016 *apud* Bragança, Biazus e Alberti, 2022), nos fala sobre a importância de o psicanalista não dissociar sua práxis dos contextos sociopolíticos, demarcando que, saber destes trabalhos que decidem caminhar sobre outros terrenos é, “viver em contextos muito diferentes daqueles de sua origem, sendo uma riqueza real do espaço público entre nós poder receber grupos de analistas comprometidos, que não diferenciam psicanálise, cidadania e direitos” (Ab’Saber, 2016 *apud* Bragança; Biazus; Alberti, 2022, p. 99).

É a partir desta tentativa, de não dissociar a prática investigada do campo teórico da psicanálise e das *linhas* temporais do cenário sociopolítico brasileiro, que essa pesquisa acontece e, dessa forma, tece algumas considerações teóricas sobre a dimensão sociopolítica de nossa temporalidade.

3.1. Considerações sobre a transferência na psicanálise Freudiana e Lacaniana

[...] a efetividade do método psicanalítico provavelmente reside no paradoxo de ser uma

técnica que não se pode ritualizar, sob pena de ver-se a prática reduzida, de modo estereotipado, a uma ortopedia e sugestão abusiva, quando não ao completo descaso com aquele que sofre.
(Carvalho, 2005/2019).

Será através de Figueiredo (2021), em seus estudos sobre a mente do analista, que a contextualização teórica sobre a transferência fará sua entrada neste estudo e nos convida a pensar sobre a transferência na clínica on-line estudada. A escolha de começar por um autor contemporâneo, que traz considerações sobre o que há de mais novo em psicanálise, se faz no intuito de organizar este capítulo de forma anacrônica, partindo do atual e seguindo até as origens do conceito da transferência, no momento em que Freud descobre o fenômeno da transferência como o motor do processo analítico. Assim, traça-se uma articulação entre a teoria lacaniana e o que Figueiredo (2021), propõe.

Figueiredo (2021), em seu texto em que trata do atendimento remoto, ele propõe *a mente do analista* como o *enquadre clínico* necessário ao manejo de uma análise. Para Figueiredo (2021) o enquadre de uma análise está localizado na mente do analista, um enquadre interior que é constituído pela dimensão ética, técnica e pela capacidade de escuta deste analista, eis aí a aproximação do que o ensino de Lacan nos propõe ao tratar que um analista é aquele que se faz ao ser colonizado pelo desejo de analista¹⁰, defendendo que há uma estrutura desejante que habita o analista. O enquadre é, portanto, essa operação interior da mente do analista em atividade, defendida por Figueiredo (2021) que se estabelece via transferência do analista com a psicanálise, em um compromisso do analista com sua análise pessoal e prática clínica.

Esta proposta de Figueiredo (2021) faz a entrada do diálogo que busca fundamentar teoricamente o conceito de transferência, pois, nos convoca a embasar como se compõe esta operação interior da mente do analista. Que território incomum é esse, que não se faz em um espaço físico, onde se desenvolve a função de um analista?

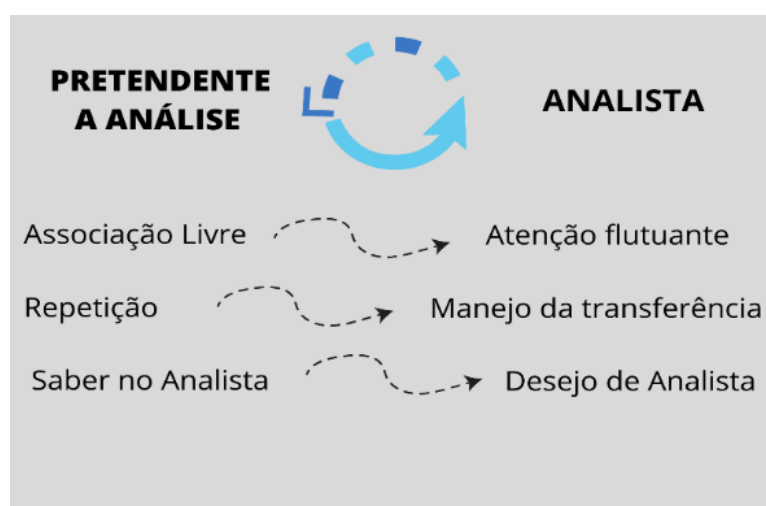
É a partir deste lugar de transferência do analista com a psicanálise que poderá emergir o enquadre clínico que se faz composto por analista e analisante. Sendo assim, a transferência que precisa ser manejada por um analista com seu analisante, só será possível de ser trabalhada

¹⁰ Em *A Ética da Psicanálise – Seminário 7* (1986/2008), Lacan define o desejo de analista como um desejo pelo saber que permite ao analisante reconhecer algo para além de suas convicções morais. O desejo de analista é, portanto, esse desejo pelo saber livre de concepções e preconceitos que possibilita que o paciente fale, associe e elabore.

se antes houver a transferência do analista com a psicanálise, essa última precisando ser levada em consideração no decorrer de toda a formação de uma analista, que como a psicanálise nos adverte; nunca tem fim.

A transferência que cada analista estabelece com a psicanálise, a partir de sua formação, é o que vai constituindo o enquadre interno de um analista para que ele opere na transferência com seu analisante, assim, é nesse enlace entre a proposição de Figueiredo (2021), a teoria freudiana e lacaniana, que nas linhas que seguem é traçado uma simulação que busca demonstrar o cenário que possibilita a instauração e o manejo da transferência em um processo analítico, sendo assim supõe-se que: Se há um sujeito do inconsciente (o analisante) disponível ao trabalho, que associa, fala, tem sintoma, transferência e que possui um corpo que transcende a ele mesmo – pois é um corpo libidinal e, por assim ser, pode manter sua presença no virtual através da enunciação corporal –, e; Se temos alguém (o analista) que escuta o dito e o não dito, que trabalha a transferência, que sabe que o desejo inconsciente passa mais pela enunciação do que pelo enunciado e que está disposto a escutar para além do enunciado, tem-se então o cenário que possibilitará a instauração e manejo da transferência, a qual independe de ser realizada em: on-line no divã, no hospital, na rua, pois o que está em jogo é o manejo de cada analista, apoiado em sua perspectiva teórica, sobre a transferência, seja ele on-line ou no leito de um divã.

Figura 2. Como opera a transferência



Fonte: Elaboração da autora.

No esquema posto acima há o pretendente a análise que endereça sua queixa ao analista (representada no quadro sob a seta azul clara contínua), ao que o analista devolve a questão direcionada a ele sob sua forma invertida, produzindo fraturas no discurso (representada pela imagem em seta azul pontilhada). Uma análise só opera sob a transferência, a qual se faz na

repetição produzida pelo analisando e na resposta do analista, ocupando o lugar de desejo de analista, pode manejar o processo analítico. É nessa relação dialética que se assenta a ética psicanalítica, uma ética que se faz entre o desejo do analisando e o desejo de analista.

Toda essa articulação exposta através da proposta de Figueiredo (2021) sobre o enquadre interior de um analista, se faz por ter íntima relação com um dos conceitos aqui investigados: a transferência. O que a teoria psicanalítica constata é que o que conduz uma análise está *localizado* no manejo da transferência, é dessa palavra (transferência) que Freud se apropria no decorrer de sua obra para conceituar uma operação necessária a instauração e sustentação de uma análise.

Em Lacan (1961/1992) vemos o conceito da transferência ser colocado a partir da proposição da lógica de sujeito suposto saber, “[...] o fenômeno da transferência é ele próprio colocado em posição de sustentáculo da ação da fala” (Lacan, 1961/1992, p. 175). Assim, cabe ao analista saber o *lugar* de onde deve operar, lugar que para Figueiredo (2021) se configura na mente do analista, para que assim poder escutar a fala que lhe é endereçada e que está engendrada pelo artifício da transferência.

O conceito da transferência vai sendo refinado no decorrer de toda obra freudiana, Lacan (1958/1998) tratou deste assunto seguindo na mesma direção, é em *A direção do tratamento e os princípios de seu poder* (1958), que ele produziu sua primeira tentativa epistemológica de configurar o lugar de uma clínica psicanalítica ao delimitar que um analista não é alguém interessado no que diz o sujeito, mas interessado no que diz o sujeito desde a sua posição. Se o lugar de um analista, que demarca a funcionalidade de uma clínica, é o de poder escutar a posição discursiva de cada sujeito, o que do atendimento on-line na clínica do EPUF interferiria na escuta da posição discursiva do sujeito?

É sobre essas questões que o estudo se inclina, não se reservando a uma redução respondendo que o que garante uma análise é a transferência que endereçada ao analista se depara com o desejo de analista. Ainda que essa teorização muito interessa a essa investigação, se torna necessário tensionar o conceito sobre a transferência no objetivo de circunscrever a sua operacionalidade no atendimento on-line do EPUF, pensando como essa força, a transferência, opera metodologicamente no trabalho analítico on-line, no esforço de tratar a funcionalidade da clínica on-line assentada em seus parâmetros éticos e metapsicológicos.

Desta forma, o conceito de transferência assume um lugar primordial nesta pesquisa, pois interessa saber se há possibilidade de instauração da transferência no atendimento on-line do EPUF e como ela opera, o que resultou nas construções teórico-prática que propõe uma definição sobre o que é a transferência nesta clínica investigada.

Fink (2015), é um dos psicanalistas que demonstrou interesse em descrever a prática clínica para além do *setting* analítico tradicional através de contribuições teóricas sobre a transferência no atendimento via telefone, um interesse que marca um psicanalista em transferência com a psicanálise, pois buscava encontrar soluções possíveis aos problemas encontrados em sua prática clínica. Temos contribuições do autor que aqui merecem um destaque, pois, Fink (2015) versa sobre a análise por telefone em um momento anterior a pandemia, portanto, anterior a expansão das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs), problematizando essa questão de um *lugar* que convoca a refletir se o empecilho a uma análise estaria reduzido a simples adequação de um *setting* terapêutico com poltronas e divã. Para falar sobre este assunto, Fink (2015) cita fragmentos de casos clínicos por ele atendido, como ainda de casos encontrados em pesquisa realizada por outros autores, do qual fez uso para elaborar seu pensamento sobre o atendimento via telefone. Assim, o psicanalista encontrou que os pacientes atendidos via telefone mencionavam ter tido mais êxito em sua análise nesse formato do que as que haviam feito em outro momento com psicanalistas que davam muita importância ao ambiente da sessão.

Richards e Goldberg (2000) fizeram uma pesquisa e descobriram que mais de 85% dos membros da Divisão de Psicanálise (Divisão 39) da Associação Americana de Psicologia já tinham feito pelo menos alguns trabalhos por telefone e ficaram satisfeitos com os resultados. Parece, no entanto, que poucos analistas escreveram sobre isso, Sharon Zalusky (1998) em Los Angeles foi uma notável exceção. Curiosamente, ela percebeu que em sua primeira experiência com análise por telefone, ela ‘estava mais presente para ouvir as nuances das associações de sua [paciente]...e foi capaz de ouvi-la de forma diferente’ (Fink, 2015, p. 299).

O uso das contribuições teóricas do trabalho de Fink (2015) produz uma aproximação ao campo aqui investigado, uma aproximação que se refere as especificidades dadas em uma análise por telefone com a análise on-line, pois ambas as formas pertencem às formas mediadas pela tecnologia que conduzidas por fios podem promover e sustentar a transferência.

3.2. Os primórdios da transferência enquanto conceito psicanalítico

Dado o interesse de iniciar esse capítulo tecendo contribuições teóricas mais recentes para retroceder no tempo, e, posto essas contribuições teóricas que mais se aproximam do tempo em que essa investigação se realiza, passa-se agora ao primórdios da construção do conceito da transferência, no momento em que Freud se depara que há um fenômeno no processo analítico que é o motor que rege uma análise e que faz ele renunciar as técnicas da hipnose e da ab-

reação, pois o que está em jogo em uma análise se refere ao manejo do que o analisante repete e dirige ao analista, e a essa situação ele deu o nome de transferência, a qual a habilidade de um analista manejar é o segredo de uma análise, ou deixando para Lacan (1958/1998) melhor dizer.

Quanto ao manejo da transferência, minha liberdade, [...] vê-se alienada pelo desdobramento que nela sofre minha pessoa, e ninguém ignora que é aí que se deve buscar o segredo da análise. O que não impede que se creia estar progredindo nesta douda afirmação: que a psicanálise deve ser estudada como uma situação a dois. Decerto se introduzem nela condições que lhe restringem os movimentos [...]. (Lacan, 1958/1998, p. 594).

Pensar o estabelecimento e sustentação da transferência é condição *sine qua non* para que uma análise aconteça, portanto, para seguir delineando teoricamente este conceito alinhado às questões que decantam na prática do EPUF, optou-se por descrever teoricamente o estatuto do corpo em psicanálise visando pensar a instauração e sustentação da transferência em uma clínica onde o corpo do analista e do analisante ficam por detrás de uma tela. Como fica quando a pessoa do analista se encontra no ambiente on-line? Que corpo é esse que se encontra *entre linhas*, por trás de uma voz ou de uma tela?

Desta forma, as considerações sobre o estatuto do corpo em psicanálise surgem neste estudo diante o objetivo de melhor circunscrever o fenômeno da transferência no atendimento on-line, traçando nas *linhas* que seguem um breve ensaio sobre o estatuto do corpo em psicanálise, o qual carrega as origens do conceito da transferência cumprindo a proposta deste capítulo de descrever este conceito de forma anacrônica.

Para falar sobre o corpo é preciso destacar que ele se faz presente desde a origem da psicanálise, quando Freud diante sua postura investigativa se interessa por decifrar os *corpos-enigmas* das histéricas que apresentavam sintomas e questionavam a medicina por não possuir causas orgânicas. A psicanálise, ainda que se reinvente diante as novas demandas do mundo, mantém o corpo como este suporte essencial ao processo analítico, reconhecendo o corpo matéria, mas não se detendo a esse corpo organismo, pois há um corpo que precisa se apresentar em uma análise e a esse corpo ele se apresenta quando é narrado.

Maurano (2006), em seu livro sobre a transferência trará uma bela síntese sobre a caracterização da transferência desde a sua origem, demarcando que é pelo interesse de Freud, em decifrar os *corpos-enigmas* das histéricas, que a transferência pode ser reconhecida e caracterizada.

É Freud quem dá ao corpo um outro estatuto para além do corpo organismo quando solicita a suas pacientes que falem sobre o que sentem no seu corpo. Não se tratava de um corpo que possuía uma alteração clínica que o médico pudesse diagnosticar, não havia área mapeada

cl clinicamente pela medicina que justificasse o mal estar apresentado pelas histéricas que buscavam tratar de seu sofrimento, mas havia sofrimento e é a isso que Freud se dispõe a ouvir, o sofrimento que não é identificado pelo olhar clínico de um médico que se limita ao campo biológico, mas que pode ser acessado pela escuta atenta de um analista interessado em ouvir o que está para além do corpo biológico. Freud então inaugura uma clínica que reconhece a importância do corpo matéria, mas que se interessa em escutar o corpo que é historicizado, o corpo que é narrado e que possui suas marcas.

Instaurar a importância do corpo narrado que vai contando sobre suas marcas não anula o corpo matéria, aliás, há percepções como o tato e o olfato que dizem respeito às construções transferenciais em uma análise. Diante disso, torna-se questão para essa investigação pensar como o corpo que não é visto, ou que é visto somente por detrás de uma tela, promove especificidades para a clínica no decorrer de um processo analítico. A partir destas questões é que emerge o interesse de pensar sobre o corpo nesta investigação, a fim de compreender a transferência em sua instauração e sustentação a partir de um corpo que se apresenta no ambiente on-line sem incluir as percepções de tato e de olfato, e, em determinados casos, um corpo que é sem a percepção visual, sem a intermediação da câmera, como é o caso que será exposto neste estudo na análise dos dados. Que corpo é esse que instaura e sustenta uma análise on-line?

Muitos psicanalistas, em um período anterior a pandemia, declaravam que uma análise on-line seria inviável, partindo de suposições de que o analista precisa emprestar seu corpo como suporte para a transferência, como também insistiam na concepção de que se o analisando não estivesse materialmente diante do seu analista, este primeiro poderia dissimular e isso comprometeria o andamento de sua análise. Essas questões direcionaram as articulações desenvolvidas entre a experiência coletada dos psicanalistas participantes ao conceito de transferência para pensar o estatuto do corpo em uma análise que serão retomados com maior ênfase no decorrer da análise de dados.

O que aqui cabe descrever acerca do corpo é que em psicanálise se considera o corpo que Freud definiu como inscrito entre a intersecção do psíquico e somático, portanto, não se trata de expulsar o corpo físico de sua importância na cena analítica, mas sim de pensar as implicações sobre a transferência diante um corpo que é suprimido de percepções importantes ao humano: o olfato, o tato, e, por vezes, a visão.

Após esta breve colocação tecida sobre a os *fios* da transferência e dos *fios* que tecem o estatuto do corpo em psicanálise, na sequência será exposto uma breve contextualização teórica sobre o último tema aqui investigado: o manejo do pagamento na teoria psicanalítica. Essa

construção iniciará em um diálogo sobre dinheiro e pagamento em psicanálise pensando nas dimensões produtoras do sofrimento em uma civilização capitalista, o que justifica tanto a clínica psicanalítica gratuita do EPUF, como convida a pesquisa a pensar sobre o manejo do atendimento psicanalítico gratuito, visto que: se de um lado a teoria e técnica nos contam que em uma análise precisa haver pagamento, por outro lado não há possibilidade de uma análise excluir o que acontece no mundo, e o mundo onde este estudo se realiza está inscrito pela lógica capitalista, lógica essa produtora de uma sociedade que é marcada por desigualdades socioeconômicas.

Assim, as *linhas* que seguem têm o objetivo de desenvolver teoricamente a questão do pagamento e do dinheiro em psicanálise, compreendendo que as dimensões socioeconômicas e políticas são também fontes de sofrimento.

3.3. Dimensões socioeconômicas e políticas do sofrimento¹¹

Esta investigação é tecida por um percurso que interroga a operacionalidade da transferência no atendimento on-line a qual convoca ao diálogo sobre o estatuto do corpo, para seguir na sondagem do manejo do pagamento em uma clínica gratuita. Quanto a este último ele se faz ancorado nos estudos desde Freud (1919[1918]/2020), sobre as clínicas públicas trazendo as contribuições do sério trabalho de Elizabeth Ann Danto em “*As clínicas públicas de Freud: psicanálise e justiça social*” (2019), uma obra que carrega um importante levantamento histórico sobre as construções clínicas no período entre guerras, que viabilizaram o atendimento psicanalítico acessível a outras esferas econômicas para além daquelas que poderiam facilmente ter acesso por poder arcar financeiramente.

Mesmo que estejamos aqui falando de uma clínica que não opera pelo *setting* analítico tradicional, como também não se trata de uma clínica que está ancorada no dinheiro para sua sustentação, há algo aqui que se mantém semelhante entre esses dois modos de operar no EPUF e a clínica tradicional, essa semelhança se refere a implicação sociopolítica que se faz e se mantém junto a *práxis* analítica diante as demandas de sofrimento na cultura desde seu nascimento, pois, ainda que muitos não saibam, a psicanálise não se faz fora do contexto

¹¹ Título em referência ao trabalho proposto por Miriam Debieux Rosa (2018), fruto de uma investigação de modalidades de intervenção junto a sujeitos submetidos a violência em diversas formas: exclusão social, pobreza, racismo, indiferença. Humilhação, imigração forçada e exílio. Uma articulação entre a clínica psicanalítica, a política e a cultura.

sociopolítico, ou deixando para que Danto possa melhor dizer: “A prática da psicanálise é um compromisso no discurso político, conscientemente ou não” (Danto, 2019, p. 268).

Muitos psicanalistas têm desenvolvido excelentes trabalhos em uma prática que se interessa pelo respeito e direito à toda diferença. Esses mesmos psicanalistas¹² se interrogam sobre o grande número de pessoas que foram excluídas de pertencer ao meio que o social propõe como adequado e com isso, parcela da população que supõe estar adequada socialmente, cerceia o direito dos sujeitos que se encontram às margens deste enquadre socioeconômico construído pelo sistema capitalista. Essa é uma maneira de destituir o sujeito que se compõe diante as desigualdades sociais que são construídas pela cultura. Uma forma que brutaliza e violenta, mais ainda, quem já sofre os efeitos de uma sociedade desigualitária, como também se recusa a olhar as dimensões socioeconômicas e políticas como produtoras do sofrimento, o que opera como uma forma que psicologiza o sofrimento humano, reduzindo a lógica construtora de mal-estar a responsabilidade de cada sujeito.

Esses trabalhos que buscam recuperar a dignidade de pessoas que foram excluídas, marginalizadas ou esquecidas estão tanto no âmbito dos movimentos relacionado às lutas de classes, sociais, raciais, de gênero, como ainda em forma de projetos de atendimentos e estudos psicanalíticos sociais, dentre eles está um dos dois eixos de estudo desta pesquisa, o campo onde a pesquisa se faz, o EPUF.

Diante esses debates, a psicanalista Miriam Debieux Rosa (2018) chamará de discursos identitários discriminatórios os discursos que reduzem a fala de um sujeito em um enunciado sem polissemia, restringindo o sofrimento de alguém a própria responsabilidade desta pessoa, em uma narrativa perversa que não considera as diversas dimensões da vida humana. As pontuações da autora reverberam neste estudo para pensar o quanto interessa a um psicanalista articular a prática exercida as lógicas sociopolíticas e saber operar em situações de desamparo social. Formas desigualitárias e preconceituosas se formam no discurso social, podendo desaguar em uma destituição subjetiva do sujeito que vive diante essas formas de vida precarizada pelo abismo social que segrega e discrimina ao não escutar o que é dito pelo sujeito ou ao distorcer sua fala às formas hegemônicas de discursos que encerram o sujeito a uma única condição, muitas vezes culpabilizando-o por não ter alcançado uma condição socioeconômica desejável.

¹² Exemplos desses projetos desenvolvidos no Brasil são: Projeto Digaí-Maré, trabalho de psicanálise aplicada desenvolvido na favela da Maré no Rio de Janeiro. Coletivo de PerifAnalistas em São Mateus, São Paulo.

O propósito desta investigação é o de se fazer atenta as barreiras que segregam determinados grupos diante sua condição socioeconômica precarizada, em uma aposta de que uma análise gratuita possibilite condições que libertem o sujeito de determinadas amarras discursivas que os paralisam, mas também diante o interesse de articular a prática clínica investigada às dimensões sociopolíticas de sua temporalidade.

A psicanálise é uma prática que interroga através da palavra e que não se fecha a um discurso individual ou familiar¹³, pois ela promove aberturas que perpassam contextos sociopolíticos, o que leva a aposta de que a essa prática podemos chamar de uma Psicanálise Aplicada¹⁴, pois a ela interessa pensar a clínica em suas relações com o social, o cultural, o econômico e o político, incluindo essas dimensões como provedoras do sofrimento da qual alguns psicanalistas já vem dialogando pelo Brasil¹⁵.

Em Freud já encontramos contribuições sobre as questões sociais, como exemplo temos alguns textos: quando mostrou seu espírito preocupado com as questões sociais, fazendo um convite aos psicanalistas através de uma conferência proferida em Budapeste em 1918 – *Caminhos da terapia psicanalítica* (1919[1918]/2020)– em que diz do seu interesse em estender o atendimento à toda população que desejaria um tratamento terapêutico, como em *O mal-estar na civilização* (1930/2010), em que se dispôs a estudar a civilização enquanto produtora do mal estar. Quanto a essas questões, o trabalho de Elizabeth Ann Danto (2019) demonstra, de forma criteriosa, o quanto Freud estimulou a clínica psicanalítica para aqueles que não tinham condições socioeconômicas. O livro de Danto – *As clínicas públicas de Freud: psicanálise e justiça social* (2019) – é um condutor desta pesquisa que se apropria teoricamente da iniciativa desta autora para fundamentar teoricamente esta investigação no diálogo sobre a gratuidade da clínica psicanalítica. Desta forma, o leitor acompanhará algumas considerações do livro de Danto sobre as clínicas psicanalíticas gratuitas de Freud nas *linhas* que seguem.

3.4. Reflexões sobre as clínicas psicanalíticas gratuitas

*“Eu vou pagar a conta do analista para
nunca mais ter que saber quem eu sou”
(Cazuza, 1988).*

¹³ Fazendo uma breve referência às críticas sobre a prática psicanalítica ser constituída sob um discurso de família burguesa do séc. XX.

¹⁴ Termo cunhado por Lacan em 1964, no momento de fundação de sua escola.

¹⁵ Para mais informações sobre estes trabalhos pesquisar autores como: Christian Dunker, David Pavon-Cuellar, Miriam Debieux Rosa, Nadir Lara Júnior.

Há uma dimensão sociopolítica do sofrimento da qual Freud (1919[1918]/2020) se mostrou atento e interessado, é nessa retomada histórica que chegamos as origens das clínicas públicas psicanalíticas, a qual se faz adjacente ao surgimento da psicanálise, o que é disposto no objetivo de realizar um encadeamento que articula o pagamento às dimensões socioeconômicas e políticas neste estudo, pois se trata de uma articulação necessária à discussão da gratuidade do atendimento psicanalítico.

Anos antes de Freud falar em análise gratuita ele argumentava que uma análise não poderia se fazer sem dinheiro, tomando como justificativa tanto a necessidade do psicanalista prover meios de subsistência através da sua clínica ao argumentar que, “nosso tratamento consome tempo demasiado e é por demais trabalhoso para que isso se torne possível” (Freud, 1917[1916-17]/1996, p. 434), como ainda declarou teoricamente que, “o tratamento gratuito aumenta enormemente algumas das resistências do neurótico – em moças, por exemplo, a tentação inerente à sua relação transferencial, e, em moços, sua oposição oriunda de seu complexo paterno” (Freud, 1913/1996, p. 147).

Mas quem somos nós, para adotar semelhante benevolência como instrumento de nossa terapia? Pobres como somos, socialmente sem poderes, compelidos a ganhar a vida com nossa atividade médica não estamos sequer em condições de ampliar nossos esforços até as pessoas sem recursos (Freud, 1917[1916-17]/1996, p. 434).

Essa postura de Freud, quanto ao tratamento gratuito, sofrerá uma transformação nos momentos finais da Primeira Guerra Mundial, é isto que o livro de Danto (2019) nos mostra de forma primorosa. Os momentos finais da Primeira Guerra Mundial é o período em que Danto (2019), demarca como o momento em que Freud passará a mencionar sua preocupação com as perspectivas da psicanálise no pós-guerra, buscando mapear, junto a outros psicanalistas, uma série de novos caminhos para a psicanálise. É essa transformação o que possibilitará a instauração das clínicas públicas de atendimento psicanalítico gratuito para pessoas em situação de pobreza, clínicas estas sustentadas por psicanalistas que aceitaram este convite proposto por Freud em uma conferência proferida em Budapeste, da qual hoje temos acesso através do texto publicado e intitulado: Caminhos da terapia psicanalítica (1919[1918]/2020).

É sobre esta proposta de Freud que novos caminhos se abrem para o atendimento psicanalítico gratuito, o que produz tanto a ampliação da prática clínica, como promove condições para repensar os possíveis deslizamentos teóricos sobre a diferença entre o pagamento e o dinheiro em psicanálise, questões estas que se fizeram como pontos nesta investigação.

Foi nesta conferência em Budapeste em 1918, que Freud disse que no futuro o tratamento psicanalítico seria gratuito, demarcando que a população deveria ter acesso aos atendimentos psicanalíticos assim como têm acesso a um cirurgião quando necessário.

Por outro lado, pode-se prever que, em algum momento, a consciência da população acordará e a alertará para o fato de que o pobre tem o mesmo direito à assistência anímica que ele já tem agora à assistência cirúrgica, que salva vidas. E que as neuroses não são menos ameaçadoras à saúde da população que a tuberculose e que, assim como esta, não podem ser deixadas a cargo de cada pessoa do povo (Freud (1919[1918]/2020, p. 201).

Danto (2019) demarca que junto a essa transformação da clínica freudiana, se produz uma virada narrativa, em que uma psicopatologia passou da esfera individual para uma narrativa de patologia social.

Diante deste levantamento histórico construído por Danto (2019), é que aqui afirma-se que é desde Freud que a psicanálise se faz enlaçada às dimensões sociais e políticas, interessada em estudar o mal-estar na civilização. É por este caminho que Danto (2019) defenderá a visão de que a psicanálise não se restringe a uma prática elitista voltada a burguesia, fraturando esta lógica ao empreender seu estudo sobre as construções das clínicas públicas de Freud, nos propondo um entendimento de que a prática psicanalítica está como um instrumento de transformação da sociedade para a justiça social.

Vemos assim, desde Freud, que é possível um processo analítico sem dinheiro, que talvez não sejam poucos os trabalhos referentes às clínicas psicanalíticas públicas visto que temos seu surgimento em 1918¹⁶ com Freud e os primeiros psicanalistas desta geração. Talvez, o que falta é fazer circular essas experiências, colocando esses trabalhos em discussões dentro das instituições formativas, seja em universidades ou em escolas de psicanálise.

Danto (2019), ao mapear as clínicas psicanalíticas públicas, nos mostra que os centros de atendimento psicanalítico gratuitos foram criados em 1920, dois anos após Freud fazer o convite aos psicanalistas para que se organizassem para esse trabalho. É Max Eitingon o primeiro psicanalista a abrir as portas da clínica na famosa Policlínica de Berlim¹⁷. Durante dezoito anos foram implantados centros de tratamentos gratuitos de psicanálise em sete países e dez cidades, tendo analistas contemporâneos de Freud como fundadores ativistas, dentre estes

¹⁶ Conferência proferida por Freud em Budapeste – Caminhos para a terapia psicanalítica (1919[1918]).

¹⁷ Por aproximadamente treze anos, Max Eitingon se encarregou do acolhimento e da admissão dos pacientes. Além de oferecer atendimento gratuito para pessoas de baixa renda, a Policlínica Psicanalítica de Berlim também se caracterizava como um local de supervisão dos analistas, tendo contribuído para a formação teórica da maior parte dos notáveis psicanalistas da segunda geração, entre eles: Melanie Klein, Wilhelm Reich, Karen Horney, Helene Deutsch, James e Alix Strachey, Franz Alexander, Michael Balint, Hanns Sachs e Otto Fenichel (Plon; Roudinesco, 1998 apud Geraldo; Dias, 2021, p. 4).

locais estão: Zagreb, Moscou, Frankfurt, Nova York, Trieste e Paris e a clínica gratuita “Ambulatorium”, de psicanalistas vienenses que na obra de Danto ganha um destaque por ter sido endossadas financeiramente, com muita frequência, por Freud (Danto, 2019).

O pagamento em uma análise é um operador clínico que já foi muito discutido e ainda segue sendo. Os diálogos em torno do pagamento na clínica também se fazem diante o equívoco de que pagamento em análise equivale restritamente a dinheiro, fechando a possibilidade de pensar em uma análise que se faça sem dinheiro, mas com pagamento.

Posto isso, cabe pensar que mesmo em uma clínica gratuita, em que o dinheiro não é um elemento colocado em circulação, ela não se faz sem pagamento. Aqui já fica demarcado que entre dinheiro e pagamento há uma diferença que interessa ao campo da psicanálise, pois a prática clínica nos ensina que para efetuar pagamento em uma análise não basta ter dinheiro, como também nos mostra que é possível haver pagamento na inexistência do dinheiro, pois pagamento é ato.

Mas afinal, sendo o pagamento um ato, o que isso significa?

Pagamento é um verbo que vem do latim, *pacare* que significa aplacar, satisfazer, apaziguar.

Indo até a etimologia da palavra, verifica-se que o pagamento é um ato que funciona como apaziguador, porque cessa dívidas. O pagamento em uma análise funciona como o significante da separação, pois pagar a sessão é uma maneira de localizar o analista e analisante em um lugar em que não há dívidas, como não há caridade.

Assim como acontece na transferência, em que o analisando endereça seu sintoma ao analista, no pagamento também ocorre o endereçamento de algo para o analista, sai do sujeito e vai para analista. O pagamento se torna fundamental em um processo analítico, pois, a um analista, não cabe o lugar de assistencialismo ou caridade. A análise é uma práxis que promove um desenlace com a prática da caridade, em que de um lado supõe-se haver alguém que precisa e do outro alguém que possui maiores condições e, portanto, tendo potencial para doar. Uma análise não opera pela via do poder sobre o outro, e aqui cabe compreendermos que o poder não está reduzido a vantagens econômicas sobre alguém. Ainda que de uma forma bem velada, um atendimento gratuito pode operar pela via do poder, supondo superioridade intelectual, social, emocional, cultural etc. Diante disto, nos cabe pensar sobre uma questão que é formulada por uma psicanalista do EPUF durante a coleta de dados: “*À quem serve uma análise gratuita?*”

Se uma análise for produzida à serviço do analista assumir um lugar de poder sobre o analisando, seja no que se refere em mais saber ou mais se ter, podemos dizer que a análise não se operacionalizou.

Há nesta investigação o desejo de extrair da experiência do EPUF constructos teóricos-clínico sobre o manejo do pagamento no atendimento gratuito, em uma pretensão “não cega” de colaborar com os estudos¹⁸ que já vêm tratando deste tema de modo coeso ao se inclinar ao estudo sobre o estatuto da gratuidade na clínica psicanalítica do EPUF.

Quanto às contribuições teóricas aqui desenvolvidas cabe dizer que esta fundamentação além de retomar alguns pontos teóricos sobre o pagamento e as clínicas gratuitas de Freud, deixa uma advertência a todo analista ao mostrar que o convite feito por Freud aos psicanalistas no período entre guerras nos ensina que, após uma guerra não podemos permanecer os mesmos.

Os acontecimentos no/do mundo devem promover transformações. Se Freud, enquanto pai da psicanálise, sugere um olhar dos psicanalistas diante o horror dos efeitos da Primeira Guerra Mundial, propondo a criação de clínicas públicas à população pobre e devastada pela guerra, por que o psicanalista inserido em sua temporalidade iria se resguardar de pensar propostas de clínicas gratuitas e on-line diante a devastação subjetiva, social, econômica e política que a pandemia produziu no Brasil? Talvez uma pandemia também possa nos tirar do torpor que não cessa de produzir o mesmo modo de operar na vida.

Desta feita, surge uma questão neste estudo que imprime a marca de uma investigação interessada em narrar a clínica de uma prática analítica democratizada, como também se mostra preocupada com o elevado número da população brasileira impossibilitada do acesso à internet ou de aparelhos eletrônicos compatíveis com as videochamadas ao se deparar com os dados do IBGE de 2018, onde a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD), divulgou uma mostra de que, uma em cada quatro pessoas no Brasil não tinham acesso à internet (Tokarnia, 2020). Em números totais, isso representa cerca de 46 milhões de brasileiros sem acesso à rede, se tornando mais um dado sóciopolítico importante a um estudo que objetiva investigar a clínica gratuita e on-line.

Diante a este dado é preciso demarcar que, ainda que a modalidade on-line de atendimento se mostre um meio para a ampliação da clínica psicanalítica, interessada em alcançar a população vulnerável socioeconomicamente, sabe-se que a instauração e sustentação de trabalho nesta clínica, exige aparelhos e redes de dados que permitam ao pretendente a análise o processo terapêutico. Esta condição passa a ser um determinante que marca o recorte do público a ser atendido pelo EPUF, como passa a ser um marcador que aponta uma grande

¹⁸ Trabalhos como: A Clínica Psicanalítica na Cidade de Jorge Broide e Emília Estivalet, como dos Laboratórios de Psicanálise, Sociedade e Política (PSOPOL), como o Laboratório Interunidades de Teoria Social, Filosofia e Psicanálise (LATESFIP), que se situam nessa articulação da Psicanálise diante as políticas de sofrimento, trazendo para a discussão as implicações de determinadas organizações sociais e culturais na construção de discursos que segregam e produzem sofrimento.

parte da população pobre, como nos mostra os dados do IBGE, sem possibilidade de um tratamento psicológico, pois, ainda que esse tratamento fosse gratuito, uma parcela significativa da população não possui aparelhos ou redes compatíveis ao que o projeto necessita. Este levantamento se torna um ponto de discussão neste estudo, pois produz um recorte populacional dos que serão atendidos pelo EPUF.

Ponto é que toda ação humana necessita de um recorte para onde deve olhar e a partir disso algo produzir. Desta forma, toda ação que visa inclusões e avanços produz por outro lado exclusões, pois esta circunscrita pelos limites do humano. Porém, isso que fica de fora proporciona novos campos possíveis de intervenção e de pesquisa que poderão viabilizar respostas que reivindiquem políticas públicas que respondam a urgente necessidade de grande parte da população que ainda não possui acesso à rede e meios tecnológicos em busca de uma vida baseada na equidade entre os cidadãos.

A importância de investigar o pagamento em uma análise gratuita se apoia em uma lógica em que o direito de cada cidadão seja contemplado naquilo que se refere às condições de saúde mental e demais direitos, na busca de desatramar o que oprime, massifica, restringe e deságua em um empobrecimento dos espaços e narrativas do sujeito,

Assim, retoma-se aqui as primeiras linhas desta escrita, o título da pesquisa, para dizer que não há possibilidade de **alcançar a subjetividade do nosso tempo** insistindo em jargões psicanalíticos que reproduzem discursos tautológicos como o de que uma análise precisa ser cara financeiramente, restringindo desta forma o acesso a determinadas classes socioeconômicas. Sabemos que uma análise “custa caro”, como também estamos advertidos de que não se paga somente com dinheiro, aliás, Freud já localizava que o dinheiro era a maneira mais barata de se pagar pelas coisas, apesar de que, neste momento, a afirmação de Freud valeria apenas para a classe média, aqui mencionamos ela como uma forma de argumentar que o pagamento pode se dar de diversas formas e que nos interessa uma análise poder acontecer sem dinheiro, mas com o pagamento, pensando assim para cada caso no substituto simbólico do dinheiro.

O Brasil, diante sua historicidade, é um país que carece de inúmeras condições primordiais à vida, sendo uma delas os cuidados com a saúde, agravando, mais ainda, quando o assunto se refere à saúde mental. O relatório de 2022 da Organização Mundial da Saúde (OMS), aponta para 18,6 milhões de brasileiros apresentando transtorno de ansiedade, estando em primeiro lugar no ranking internacional dos países (OMS, 2022). Antes da pandemia, a estimativa era de que, aproximadamente 9,3% da população brasileira tivesse algum grau de ansiedade, mas esses dados sobem em até 25% após o primeiro ano de pandemia, segundo a

OMS. Estes dados servem ao estudo tanto como um alerta sobre a precariedade de iniciativas que contemplem a importância da saúde mental, como para alicerçar a legitimidade desta pesquisa que se faz demarcando a importância de contextualizarmos as múltiplas dimensões de ordem teórica, social e política que atravessamos, pois, a formulação da clínica psicanalítica sempre esteve atenta aos acontecimentos do/no mundo, e assim precisa seguir se fazendo.

[...] a marca de um movimento em relação à criação de dispositivos é também um registro constante de pontuações por vivermos em tempos políticos considerados difíceis e embaraçosos para quem celebra a democracia, a palavra e a pluralidade, e isto não se dá somente na história da Psicanálise, como também na história política do mundo e tão logo do Brasil, onde surgem brechas que assumem um papel de resistência política a uma ordem vigente que, quando se instaura, permite o declínio da dialética e promove fragmentação nas relações sociais, tornando mortífera a dialética (Bragança, 2021, p. 30).

Freud, como posto neste capítulo, é quem funda a importância de uma postura política do psicanalista quando convoca os psicanalistas da primeira geração à instauração das clínicas públicas no período entre guerras mundiais. Esse ponto se torna fundamental ao estudo, assim como é importante demarcar o local e o período histórico em que Freud cria a psicanálise para não cairmos no grande equívoco de desprezar o início de uma formulação teórica e de uma prática que, desde Freud - como por ele mesmo -, segue se transformando de modo ético e legítimo e com isso produzindo seus efeitos. Talvez seria interessante nos interrogarmos qual seria a direção investigativa do jovem Freud, caso ele vivesse em meio ao nosso contexto atual, em um país em que o tratamento psicológico definitivamente não chegou às camadas populares como era o seu desejo comunicado no Congresso de Budapeste em 1918 e do qual hoje podemos acessar pelo seu texto *Caminhos da Terapia Psicanalítica (1919[1918]/2020)*, um texto que traz as marcas do desejo de Freud expressos pela sua esperança de que o tratamento psicanalítico fosse no futuro um dispositivo presente nas políticas públicas de saúde mental.

[...] Muito longe disto, a neurose, como aponta Freud em 1918, enquanto uma questão de saúde pública, tampouco chega a ser pensada por governantes. Tais razões justificam por si urgências de criação de clínicas públicas, abertas, estatais ou não. E, mesmo que a psicanálise não seja uma opção única em visualizarmos movimentos clínico-políticos, temos condições de lançá-la como um dispositivo potente para tais questões. As formações psicanalíticas, por exemplo, também afastam a teoria e a prática das periferias e de quem possui vivência a respeito de tais situações, onde vive justamente a maior parte da nossa população. Nossos esforços sempre serão limitados, mais ainda na medida em que nossa maioria em psicanálise reside nas classes média e alta (Bragança, 2021, p.36).

Responder qual seria a postura de Freud diante o contexto em que vivemos não se faz uma tarefa possível e, talvez, ele não compreenderia essa postura de pensar como ele como uma conduta que caberia a um psicanalista, pois desde sempre ele nos advertiu e Lacan retomou que: enquanto psicanalistas é nossa função propor os rearranjos necessários ao nosso tempo para responder às questões contemporâneas.

O que interessa aqui descrever é que os contextos sociopolíticos formam o cenário em que se assentam as condições tanto para um psicanalista atento ao seu tempo quanto para o pesquisador que busca desenvolver suas hipóteses de pesquisa e investigá-las. Não há possibilidade de descartar esses contextos quando se faz clínica e pesquisa, neste sentido muito interessa pensar a construção das subjetividades contemporâneas e os acontecimentos no mundo e como a psicanálise tenta se *conectar* a seu tempo, para poder ampliar o seu campo de atuação, assim como Freud já se interessava que fosse.

Quanto a esta última questão, referente a ampliação da prática psicanalítica, ela se faz no sentido de poder produzir alguma contribuição, ainda que tímida, sobre a democratização da psicanálise, pensando o vasto campo de interesse da nossa prática no que se refere o alcance da clínica psicanalítica à população que padece diante a miséria socioeconômica, cultural e psíquica, pois, como escreve Mezan (2002), a psicanálise, ela mesma sendo uma formação cultural, dependendo do que se passa em seu contexto para se produzir, é também detentora de um saber acerca das formações culturais.

Sabe-se que, ainda que a clínica tenha surgido em sua relação analista/analisante, podendo intervir na economia psíquica de modo individualizado, ela também possui uma lógica coletiva que dá notícias dos elementos de uma comunidade da qual ela estuda. Quanto a essa questão de ordem social, temos os textos de Freud, dentre eles: *Totem e Tabu* (1913[1912-13]), *Caminhos da Psicoterapia Psicanalítica* (1919[1918]/2020), *Psicologia de grupo e análise do ego* (1921), como outros trabalhos que seguem provocando impacto ao analista que se dispõe a pensar a psicanálise diante os contextos sociais, econômicos, culturais e políticos emergentes.

Outro elemento importante a essa investigação se refere ao lugar do dinheiro em nossa sociedade. O dinheiro em nossa sociedade é o meio privilegiado de pagar por algo, mas em psicanálise esse campo precisa ser ampliado para pensar na lógica econômica colocada em cada subjetividade para assim pensar como fica a questão do dinheiro na economia psíquica de cada sujeito. Em Marx (1867/2021), há contribuições importantes para refletir sobre essas questões, será em crítica da economia política que Marx (1867/2021) desenvolve o dinheiro como equivalente geral das mercadorias, apontando que há propriedades capazes de satisfazer as necessidades humanas em todos os aspectos, sejam elas necessidades tidas como básicas como

as de ordem subjetiva. A psicanálise não se restringe a racionalizar sobre o dinheiro no campo econômico, mas esse campo faz diferença na vida das pessoas diante um mundo circunscrito pelas desigualdades socioeconômicas.

Isto dito, tem a intenção de justificar que a teoria psicanalítica possui seu conjunto de características, que ela foi construída e segue se reinventando a partir dos fenômenos que lhe são apresentados no contexto em que ela está inserida e que há questões que, sendo importantes em uma determinada época, seguem sendo importantes até hoje, como é o caso de pensarmos na necessidade de discutir sobre o direito da população em ter acesso a programas que cuidam da saúde mental.

Para um trabalho de investigação no campo da psicanálise lacaniana é preciso pensar a partir de Freud tendo elaborações próprias, possuir uma escuta atenta e se apropriar de modo responsável da teoria, da ética e da técnica da psicanálise nos autoriza a sermos investigadores. Lacan (1966/1998), propunha a construção de um estilo próprio, mencionando que é preciso por algo de si na psicanálise, não se identificando com o estilo que é do outro, mas sabendo lidar com seu sintoma para criar seu estilo. Desta forma, segue-se expondo nos próximos capítulos como foi construída a metodologia desta pesquisa a qual tem como escopo da investigação um enquadre clínico outro ao da clínica psicanalítica tradicional, que é construída por um coletivo de psicanalistas atuantes no EPUF e que carrega a marca do estilo de funcionamento de um grupo aliado a *práxis* e ética psicanalítica. Uma *práxis* que é investigada neste estudo não para dizer se a psicanálise é ou não uma ciência, mas para dar notícias, à seu modo, que a psicanálise segue se mostrando viva e cumprindo suas exigências em termos de coerência teórico-prática e ética, mesmo diante a eventos que a põe à prova.

Exposto o campo teórico que sustenta esta pesquisa, segue-se para o próximo capítulo que tratará da exposição metodológica que enlaçada a teoria aqui descrita tem como objetivo sustentar a contingência do método e da episteme promovendo as construções sobre o “objeto”¹⁹ investigado.

¹⁹ Insere-se o termo objeto, assim como se faz em pesquisas científicas, mas é necessário entender que, o que aqui é tratado enquanto objeto, não se refere a um objeto estático que se condensa na busca da verdade concreta e única. Nosso campo se faz de forma viva, exigindo elaborações que nos põem em movimento. Desta forma, a cada momento que o leitor encontrar pelas linhas deste estudo o termo objeto é preciso compreender que o tomamos diante de sua plasticidade, entendendo a polissemia das palavras que a psicanálise se ocupa em resgatar.

4. CONSTRUÇÕES METODOLÓGICAS

“o sujeito sobre o qual operamos em psicanálise só pode ser o sujeito da ciência”
(LACAN, 1966/1998, p. 858).

As construções metodológicas deste trabalho são tecidas pelo encontro do discurso psicanalítico com o discurso da ciência. São discursos que convergem, pois, tanto a psicanálise como a ciência caminham para um ponto em comum, o da investigação. Este percurso é efetuado à maneira de cada uma, com trajetos próprios. Trata-se de discursos que possuem encontros, mas que se abrem para direções diferentes, podendo se reencontrar em determinados momentos durante o estudo.

Falar de ciência é um tema caro à psicanálise. Freud já se ocupava em pensar se a psicanálise poderia ou não ser considerada uma ciência, questão esta que se manteve consistente ao longo de toda a sua obra. Freud não temeu em falar de suas construções e avanços no campo psicanalítico, do mesmo modo que teve a valentia de demarcar seus erros e fracassos. Talvez ter demarcado seus erros e proposto novas direções tenha sido um dos elementos essenciais que fez dele o grande investigador que mantém sua obra viva até os dias de hoje, afinal, o que é a manifestação do inconsciente se não *Isso*²⁰ que traz notícias dos equívocos e nos provoca a construir novas direções?

Falar de Freud é assim falar de inconsciente, de construções e equívocos que podem se fazer durante uma investigação, seja a de uma investigação na clínica psicanalítica ou de uma investigação científica. É em Freud que se verifica o ânimo para romper com os limites de uma era estabelecida por um ideal de cientificidade que visava uma verdade que fosse replicável, uma ciência aos moldes da positividade da qual reinava à época.

Essas discussões, tecidas historicamente, é o que possibilita este estudo a construir questões diante a pesquisa psicanalítica, pois se trata de saber: como se torna possível tecer o encontro da psicanálise com a ciência?

Historicamente, portanto, nunca terminaremos por retomar esse tema – como aliás outros autores já o observaram (cf., Kahl, 2002) – pois a cada vez que se coloca uma questão dessa ordem à psicanálise, melhor ela deve responder. Não há dúvida de que sua articulação com a linguagem lhe dá o suporte para

²⁰ O inconsciente freudiano em uma de suas traduções para o português é descrito como *Isso*, se torna interessante pensar quantas vezes ouvimos nas queixas dos analisandos frases como: *“Não sei o que é Isso que me faz sofrer”*. Desta forma, utilizamos a palavra *Isso* nessa frase como uma forma de brincar com as palavras, mas também para demarcar o inconsciente sempre encontra meios para se manifestar.

formalizar sua resposta (Beividas, 2000). Traçamos com isto uma definição muito genérica do sujeito na contramão da Psicologia anátomo-fisiológica, definição lacaniana que, no entanto, é passível de ser aplicada, de uma forma geral, a todas as correntes psicológicas que aqueles poderiam associar com uma psicologia popular, por não se sustentarem nas premissas por eles cultivadas da anátomo-fisiologia. Ou seja, não só a Psicanálise, mas todas as correntes psicológicas que viriam se contrapor, no início do século XX, a uma ideologia cientista baseada no boom cifrador das taxionomias do comportamento e da contabilização de seus parâmetros, tanto via testes psicológicos – que hoje são cada vez de maior ponta, com a contribuição da Psicologia cognitivo-comportamental –, quanto via graus de comprometimento desadaptado. A estes militantes é preciso perguntar de que maneira concebem e identificam a ciência (Alberti; Elia, 2008, p. 783).

Embora a autora desta pesquisa não ocupe o lugar de uma militante, carrega consigo questões em torno de como se concebe e se identifica a psicanálise como ciência. Um dos elementos comuns de discussão entre, por exemplo, um modelo positivista de fazer ciência e da psicanálise enquanto ciência é no que tange a neutralidade de qualquer pesquisador(a) em relação ao seu objeto de estudo e no seu campo de pesquisa.

O que é proposto quando se solicita neutralidade a uma pesquisadora? Seria essa mais uma proposição entre as profissões impossíveis mencionadas por Freud e retomadas por Lacan? Enquanto a neutralidade científica, defendida pela perspectiva do positivismo, se detém em afastar todos os acontecimentos que possam interferir em uma investigação, a lógica psicanalítica se faz por justamente se manter atenta às interferências, privilegiando o lugar daquilo que escapa para que seja investigado enquanto a primeira busca eliminar as contingências que podem interferir no campo pesquisado.

Sabe-se que um pesquisador precisa ocupar um certo lugar que preserve o rigor científico, assim como um psicanalista é advertido de que há de se apequenar narcisicamente ao exercer sua função na clínica. Portanto, se torna importante demarcar o que é proposto quando somos chamados a ocupar um lugar de neutralidade diante essas funções. Talvez caiba pensar na neutralidade possível a cada espaço que nos inserimos e demarcar que essa neutralidade não coincide com desinteresse pessoal, pois, tanto para escutar alguém que se dispõe a análise pessoal, como para construir uma pesquisa é necessário interesse e disponibilidade.

Lacan formula o termo desejo de²¹ analista para falar do manejo do analista, do lugar a ser ocupado na clínica para poder escutar o analisando, um desejo que se relaciona a aposta de

²¹ Welson Barbato (2020), propõe a proposição “de” para se referir ao desejo de analista que se difere do desejo do analista, este último comporta o desejo pessoal, já o primeiro se refere ao desejo de que o paciente fale, associe e elabore.

que a análise se dê, de que o paciente trabalhe, elabore e deseje. Cabe aqui pensar que uma pesquisa também necessita de desejo como seu motor para que ela possa advir.

Assim, essa investigação acadêmica é marcada pelo desejo que se faz conduzido por uma questão ética, de modo que a produção acadêmica não se feche em apenas construir conhecimento, ainda que isso signifique muito. Afinal, sabe-se da importância da produção no campo científico, ainda mais em um momento em que há movimentos que visam destituir o lugar valoroso que a ciência possui.

Levando em consideração o exposto até aqui, alia-se o conhecimento a proposta de sustentar as práticas coletadas na pesquisa, não tratando os sujeitos participantes como objetos de laboratório para produção de um saber do qual, ao se concluir a investigação se abandona a prática que poderia ser mantida dando sequência a novas produções de saber e novos campos de intervenção na esfera pública. Deste modo, é possível buscar se a ver com o cuidado de não fazer da pesquisa um lugar de coleta de dados que visa satisfazer unilateralmente a pesquisadora em seus interesses acadêmicos.

O dispositivo clínico aqui investigado não está em um lugar de fetiche, visando preencher narcisicamente a pesquisadora de um saber sobre a miséria humana. O objetivo é produzir conhecimento, mas também extrair construções teórico-prática sobre a psicanálise on-line e gratuita, visando uma prática democratizada e que se sustenta no interesse de tornar público os resultados desta investigação, para que a psicanálise se faça conectada ao seu tempo. Com isso, a neutralidade possível para a execução desta pesquisa não se dá sem o desejo pela pesquisa, desejo de que a pesquisa aconteça e mostre as possibilidades transformativas para uma prática clínica democrática condizente a ética da práxis psicanalítica.

A neutralidade, aliada ao desejo pela pesquisa, se constitui pelos argumentos apresentados até aqui, mas também reside no fato da pesquisadora ser fundadora e coordenadora do Projeto Escuta por um Fio. Levando isso em consideração, a pesquisadora está enquanto construtora deste processo, é uma pesquisadora construtora. Essa postura proporciona uma escuta orientada durante a coleta de dados e a função da pesquisadora construtora se torna uma peça importante para a pesquisa, pois viabiliza uma escuta que preserva os recortes da investigação e fomenta as transformações do objeto estudado.

Quanto ao caráter de uma pesquisadora e construtora, Silva e Macedo (2016), propõem alguns apontamentos que consideram os trabalhos de Iribarry e Garcia-Roza:

Iribarry (2003) considera que o analista, ao desenvolver uma pesquisa em Psicanálise, coloca-se como primeiro sujeito da investigação, buscando, por meio das construções sobre a prática clínica, elaborar hipóteses metapsicológicas. Ao tratar justamente sobre o tema da concepção da

metapsicologia freudiana, Garcia-Roza (1984/2011) aponta que uma teoria científica não emerge de uma mera observação dos fatos. De acordo com o autor, aquele que procura conhecer determinado fenômeno está implicado subjetivamente, realizando uma observação a partir de um lugar teórico, o que possibilita produzir construções teóricas criadas com a finalidade de uma nova inteligibilidade (Silva; Macedo, 2016, p. 523).

Como apontado no trecho acima, do lugar de pesquisadora construtora e considerando o método psicanalítico aqui empregado, se faz importante demarcar a materialidade desta pesquisa, a qual se encontra na linguagem. Assim o estudo faz referência a ciência da linguagem, que em psicanálise é entendida por significantes ou pela noção de discurso (inconsciente, laço social), que não restringe os sentidos a um significado único, pois, compreende o discurso e o significante em sua polissemia. Tal cenário torna o papel da pesquisadora ainda mais considerável, pois, além de sua escuta atenta durante os encontros, foi sua função provocar maiores discussões quando os conceitos sobre a transferência e o pagamento se apresentavam nas falas dos psicanalistas do EPUF, no intuito de melhor detalhar as narrativas expostas.

A clínica psicanalítica é uma clínica teorizável, é assim que Freud nos ensina a pensar a prática psicanalítica: a metodologia se costurando e se particularizando em cada caso, nos revelando que a teoria se relativiza a partir do discurso de cada analisando. É neste lugar que a investigação se apoia para escutar e pensar a experiência do EPUF a partir das narrativas coletadas sobre a instauração e manejo da transferência, e do pagamento.

Se este estudo apresenta um método organizado a partir das especificidades do campo estudado, coletando narrativas que vão compondo os relatos clínicos conceituais desta pesquisa, e, tomando a linguagem como sua materialidade, cabe especificar que estamos tratando do que Lacan argumentou durante todo seu ensino quando tratou do estatuto científico da psicanálise, um argumento que foi sendo tecido através do debate com a ciência, com a literatura, com a matemática, com a cultura e com a filosofia.

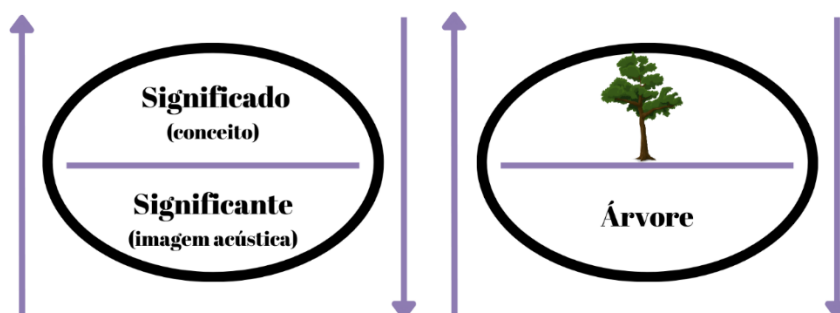
Amparada pelo ensino de Lacan é que essa pesquisa traça seu caminho no esteio da linguagem. A materialidade do estudo está na linguagem, por/com esse meio que se constitui a coleta e análise de dados desta investigação que busca cumprir a proposta de pensar os rearranjos necessários à prática clínica para o atendimento on-line e gratuito. Desta forma, no capítulo que segue há uma breve fundamentação sobre a aproximação que Lacan promove com a linguística, para assim posicionar a qual linguagem este estudo se faz referido e na sequência explicar os procedimentos adotados durante a pesquisa.

4.1. Psicanálise e linguagem²²

A materialidade neste estudo está na linguagem que é importada da linguística saussuriana por Lacan. A linguagem se torna a matéria tanto desta investigação quanto como ela é para o analista. Para melhor especificar a linguagem utilizada, buscou-se tecer algumas construções sobre a teoria da linguística estrutural saussuriana e a concepção de linguagem lacaniana.

Lacan (1953/1998), importará elementos oferecidos pela linguística saussuriana para base inicial de construção da sua própria concepção de linguagem, ele se inspira no signo linguístico saussuriano, mas o considera insuficiente para falar do que se verifica na experiência psicanalítica. “A linguística pode servir-nos de guia neste ponto, já que é esse o papel que ela desempenha na vanguarda da antropologia contemporânea, e não poderíamos ficar-lhe indiferente” (Lacan, 1953/1998, p. 286).

Figura 3. Signo linguístico em Saussure



Combinação do conceito e da imagem acústica, que são representados pelas setas nas laterais da elipse que apontam um para o outro, revelando que estão sempre amarrados. Quando se diz árvore, a imagem acústica automaticamente remete ao significado, assim como quando se vê uma árvore a imagem acústica automaticamente vem.

Fonte: Elaboração da autora, a partir de Saussure (2012).

Para a linguística a língua não deve ser confundida com a linguagem, ela é uma parte essencial à linguagem, estando ao mesmo tempo como um produto social de linguagem e um conjunto de convenções de um corpo social. Assim, a linguagem, segundo Saussure (2012), tomada em seu todo é multiforme e heteróclita, não se deixando classificar em nenhuma categoria de fatos humanos, pois ao mesmo tempo em que é física, é fisiológica e é psíquica,

²² O material utilizado para expor a concepção de linguagem em Saussure foi extraído e sintetizado o livro: Curso de Linguística Geral.

pertencendo tanto ao domínio individual quanto ao social, sendo um erro recorrer a linguagem como objeto. Já a língua para o linguista, pode ser classificada e, desta forma, Saussure (2012), dirá que a língua faz a unidade da linguagem, dado o argumento de que a faculdade de articular palavras se faz através da ajuda de instrumentos criados e fornecidos pela coletividade.

É através do circuito da fala (ato que compõe pelo menos dois indivíduos), que se identifica a esfera que corresponde à língua no conjunto da linguagem. A língua é, segundo Saussure (2012), a parte social da linguagem que, distinta da fala, se constitui num sistema de signos de natureza concreta. A língua é classificável, pois está delimitada no conjunto dos fatos de linguagem, já a linguagem não é classificável, ao que Saussure (2012) se refere em determinado momento que a língua está enquanto material dos linguistas e a fala está enquanto material dos psicólogos.

Sendo a língua um sistema de signos que exprime ideias que se delimitam no conjunto dos fatos da linguagem, Saussure segue para conceber o lugar da língua nos fatos humanos, dito da forma como em seu livro é exposto: “de uma ciência que estude a vida desses signos no seio da vida social” (Saussure, 2012, p. 47), a qual se constitui por uma parte da psicologia social e que é nomeada de semiologia, sendo as leis desta última aplicadas a linguística. É a partir desta relação da linguística com a semiologia que a linguística assinalará tanto o seu lugar entre as ciências, como também nos mostrará que a língua não se suprime em um estudo sobre a sua nomenclatura, como não se reduz a um ponto de vista psicológico de caráter individual, ou ainda de um estudo social, pois a língua enquanto signo precisa considerar os ritos, os gestos, os costumes etc.

Essa breve síntese sobre a linguagem em Saussure (2012), foi disposta para poder mencionar as torções que Lacan produz sobre a linguagem ao se apropriar da linguística para conceber a linguagem em psicanálise, em um trabalho de reconduzir a psicanálise à fala e à linguagem, a fim de retirá-la de uma prática que propunha a adaptação do sujeito ao campo social, retomando seu lugar enquanto, “método de verdade e de desmistificação das camuflagens subjetivas” (Lacan, 1957/1998, p. 242). Lacan, diferente de Saussure, dará ao significante a função primordial no processo de significação. São as relações entre significantes que “fornecem o padrão de qualquer busca de significação”. (Lacan, 1957/1998, p. 505).

A linguagem é empregada por Lacan (1957/1998) para falar do inconsciente enquanto uma estrutura, se apoiando na definição saussuriana de língua enquanto estrutura que preexiste ao sujeito. “A linguagem, com sua estrutura, preexiste à entrada de cada sujeito num momento de seu desenvolvimento mental” (Lacan, 1957/1998, p. 498). É assim que Lacan dirá que a estrutura da linguagem é a mesma que a do inconsciente, pois, se o ser humano está submetido

às leis da estrutura da linguagem, é porque a linguagem tem uma estrutura que há no inconsciente, só havendo inconsciente no ser falante que é submetido a estrutura da linguagem.

Ao considerar o inconsciente como parte de uma estrutura, Lacan diverge da concepção vigente de que o inconsciente seria uma espécie de reserva das pulsões ou impulsos não domesticados pelo Eu, a estrutura sobre a qual repousa o inconsciente lacaniano é a mesma que se refere Saussure, porém para Saussure se trata de um sistema linguístico onde seus elementos basais só podem ser definidos pelas relações de equivalência e/ou oposição que mantêm entre si. Em suma, Lacan propõe uma concepção de inconsciente que “surge” da relação entre elementos fundamentais, fazendo uso da “ordem da linguagem” como modelo para explicar os sintomas, sonhos, atos falhos etc.

Lacan atribui a Saussure a constituição da “fórmula” que funda a disciplina linguística, expressa pelo significante sobre o significado, que concebe o fenômeno da significação pela correspondência entre um significante e um significado. Porém, Lacan lança mão da divisão língua e da fala proposta por Saussure, e diz que a significação está atrelada a cadeia significante, que a significação só se faz possível após a revelação de todos os significantes, pois, enquanto todos os significantes de uma frase não se apresentam, o significado não pode ser estabelecido.

Assim, em *A instância da letra no inconsciente* (1957/1998), Lacan propõe um modo de pensar a cadeia discursiva, diferente da linearidade proposta por Saussure (2012), pois, para Lacan (1957/1998) a significação ocorre a partir de um deslizamento do sentido na extensão da cadeia significante, sobre linhas sobrepostas, nas quais a polifonia do discurso se apresenta. Para Lacan (1957/1998) a linguagem não se restringe ao ato de que o sujeito fale, mas que a linguagem também fale dele e, desta forma, ele possa se escutar e saber sobre a linguagem que nele fala e sobre ele opera.

É reconhecendo a linguagem no campo da psicanálise, dizendo que o significante antecede o sujeito e faz marca sobre os seres falantes que Lacan (1957/1998) possibilita o diálogo da psicanálise com a linguística, podendo marcar que, se o sujeito advém pela linguagem é pela enunciação, pois, ao enunciar algo ele se perde na linguagem, o eu está alienado a essa imagem, não se tratando de uma imagem que é uma essência, mas que é construída. Toda enunciação se reporta ao outro, quando se fala, se fala para alguém, portanto, o eu se constitui a partir do outro, é nessa inter-relação do eu com o outro que se desenvolve as marcas linguísticas de um sujeito que apresentará sua subjetividade.

Assim, a linguística de Saussure está como base para a concepção do diálogo de Lacan, porém, este último dirá que o que interessa à experiência psicanalítica é o sujeito do

inconsciente, e isto marca mais uma diferença com a linguística que se ocupa do sujeito do discurso consciente. Lacan (1970-1971/2008), propõe o neologismo “*lingueteria*”, pontuando que sua concepção sobre a linguagem não se trata de uma linguística, mas de importar dela os elementos necessários para demarcar que o sujeito se apropria da língua para falar, para manifestar a linguagem de alguma forma, a qual expressa a subjetividade deste que enuncia. Sendo assim, a subjetividade é o que se apresenta materialmente através de formas que a língua empresta ao indivíduo, para a linguística um ato consciente, para a psicanálise um discurso que comporta a experiência do inconsciente.

Figura 4. Lacan – organização significante-significado



Lacan se apropria do conceito de signo linguístico em Saussure, retira as setas laterais, inverte a ordem entre o significado e significante anulando assim a relação que há entre significado e significante. Construindo uma ordem que é a primazia do significante sobre o significado.

Fonte: Elaboração da autora, a partir da proposição lacaniana.

Desta forma se fazem expostas as contribuições da linguística saussuriana que Lacan importa para a psicanálise, essa contribuição promove uma mudança teórica e metodológica em psicanálise exposta no axioma lacaniano de que o inconsciente é estruturado como a linguagem, o que possibilita uma nova leitura em Freud que se contrapõe ao movimento pós freudiano que defendia a estrutura do eu em uma relação analítica da psicologia do ego.

Assim, este estudo se faz apoiado na linguagem como proposta por Lacan, pois é a partir de fatores que levam em consideração o contexto e as condições de produção de discurso que foi possível desenvolver esta pesquisa, saindo da língua enquanto estrutura fechada para assim: entrelaçar os *fios* da materialidade deste estudo (a linguagem), aos da episteme (a psicanálise), esta última produzindo abertura para trabalhar o sujeito do inconsciente como efeito produzido pelos equívocos e os não sentidos da linguagem.

É nesta articulação costurada pelos *fios* da linguagem (exposto nas narrativas coletadas sobre a prática clínica do EPUF), pelas *linhas* da teoria psicanalítica que é tecido a construção

dos relatos clínicos conceituais sobre a transferência e o pagamento no atendimento on-line e gratuito do EPUF, buscando como resultado uma psicanálise **conectada** a subjetividade do seu tempo.

4.2. Especificações sobre a materialidade do objeto investigado

Hoje, o discurso contemporâneo, com seus instrumentos produzidos pela ciência, aumenta ao infinito o alcance do que vou agora chamar de elástico pulsional. Posto que Lacan fala de elasticidade, esse elástico, evidentemente, é a curva que vai inserir os objetos
(Soler, 2019, p. 71).

O campo epistemológico que aqui é investigado nos ensina que não devemos reduzir um estudo em uma antecipação do saber, como também anuncia que não há uma investigação última que garanta uma significação total do saber. A psicanálise nasce e se consolida por dar um lugar ao inconsciente, um lugar que não é o de uma instância inacessível ou mística, mas do inconsciente que está posto em nosso dia a dia, que se manifesta pela linguagem e que, portanto, não se trata de algo sobrenatural como também não é algo a ser totalmente apreendido.

Sendo a materialidade deste estudo definida pela linguagem, é a partir dela que foram se estabelecendo os parâmetros específicos da pesquisa, a partir de operadores que podem ser universalizáveis a medida em que a estrutura da linguagem possibilita, portanto, falar e investigar sobre as manifestações da transferência e do pagamento na clínica estudada, não é uma abstração, como também não se trata de defender um saber único que se encerra em uma significação última totalizante, há sempre algo a ser investigado e é isso que faz a práxis psicanalítica se instaurar e seguir pulsando para se manter viva.

Esta investigação parte do cuidado de não se precipitar em respostas que desconsiderem a práxis psicanalítica articulada ao contexto no qual ela se faz inserida, sendo assim, partiu-se a advertência proposta por Freud e retomada por Lacan acerca dos equívocos e problemas construídos por um analista precipitado, pois, se é um equívoco impor consistências de verdades que prescindem do sujeito, se torna também arriscado uma antecipação de sentido que determina que a prática psicanalítica não é possível via on-line ou de forma gratuita. Partindo desta

premissa é que interessa investigar qual é a experiência apontada por cada participante da pesquisa, os analistas voluntários do EPUF, na realização do atendimento on-line e gratuito.

Todo material coletado durante os encontros com os psicanalistas do EPUF, são dados expressos através de narrativas que vão se constituindo em meio às discussões dos casos clínicos atendidos pelo EPUF ou nas elaborações das perguntas da pesquisadora endereçadas a eles durante os encontros.

Sendo a pesquisadora coordenadora do EPUF, se torna necessário demarcar como essas narrativas coletadas durante os encontros vão se compondo de maneira que a pesquisadora não se antecipe em uma interpretação do material que vai emergindo.

Toda a coleta de dados se realizou através dos encontros on-line com os psicanalistas participantes. O método utilizado durante a coleta foi o de Grupo Focal, na sequência as narrativas coletadas foram organizadas por conceitos aqui estudados (transferência e pagamento) para a sequente análise dos dados, nomeada neste estudo como relatos clínicos conceituais. Assim os relatos clínicos conceituais aqui produzidos não se fazem diante um, “estudo exaustivo de um caso clínico. Tampouco o caso será utilizado como ilustração de uma questão, de uma teoria ou de uma proposição. O caso é, naturalmente, nosso ponto de partida: sem ele não haveria a questão-problema” (Minerbo, 2000, p. 27).

Desta forma, o material de pesquisa se produz através de recortes, o que para Figueiredo e Minerbo (2006), não configura um ato arbitrário, pois possui um caráter solicitado pela própria análise em andamento a qual se transforma à medida que a análise transcorre.

Temos aqui um estudo que busca tecer as amarrações possíveis entre a teoria disponível e a prática desenvolvida pelos psicanalistas do EPUF, à serviço de contribuir com os aspectos teórico-prática desta clínica que também se interessa por pensar sobre os efeitos sociopolíticos desta prática voltada à população vulnerável socioeconomicamente. Afinal, uma clínica psicanalítica democrática não se faz sem pensar nos contextos sociopolíticos que dão contornos ao mundo. Temos assim, um estudo que busca se fazer valer e ser transmitido a comunidade em um entrelaçamento entre **a clínica – a pesquisa acadêmica – e o social**, que não se define pela ordem de quem precede quem, mas que aqui se configura por essa amarração entre as três instâncias que legitimam uma à outra.

Figura 5. Entrelaçamento entre clínica – pesquisa acadêmica – social



Fonte: Elaboração da autora.

Desta feita, buscou-se compor de maneira mais operacionalizada e dialética a articulação do material coletado (narrativas) à teoria freudiana, lacaniana e de seus sucessores, a partir de uma certa relação técnica para que a teoria e a prática clínica pesquisada pudessem ser estruturadas em forma de relatos clínicos conceituais.

Para a realização deste estudo a análise dos dados contou com o retorno às gravações dos encontros pela pesquisadora repetidas vezes, buscando elencar os eixos interpretativos que eram suscitados pelo material. Desta forma, foi preciso que a pesquisadora escutasse essas narrativas de forma a não privilegiar os elementos narrados. É diante a singular forma de escuta do corpus de dados que a pesquisadora pode analisar o material. Desta feita, elencou-se os eixos principais que compõe o corpus metodológico deste estudo:

- ✓ Grupo Focal e Escuta Atenta – consiste na tarefa da pesquisadora, durante o encontro do Grupo Focal, se dispor em escuta atenta sobre a experiência clínica apresentada pelos psicanalistas atuantes do EPUF, buscando focalizar os temas referentes a operacionalidade do atendimento on-line e gratuito, para assim promover;
- ✓ A elaboração de uma descrição pormenorizada – que conta com a participação da pesquisadora, que também compartilhará sua experiência no EPUF, enquanto construtora da pesquisa, como desenvolverá o papel de instigar a articulação do que vai sendo apresentado pelos psicanalistas sobre o atendimento on-line e gratuito, aos conceitos de transferência e pagamento, para assim;
- ✓ Organizar a coleta de dados em relatos clínicos conceituais – em que o material coletado passa a se constituir sob a forma de relatos clínicos conceituais extraindo, através da

análise dos dados, os construtos teórico-prática desta experiência narrada pelos psicanalistas do EPUF e articulada a teoria psicanalítica.

O maior desafio foi o de sustentar o lugar de contingência necessária a investigação psicanalítica que não coaduna com formas totalizantes de discurso que se encerram em uma interpretação única, este é o motivo pelo qual se escolheu por estes métodos que dão lugar de contingência na articulação entre episteme e o “objeto” investigado permitindo as construções dos relatos clínicos conceituais que evidenciam a prática clínica sendo exercida por essa clínica.

Sendo a linguagem a materialidade deste estudo tem-se uma estrutura que sustenta a própria materialidade da história e do inconsciente. É pela linguagem verbal que é possibilitado ao sujeito a construção de uma narrativa que dê conta de falar sobre suas experiências, desafios, possibilidades, impossibilidades etc, assim é pela linguagem que nesta pesquisa se interroga, investiga, constroi hipóteses e define resultados.

O papel da pesquisadora enquanto construtora desta pesquisa reside no fato dela promover esses espaços para as contingências ou reformulações que viabilizem construções teórico-prática no atendimento on-line e gratuito, isso se fez enquanto os psicanalistas participantes narravam suas experiências através dos encontros de Grupo Focal, afinal, a linguagem por ser uma estrutura, abre espaço para as reformulações necessárias ao avanço da prática clínica. Avanços que nesse estudo se referem a uma psicanálise democratizada.

É também o interesse deste estudo não reduzir as contingências ao inconsciente, no cuidado de não resvalar no psicologismo onde tudo passa a ser tratado como questões psicológicas, desconsiderando os contextos sociais, culturais e políticos, fazer isso seria operar fora da ética psicanalítica, tanto na clínica como na pesquisa. Uma análise ou uma investigação científica sem nenhum contato com a realidade se torna inútil e até mesmo perigosa. Existe um materialismo-histórico que faz parte da produção do sintoma dos sujeitos, como também existe a forma particular de como cada um vai podendo se organizar diante as desordens das quais o mundo impõe e das quais se queixam, como já nos advertia Freud.

4.3. Procedimentos de coleta de dados

Sabendo que a psicanálise se tornou plural no campo científico e com a episteme, método e materialidade desta investigação exposta, cabe mencionar os procedimentos que melhor auxiliaram este estudo durante a coleta de dados.

A pesquisa aconteceu em formato de pesquisa psicanalítica, em reuniões on-line de Grupo Focal com os psicanalistas atuantes do EPUF, em que a pesquisadora, na condição de

construtora, concentrou sua atenção nas falas dos participantes: tanto sob sua forma expressiva e nítida; como nos detalhes das narrativas apresentadas pelos psicanalistas. Sendo assim, a coleta de dados - seja pela sua forma expressiva ou detalhada - estará em constante articulação com o campo epistemológico psicanalítico, no intento de construir posteriormente (análise dos dados), os relatos clínicos conceituais que resultaram nas construções teórico-prática da clínica investigada.

Durante a coleta de dados, a pesquisadora se manteve munida de material para anotações como gravou todos os encontros realizados. Os encontros iniciaram no dia 13 de agosto de 2022 e finalizaram no dia 19 de novembro de 2022.

Quanto ao Grupo Focal a escolha se faz porque este meio possibilitou a produção de elaborações em conjunto, despertando questionamentos que de modo individual talvez não fossem possíveis de elaboração. O grupo, através da sua interação, produz e amplia as discussões, cabendo à pesquisadora do grupo, conduzir a reunião do início ao fim.

Os grupos focais utilizam a interação grupal para produzir dados e insights que seriam dificilmente conseguidos fora do grupo. Os dados obtidos, então, levam em conta o processo do grupo, tomados como maior do que a soma das opiniões, sentimentos e pontos de vista individuais em jogo. A despeito disso, o grupo focal conserva o caráter de técnica de coleta de dados, adequado, a priori, para investigações qualitativas. (Kind, 2004, p. 125).

O Grupo Focal se fez uma ferramenta importante nessa pesquisa, pois o seu uso levou em consideração o processo do grupo no decorrer da coleta de dados, permitindo o desenvolvimento dos conceitos aqui investigados, tocando, em certa medida, no que poderia se chamar de condições necessárias a um processo de investigação, pois são definições que vão se dando enlaçadas a demanda do que se investiga e não fixadas a priori pela pesquisadora.

Na sequência é descrito como se constituíram os encontros com os psicanalistas participantes:

O Grupo Focal se fez uma ferramenta importante nessa pesquisa, pois o seu uso levou em consideração o processo do grupo no decorrer da coleta de dados, permitindo o desenvolvimento dos conceitos aqui investigados, tocando, em certa medida, no que poderia se chamar de condições necessárias a um processo de investigação, pois são definições que vão se dando enlaçadas a demanda do que se investiga e não fixadas a priori pela pesquisadora.

Na sequência é descrito como se constituíram os encontros com os psicanalistas participantes:

Forma 1 - Em alguns encontros com o grupo de psicanalistas, a pesquisadora, que também possui o papel de construtora nesta pesquisa, apresentou perguntas referentes aos

conceitos de transferência e pagamento que serviram de disparadores para a discussão, na pretensão de que os psicanalistas narrassem suas experiências diante o dispositivo clínico online e gratuito. As reuniões que foram executadas sob este modelo, o leitor encontrará a identificação (Forma 1);

Forma 2 – Neste formato de encontro a pesquisadora concentrou a sua atenção nas narrativas dos psicanalistas do EPUF, podendo inserir perguntas em meio a discussão dos casos clínicos dos psicanalistas. Neste formato as perguntas foram sendo desenvolvidas pela pesquisadora conforme os conceitos que fundamentam esta pesquisa – transferência e pagamento - se apresentavam nas discussões dos psicanalistas diante o caso clínico discutido, ao que o leitor encontrará a identificação (Forma 2), para demarcar onde este formato foi utilizado.

A escolha de dois formatos para coleta de dados nesta investigação se faz tanto por entender que seria importante a pesquisadora poder se moldar ao formato das reuniões do EPUF, no intuito de minimizar intervenções desnecessárias, como pelo fato de entender que, tendo duas formas construídas para coleta de dados isso se tornaria uma ferramenta que possibilitaria um acesso mais amplo do que se estuda. Sendo assim, a coleta de dados sob Forma 1 foi utilizada nos encontros em que o grupo de psicanalistas entrevistados não apresentaram demanda de discussão de caso clínico durante o encontro, possibilitando a inserção de perguntas pela pesquisadora que deram um direcionamento direto às questões aqui investigadas. A Forma 2 foi introduzida nos encontros em que houve a discussão de casos, o que possibilitou uma livre associação dos participantes da pesquisa ficando a pesquisadora responsável por focalizar sua atenção no que se refere a transferência e pagamento para na sequência inserir perguntas relacionadas a estes conceitos psicanalíticos. Nos dois formatos de entrevista houve uma cadeia associativa que foi produzindo discussões referentes à experiência dos profissionais e foram essas associações que moldaram nossa investigação.

Entende-se que o método definido para a coleta de dados produziu uma importante peça discursiva da teoria psicanalítica que vai mostrando, através das discussões sobre os casos e sobre a teoria, o ponto de convergência entre a prática clínica e os seus conceitos, exibindo o papel fundamental da experiência para a episteme psicanalítica.

Essa passagem entre duas formas de organização para a coleta de dados, a qual se fez em diferentes momentos, possibilitou tanto uma organização acerca das perguntas articuladas aos conceitos aqui investigados, como oportunizou a participação nas discussões clínicas do EPUF. Por esta via buscou-se um maior alcance do material de verificação da prática e teoria

psicanalítica, como de abertura para extrair e detalhar as transformações necessárias à psicanálise para o atendimento on-line e gratuito.

Os procedimentos adotados possibilitaram um direcionamento para os temas constitutivos deste estudo como promoveram abertura para que os participantes da pesquisa pudessem em livre associação conduzir a discussão referente à prática psicanalítica exercida.

Posto a macroestrutura da coleta de dados, segue-se agora as referências pormenorizadas deste processo referentes a: forma, o consentimento, a organização e a ordenação do tempo:

- I. Quanto ao formato: as reuniões da coleta de dados se deram em formato on-line, através da plataforma Skype, o que nos permitiu às gravações das reuniões que foram salvas em arquivo pessoal, visando maior sigilo dos dados coletados e na sequência, após a finalização da análise de dados, foram apagadas do arquivo pessoal, mantendo apenas os extratos deste trabalho;
- II. Quanto ao consentimento: os participantes da pesquisa consentiram em compor esta pesquisa e autorizaram a gravação através do termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo 1).
- III. Quanto à organização: durante as reuniões os dados colhidos foram transcritos pela pesquisadora, tornando possível retornar as entrevistas, salvas em arquivo pessoal, para melhor organização de algum dado. Caso houvesse a necessidade de algum esclarecimento, diante a algum dado transcrito, a pesquisadora apresentou o conteúdo registrado ao grupo para ampliar a discussão;
- IV. Quanto à ordenação: as reuniões aconteceram semanalmente, tendo seu início no dia 20 de agosto de 2022 e foi finalizada no dia 19 de novembro de 2022. Cada reunião contava com um tempo estimado de sessenta minutos, totalizando 12 encontros durante a coleta de dados.

Toda a coleta de dados foi realizada de forma on-line, assim como ocorrem os atendimentos propostos pelo EPUF. Sendo assim, a investigação fez uso da mesma ferramenta utilizada para os atendimentos do EPUF, as redes digitais. Portanto, é no uso deste emaranhado de fios que vai se constituindo tanto a rede que conecta os psicanalistas do EPUF, como é por esses fios que a investigação desta prática psicanalítica é engendrada. Duas redes – clínica e pesquisa - que não devem se desconectar, pois são tecidas por fios que promovem a sustentação uma da outra, sendo fios que se enlaçam, se atam, enroscam e desatam guiados pela escuta, ética, práxis e pesquisa.

4.4. A construção dos extratos narrativos

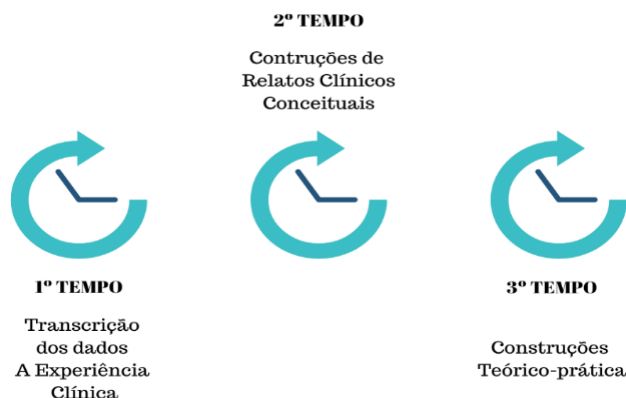
*Uma língua entre outras não é nada além da integral de equívocos
que sua história deixou persistirem nela.
(Lacan, 1973/2003).*

Para construção dos extratos narrativos, que compõe a análise dos dados desta pesquisa, foram necessários três tempos constitutivos que nas linhas que seguem serão abordados:

1. O primeiro tempo se constituiu pelo processo de transcrição das narrativas apresentadas pelos participantes da pesquisa. A transcrição foi elaborada de modo a tornar anônima as narrativas dos participantes, substituindo os nomes por uma combinação de letras e números, como consta na tabela deste estudo. Faz parte da metodologia desta pesquisa o retorno às gravações dos encontros para construção dos extratos narrativos, as quais vão se articulando a teoria conceitual dos temas investigados. Desta forma, o que o leitor encontrará no decorrer das discussões são fragmentos narrativos selecionados que vão compondo o estudo em articulação com a linguagem e a episteme trabalhada. A escolha dos recortes narrativos se fez em consonância ao objetivo desta pesquisa, o qual se molda a estudar a operacionalidade do conceito de transferência na análise on-line como de analisar o manejo do pagamento na clínica gratuita do EPUF;
2. O segundo tempo da análise de dados, se constitui pela construção de relatos clínicos conceituais do material coletado. A escolha da construção de relatos clínicos conceituais ocorreu porque foi através desta ferramenta que se fez possível conservar a escrita das narrativas o mais próximo possível das narrativas orais exposta durante as entrevistas, o que permitiu uma maior clareza e fidedignidade nas elaborações construídas e compreendidas diante a materialidade significativa, como possibilitou a articulação do material coletado à teoria conceitual psicanalítica estudada.
3. O terceiro tempo se configurou nas construções teórico-prática propriamente dita da pesquisa, foi um tempo de produzir alguns fechamentos ou conclusões, mas sempre tensionando o material clínico conceitual para que novas perguntas pudessem se fazer, pois, esta investigação, para além de expor a experiência dos psicanalistas do EPUF e relacioná-la a teoria psicanalítica, também se ocupou em apontar a incompletude do conhecimento, evidenciando que há algo da prática que encontra uma certa opacidade na teoria, que a teoria é não-toda, que há algo que escapa e que, portanto, pode

comportar novas perguntas e inquietações que fomentam o surgimento de novas investigações.

Figura 6. Os três tempos da análise de dados



Fonte: Elaboração da autora.

Posto os três tempos de forma detalhada, cabe dizer que eles estão neste estudo no objetivo de dar testemunho das construções tecidas a partir de um método que se constituiu nas relações entre a linguagem, a prática clínica, a teoria psicanalítica (os três grandes eixos deste estudo), resultando nas construções teórico-prática sobre a transferência, e o manejo do pagamento na clínica psicanalítica on-line e gratuita do EPUF.

As construções teórico-prática, são produções que não se fixam a um registro objetivo e estéril, pois esta pesquisa comporta o desejo de que seus resultados sejam transmitidos no mundo das realidades compartilhadas, é assim que a psicanálise se manteve e que acreditamos que deverá seguir no mundo. As escolhas sobre como esta investigação vai se tecendo, acomodam-se no interesse pela transmissibilidade da prática e da teoria e técnica psicanalítica. Desta forma, a pesquisa não se restringiu a uma peça meramente demonstrativa sobre o que se passa em uma prática clínica psicanalítica on-line e gratuita, mas sim de uma categoria discursiva que apontou os deslizamentos conceituais do tratamento psicanalítico neste formato, tendo como objetivo a difusão da operacionalidade desta clínica estudada.

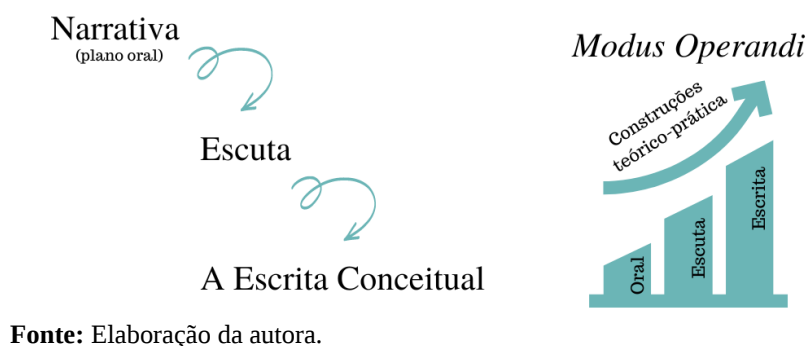
Para Conte (2004), conforme apontado por Silva e Macedo (2016), submeter o trabalho clínico às indagações teóricas faz possível a renovação da Psicanálise, reavaliada por meio da pesquisa e de escritos psicanalíticos desenvolvidos no tempo e na especificidade da cultura atual.

Para a construção metodológica foram analisadas como que determinadas operações da clínica on-line e gratuita no EPUF, narrativizadas pelos participantes da pesquisa, foram se apresentando nos encontros em grupo focal durante a coleta de dados. É neste sentido que o

estudo buscou articular uma gama de elementos coletados aos achados conceituais da revisão teórica e técnica sobre a transferência, o corpo e o pagamento em psicanálise, alcançando, destarte, a condição que estabelece a base da ciência e da prática clínica psicanalítica: uma enunciação sobre a verdade do objeto estudado.

Tem-se, portanto, uma investigação que se produz na articulação de três formas de linguagem: 1. A narrativa apresentada pelos participantes; 2. A relação com o que se escutou, e; 3. A escrita conceitual disponível que fazemos uso, para então depreender algum *modus operandi* de funcionamento do que se investiga.

Figura 7. Articulação das três formas de linguagem



Este método de análise de dados se compõe através de um percurso que faz relação com a proposta de Dunker, Ramirez e Assadi (2017), ao tratarem da construção de casos clínicos em psicanálise. Assim elaborou-se um método que: sai do plano oral (a narrativa dos psicanalistas participantes); passa pela escuta (da pesquisadora); se volta para a escrita (ao recorrer a teoria conceitual disponível em psicanálise sobre a transferência e o pagamento); resultando em construções teórico-prática desta investigação.

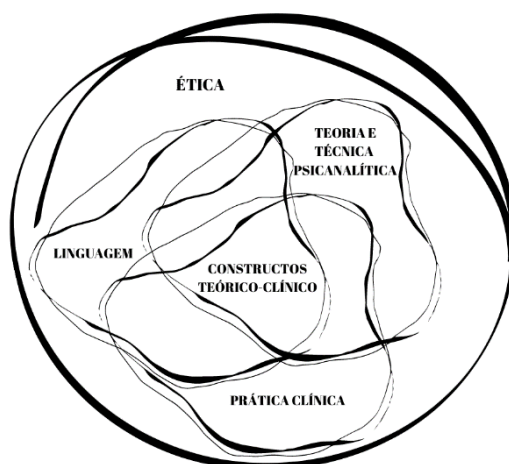
Orlandi (2005), nos dirá que todo objeto da ciência é constituído pela linguagem, precisando assim saber como esse objeto é constituído pela linguagem na ciência, como ele é significado dentro de suas teorias. Assim, a investigação apoiada em um saber sobre o funcionamento da linguagem e sobre a teoria e prática psicanalítica, pode nos autorizar como autores de nossas interpretações e formulações, é desta forma que se estabelece um espaço para a investigação de uma prática que se encontra em constituição e que comporta o interesse de romper com as repetições nos modos de pensar a clínica psicanalítica engessada e assim produzir novas possibilidades, as quais poderão ampliar os formatos dos atendimento psicanalíticos na manutenção de uma postura ética à sua prática, sendo isto o que nos possibilita inovar na área da ciência.

5. ENTRELACEAMENTO DOS FIOS: LINGUAGEM, TEORIA PSICANALÍTICA E PRÁTICA CLÍNICA

*Como vivi e mudei, o passado mudou também
(Rosa, 2019).*

Dada a metodologia que conduz esta investigação, neste capítulo se faz a análise dos dados em interface com a linguagem, a prática clínica e a teoria e técnica psicanalítica. É no entrelaçamento destes fios (linguagem, prática clínica e teoria e técnica psicanalítica) que se formam os nós²³ que enlaçados a ética sustentam a investigação da prática psicanalítica on-line e gratuita, resultando nos constructos teórico-práticos da pesquisa.

Figura 8. Entrelaçamento dos fios da pesquisa



Fonte: Elaboração da autora.

A construção de relatos clínicos conceituais que seguem contará com o movimento que relaciona a teoria conceitual psicanalítica às narrativas coletadas, selecionadas e transcritas, diante o cuidado ético que essa construção exige ao solicitar que seja focado o fenômeno a ser investigado e não a conversação clínica praticada pelo EPUF. Desta forma, a narrativa produzida pela pesquisadora é consequência da singular sistematização de um trabalho que considera a linguagem apresentada nas narrativas da experiência clínica do EPUF, para uma leitura aprofundada sobre os conceitos de transferência e pagamento em psicanálise,

²³ Nós que se refere a estes entrelaçamentos dos métodos e prática investigada, como Nós que se refere a um trabalho coletivo, remetendo a proposta lacaniana que alertava que a saída é coletiva e não individual dada no decorrer do seu ensino e analisada no texto “O tempo lógico e a asserção da certeza antecipada” (Lacan, 1945/1998).

produzindo abertura para um subcapítulo, na análise de dados sobre a transferência, que versa sobre a questão do corpo.

A investigação aborda a intersecção de três elementos que fundamentam a psicanálise: teoria psicanalítica, método e prática clínica, sendo a ética o quarto elemento que enlaça os três elementos e configura a premissa que subjaz ao desejo de analista. Na sequência, o leitor encontrará os recortes das construções de narrativas que carregam os conceitos que guiam a pesquisa (transferência e pagamento), temas centrais da clínica psicanalítica e a base deste estudo. Para isto os capítulos estarão dispostos da seguinte forma: 5.1. Relatos clínicos e elaborações conceituais – Sobre a Transferência e 5.2 Relatos clínicos e elaborações conceituais – Gratuidade para não pagar?

Percorrido este caminho, que resulta nas construções teórico-prática, o leitor encontrará uma breve discussão sobre a dimensão sociopolítica dessas duas práticas – EPUF e Pesquisa - que se unem amparadas pela ética e teoria psicanalítica, no desejo comum de instaurar, investigar e produzir construções que demonstram os resultados do EPUF e que, em alguma medida, colaboram com a democratização da psicanálise.

5.1. Relatos clínicos e elaborações conceituais – Sobre a transferência

Não se trata mais somente de interrogar-se sobre a passagem do tratamento a seu relato, mas de dizer que o próprio tratamento encontra sua razão ou sua verdade em certo tipo de relato. Não o relato de um encontro ou o encontro de um relato, mas o encontro no relato do encontro.
(Porge, 2009, p. 62).

O que vai dando notícias acerca da operacionalidade do conceito de transferência no atendimento on-line do EPUF?

Em Freud vemos que a transferência é amor, é a repetição que atualiza as histórias dos amores do passado com os novos amores. Uma repetição de modalidades, afetos e demandas vividas no passado, só que atualizada com uma pessoa diferente no presente. O que Freud descobre não é a transferência, mas a possibilidade de ela ser operacionalizada na análise como uma importante ferramenta aliada ao tratamento psicanalítico, assim ele conceitua este termo

para a prática clínica. Para Lacan, a transferência surge em cena quando há fala espontânea e autêntica endereçada a alguém, podendo ser sob forma de amor romântico, mas não se restringindo à ele. A definição que Lacan propõe para a transferência é a suposição de saber no Outro.

A transferência é assim um dos fundamentos da técnica psicanalítica, um fenômeno que instaura e sustenta todo o processo analítico e que, portanto, se faz necessária à sua investigação neste estudo visto seu lugar de relevância na clínica. Destaca-se ainda, que a transferência é um conceito que vai sendo refinado e transformado durante toda obra freudiana e que em Lacan também passará por transformações, e assim é possível dizer que deverá seguir se transformando, visto que a técnica psicanalítica é uma técnica que se dispõe a funcionar no mundo por justamente considerar as especificidades de cada contexto, assim como se faz diante a cada caso na clínica. Portanto, durante este capítulo através dos recortes narrativos coletados, será possível acompanhar a historicidade da transferência chegando até o momento atual para se pensar no seu manejo na clínica on-line.

Foi o desejo de investigar sobre a operacionalidade da transferência e do pagamento na clínica on-line e gratuito do EPUF o que impulsionou esta pesquisa como também contribuiu para os seus desdobramentos referentes à investigação sobre o estatuto do corpo na análise on-line, visto que o corpo se encontra por detrás de uma tela, como também para pensar sobre o pagamento no atendimento gratuito.

O material que segue nas linhas abaixo decorre das experiências clínicas narradas, articuladas à teoria psicanalítica e ao método aqui desenvolvido para o estudo. Diante disto, o leitor acompanhará no decorrer da análise de dados, uma forma de exposição que se apresenta através de fragmentos narrativos dos participantes da pesquisa; seguida da análise, que vai produzindo articulações entre os relatos clínicos e os conceitos psicanalíticos aqui estudados para a composição dos constructos teórico-práticos desta pesquisa.

O início da coleta de dados aconteceu no dia treze de agosto de 2022, (momento em que o EPUF já alcançava vinte e nove meses de atuação). Este primeiro encontro foi marcado por questionamentos acerca da transferência no atendimento psicanalítico on-line, no intuito de convidar cada psicanalista do EPUF, participante da pesquisa, a narrativizar a operacionalidade da transferência na clínica psicanalítica experienciada.

A coleta de dados que será apresentada na sequência aconteceu sob Forma 1, contando com a presença de 4 psicanalistas participantes mais 1 (a pesquisadora que também é construtora desta pesquisa). Sob esta forma de encontro a pesquisadora iniciou a coleta de dados com uma pergunta inicial, que serviu de disparadora para as discussões clínicas e, desta forma,

foram sendo inseridas questões referentes à transferência que interessavam ao estudo. Ao que segue a exposição dos extratos narrativos selecionados:

5.1.1. Extratos narrativos

Extrato 1:

P²⁴: gostaria de solicitar a autorização de vocês para iniciar a gravação. O conteúdo deste encontro ficará gravado e será excluído após a finalização desta pesquisa. Bem, gostaria de saber como é possível para vocês verificar a operacionalidade da transferência nos atendimentos on-line?

V1: eu acho que me ocorreram algumas coisas. Com o paciente que eu atendo, é a regularidade dele, ele raramente falta e quando falta se justifica. Ele já fez sessão no carro, na rua, mas na sessão que ele estava na rua eu interrompi porque eu não conseguia escutar, ele estava em meio ao calçamento. Então esse é um ponto sobre o atendimento on-line, ele possibilita essa circulação.

H: também tenho uma paciente que eu vejo que o on-line ela sustenta, e que talvez o presencial não. Então parece que o on-line se torna mais confortável do que o presencial. Mas com ela é bem mais cautelosa a conversa. E a minha outra paciente eu gostaria de trazer para falar sobre as faltas dela, para discutir sobre esse movimento que ela sempre está fazendo, mas ela mesma falou que não daria conta de estar ali na sessão se fosse presencial.

Este caráter “presencial” narrado pela participante do EPUF, visa demarcar a forma como vem sendo estabelecida a diferença entre o atendimento on-line e o atendimento em seu *setting* tradicional, em que, neste último, o analisando se desloca para estar no consultório da analista, marcando sua presença material. Demarca-se aqui estas considerações, no intuito de evidenciar uma das formas de como tem sido nomeada a clínica on-line para diferenciá-la da clínica clássica. Retoma-se assim as narrativas.

V2: eu acho que isso me lembra um dos primeiros pacientes que eu comecei a atender, ele agendou e depois cancelou dizendo que não daria naquele momento. Depois de algum tempo ele volta pedindo para agendar, marcamos e eu esqueci do horário dele. Quando ele

²⁴ Os diálogos constituem dados da pesquisa. Visando manter o sigilo de cada um dos participantes, coloca-se a inicial de cada um. A letra P indica os momentos em que eu, pesquisadora, tenho alguma fala.

veio, começou o processo, mas foi se tornando insustentável porque não tinha espaço na casa dele para as sessões, era muito barulho, ele se escondia. Até que eu pedi para ele ir até uma praça, mas ele não seguia falando. Então disse para ele escrever uma carta e enviar, e ali ele falou das ideias suicidas, eu chamei ele para vir para o presencial. Mas acho que o on-line possibilitou esse início.

V1: eu achei legal a carta, os outros meios de comunicação [...]

V2: sim, acho que foi muito importante esse processo da carta, dos quais até hoje ele ainda me diz que tem coisas ali escrita que ele ainda não consegue falar. E gente, quando eu fui ler a carta eu fiquei, gente como eu respondo isso?

P: a partir do que vocês estão colocando, vocês acham que o on-line poderia ser um facilitador para a entrada em uma análise para alguns casos?

H: sim.

M: eu atendia uma pessoa que por diversas vezes ela desligava a câmera, no começo foi muito difícil pra ela, quando eu a convidava para abrir a câmera ela se preocupava com o olhar do outro, porque o olhar do outro sempre vinha carregado dos julgamentos da família. Até que eu fui conseguindo trazer ela.

N: quando eu fazia minhas sessões on-line eu imitava o divã. Colocava atrás da cama.

V1: eu faço isso também, o que eu usava para mimetizar é colocar o celular atrás de mim e ficar com o fone. Eu perco a dimensão do lugar que eu estou. A estrutura física se virtualiza também, porque eu sei o que eu estou falando, mas onde eu estou fica em segundo plano.

5.1.2. Análise dos dados: o enquadre clínico se faz na transferência

Os fragmentos dos casos clínicos apresentados trazem notícias sobre a inserção do paciente no trabalho de análise on-line. São extratos clínicos articulados ao questionamento apresentado pela pesquisadora sobre a operacionalidade da transferência no atendimento on-line. Para esta análise se partiu do princípio, proposto por Moretto e Prizskulnik (2014) sobre as diferenças da entrada e da inserção do psicólogo nos serviços de saúde, pois, semelhante a proposta das autoras, a inserção de um analisando no processo de análise não coincide com o momento de sua entrada no projeto, onde o pretendente a análise se inscreve a partir do preenchimento de um formulário fornecido pelo EPUF (Anexo 2).

A transferência é um fenômeno universal do qual Freud se apropria para teorizar sobre uma operação fundamental no processo de uma análise. Um psicanalista é alguém advertido de

que sem a instauração deste fenômeno, a análise propriamente dita não se estabelece, portanto, localizar a transferência e sob ela saber operar é função do analista. Como então seria possível localizar esse fenômeno impalpável em uma análise para algo dizer sobre ele? No fragmento narrativo de V1, há a aposta de circunscrever o fenômeno da transferência através da assiduidade do analisando: “Ele raramente falta”, um paciente que raramente falta é alguém que estabeleceu transferência com a sua analista? Freud tratará das faltas do analisando nas sessões como uma resistência ao trabalho, será em *A Interpretação dos Sonhos* que ele dirá: “A psicanálise é justificadamente desconfiada. Uma de suas regras é que tudo o que interrompe o progresso do trabalho analítico é uma resistência” (Freud, 1900/1996, p. 548, grifo do autor). Freud, diante a formulação da teoria psicanalítica, aponta para as faltas e pedidos de remarcações de sessões, produzidas pelo analisando, como uma resistência deste diante o trabalho, porém, Lacan produzirá uma torção na teoria sobre a resistência ao revisitar os escritos técnicos de Freud e dizer que a resistência possui forte influência sob o inconsciente, portanto, o evento da resistência por parte do analisando já é algo esperado em uma análise. Segundo Lacan (1958/1998, p. 601), “não há outra resistência à análise senão a do próprio analista”. O que interessa pontuar, a partir desta afirmação lacaniana, é que os acontecimentos que intervêm suspendendo, destruindo ou interrompendo a continuidade de um processo analítico, podem ser pontuados pelo próprio analista, pois, a este último, estando advertido sobre este acontecimento, possui a “opção” de não resistir e assim convidar o analisante a se inserir ou a seguir no trabalho ao insistir na interpretação das supostas resistências do analisando impostas no decorrer de uma análise.

Propõe-se, a partir desta colocação, que um analisando que muito falta ou solicita remarcações constantes, deve ser convidado por seu analista a falar sobre esses impasses que inviabilizam sua assiduidade, em um trabalho do qual ele menciona querer fazer. Cabe ao analista operar para poder interpretar o que supõe ser uma resistência do analisando, caso contrário, o que se insere em cena pode se tratar de resistência do analista, pois, um analista que não questiona sobre os acontecimentos que interrompem ou interferem uma análise consecutivamente, é um analista que irá trabalhar *contra-a-transferência*²⁵, e isso inviabilizará o trabalho através da sua própria resistência por não trabalhar os conteúdos que o analisante lhe transfere. Assim cabe ao analista questionar, pontuar ou intervir em situações do processo

²⁵ Para Lacan a contratransferência seria o conjunto de obstáculos que inviabilizam o analista a ocupar o lugar do objeto para que a análise aconteça, portanto, ela não está no interior da relação analista e analisante, mas da relação do analista diante a sua função.

analítico, dirigindo dialeticamente essas questões ao analisando e assim operando não contra, mas a favor da manutenção da transferência no processo analítico.

O que se busca aqui demarcar, articulando a narrativa apresentada por V1, é que um paciente que falta com frequência é alguém que precisa ser convidado por seu analista a falar sobre este assunto, pois, para Lacan, o que operacionaliza a transferência no trabalho analítico, é o desejo de analista: desejo de que seu paciente fale, associe, elabore e siga se fazendo presente no trabalho para ir de encontro ao seu desejo. Da mesma maneira, é possível tomar a assiduidade de um analisando em suas sessões como uma inserção no tratamento, pois, entendemos que, se a assiduidade por si só não pode ser um elemento que caracteriza o fenômeno da transferência, ela é, ao menos, a condição para que a transferência se estabeleça e o trabalho aconteça. Assim, um analisando que raramente falta às suas sessões on-line, tem algo a nos contar sobre essa clínica, se não é sob a transferência, será como possibilidade de à ela chegar.

A partir da análise deste primeiro fragmento clínico, conclui-se que a assiduidade do analisante às sessões será aqui compreendida enquanto o processo da transferência estabelecido com a analista, o que configura um indício de que houve aderência ao tratamento, mas que a sustentação deste processo implica em todo manejo clínico da analista diante o caso, e isto amplia as discussões para as demais concepções teóricas e técnicas de um tratamento analítico, porém, a este estudo interessa um olhar que se volte a transferência, conceito indispensável a clínica psicanalítica diante a cada caso atendido.

Se tem deste modo, um indicador clínico que se manifesta diante a assiduidade do analisante as sessões, que sendo articulado ao conceito de transferência em psicanálise, vai possibilitando o trabalho analítico em uma clínica on-line, pois, se é através da transferência que o analisante endereça seu sintoma ao analista, e se este endereçamento se apresenta pela linguagem, cabe ao analista operar sobre o discurso do analisante para a produção de uma análise, o que não se efetua sem antes falarmos dos impasses encontrados no manejo clínico que opera pela linguagem, conjuntura esta que se faz presente a todo processo analítico, seja ele “presencial” ou on-line.

Desta forma, segue-se com as narrativas de V1, H, V2 e M, que produzem articulações conceituais que ajudam a melhor descrever o fenômeno da transferência demarcando os impasses e possibilidades que um atendimento psicanalítico on-line pode comportar para a teoria e a técnica analítica. Quanto aos impasses serão referidas as interferências que ocorreram durante o atendimento e que foram narradas pelos participantes do EPUF. O que aqui é nomeado como interferências está se referindo tanto ao sinal de uma rede de dados, como aos barulhos que atravessam o “*setting* analítico” decorrentes do fato do analisando estar em um

ambiente movimentado, como é o exemplo de V1 diante o caso em que seu analisando tenta fazer sua sessão enquanto andava pelo calçadão. Estes dados são aqui dialogados no objetivo de definir que há critérios para que um atendimento on-line ocorra, que a sua realização não corresponde a se fazer em qualquer ambiente ou situação.

Para o estabelecimento de um atendimento psicanalítico é necessário o mínimo de privacidade, tanto para que a associação livre opere, como para que a escuta flutuante atue, condições essas (associação livre e escuta flutuante), fundamentais para o estabelecimento e manejo da transferência. Desta forma, o contexto on-line tem produzido uma questão que merece atenção, uma atenção que não se volta só para as análises on-line, apesar de que esta última é a que neste estudo possui um lugar privilegiado, mas interessa pontuar que com o avanço da tecnologia digital o contexto de reuniões, aulas, cursos e encontros on-line, tem se mostrado cada vez mais presente. Diante este acontecimento, se a preferência pelos encontros on-line pode vir a favorecer diante diversos aspectos da vida, em sua outra face ela nos aponta uma questão que não nos cabe deixar passar de modo despercebido, a qual reside no fato de que o contexto on-line tem sido tratado por alguns como a possibilidade de se realizar mais de uma tarefa ao mesmo tempo, na suposição de que poderão estar assistindo uma aula e trabalhando no mesmo espaço de tempo.

O contexto on-line se torna assim uma alternativa sedutora no mundo capitalista que sempre solicita um a mais dos sujeitos, como para estes sujeitos que sempre buscam por um a mais de prazer, duas apresentações resultantes do que Lacan nos apresenta em seu matema do discurso do capitalista, um discurso que enlaça o sujeito aos objetos que produzem o gozo e que podemos localizar nos significantes: produza e consuma, um deslizamento do discurso do mestre que não faz laço social, pois foraclui a castração.

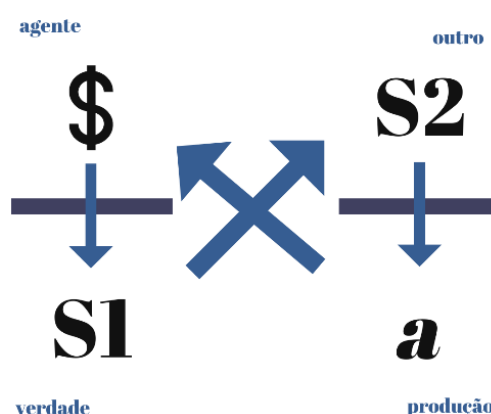
Desta forma é preciso demarcar que é no manejo da transferência que o analista opera visando produzir torções discursivas no decorrer de uma análise, torções discursivas que serão tratadas no sub-capítulo 5.1.7. *Sobre a Transferência: O discurso do analista* que versa sobre os quatro discursos lacaniano, no objetivo de teorizar o discurso do analista enquanto operador do tratamento analítico e que auxiliará na compreensão sobre o motivo que aqui se cita o discurso do capitalista. O discurso do capitalista antecede aqui os demais discursos da teoria lacaniana assim como comumente acontece na clínica, pois o pretendente a análise deposita suas primeiras palavras na análise atado à este discurso sem poder se deslocar, como também para tecer algumas considerações acerca deste discurso que amarra o sujeito diante ideais capitalistas e sendo assim: quando não produz dificuldades para o sujeito à sua entrada no processo analítico é porque; produziu a própria inviabilidade do sujeito à um analista poder

chegar. Quanto esta última questão ela interessa a esta investigação, pois é a partir dela que se investigou o atendimento gratuito e sua viabilidade (que o leitor encontrará no sub-capítulo 5.2 Relatos Clínicos e elaborações conceituais – gratuidade para não pagar?).

O que aqui neste capítulo cabe apontar sobre o discurso do capitalista, é que se trata de um discurso que foraclui o laço social, se mostrando diferente dos quatro discursos que na teoria lacaniana se apresentam como formadores do laço social. Dizer que o discurso do capitalista foraclui o laço social é demarcar que ele produz um endereçamento aos objetos de consumo, o que reduz o sujeito a um obstinado consumidor. Imerso pela lógica capitalista, o discurso do capitalista atrai o sujeito, pois nele há impressa a recusa da falta inerente do ser humano, que o convida a mais produzir em uma busca descontente e, por isto, permanente.

Lacan (1971), já demarcava que a psicanálise não é uma aliada do discurso do capitalista, o que ela propõe é a sua subversão, pois, a política da psicanálise é não compactuar com o sofrimento decorrente da exploração capitalista. Se uma análise on-line produz possibilidade do sujeito “estar” simultaneamente na sessão e no trabalho, isto abastece o motor da lógica capitalista e como consequência, no espaço que deveria existir para a produção do trabalho analítico, o que operaria é a lógica discursiva da alta performance, do sujeito capaz de fazer muito além do que se espera dele, o que soterraria a possibilidade de uma análise advir e como efeito contribuiria para o mal-estar do sujeito, já enredado pela lógica da alta produtividade que mira o “indivíduo multitarefa”.

Figura 9. Discurso do capitalista



Fonte: Elaboração da autora a partir da formulação lacaniana sobre os quatro discursos.

Se a escuta do sofrimento na clínica psicanalítica toma por base o sujeito em sua relação com a cultura, pois é ela que vai ordenando os sujeitos, e, sendo a cultura acessada pela

linguagem, pois o sujeito se funda pela linguagem como ainda, sendo o nosso contexto cultural ordenado por uma lógica que flerta com propostas de tudo poder fazer e tudo ter, cabe ao analista não ceder a esta ilusão, pois, ainda que travestida sobre a lógica de uma boa alternativa, que comporta um bem fazer aos sujeitos, é preciso saber que querer desenvolver tarefas simultâneas, em um mundo que determina que essa prática equivale a fazer o bem a si mesmo, é operar fora da ética psicanalítica e assim impossibilitar a instauração de um trabalho como cita Adorno: “Um compromisso excessivo com o Bem pode tornar-se, em si mesmo, o pior Mal: o verdadeiro Mal é qualquer tipo de dogmatismo fanático, especialmente o exercido em nome do Bem supremo.” (Adorno, 1996, p. 311).

Lacan demarca, durante todo seu ensino, que é o desejo de analista que precisa operar na cena analítica. Isso ele faz para definir que esse desejo se distingue do desejo alienado ao Outro. O analista não entra em busca de unificar o sujeito visando o seu bem, retomando sua condição de total alienação ao outro, assim como não se alia aos discursos que conferem ao sujeito a possibilidade de atender a diversas demandas. Desta forma, é preciso a construção de um *setting* analítico, o qual será manejado pelo analista, que viabilize ao analista questionar o analisando sobre a escolha de determinados locais para fazer sua sessão on-line. Será somente após a elaboração desta questão, provocada pelo analista e trabalhada pelo analisando, que o *setting* analítico poderá se constituir no contexto on-line para que a transferência se estabeleça e a análise aconteça. Isto só será possível através da torção operacionalizada sobre um discurso de tudo querer ter e ser, produzindo assim fraturas que possibilitem fundar o discurso do sujeito desejante.

Ao analista cabe se guiar pelo desejo de saber sobre o seu analisando, e para isso a um analista cabe não prescindir da condição de sua abstenção subjetiva, que segundo, Maurano (2006), se realiza através da recusa de um analista de obturar toda falta inerente ao ser humano, não se rendendo ao gozo infinito do analisante de tudo ter e fazer. Assim, não buscar unificar um sujeito, significa recusar uma abordagem reducionista de que tudo possibilita e diz preencher vazios. Tendo de subverter o discurso de bem-fazer do sujeito que busca *otimizar* seu tempo através do tratamento psicanalítico on-line conciliado a outras atividades. Isto configura ter de estabelecer um acordo entre analista e analisante sobre a disponibilidade deste último para o processo analítico on-line, o que implica em ter o analisando de renunciar a outras atividades para em sua análise poder estar. Desta forma, cabe dizer que uma análise, on-line ou “presencial”, só se instaura a partir de uma falta, uma falta que se recusa a proposições prontas e assertivas que se fecham em si mesmas, mas de uma proposta que se interessa pela produção desejante.

Sendo assim, exercer a função de analista só será possível após ter experienciado esse processo em sua própria análise pessoal, a qual autoriza o analista a não ceder de seu desejo para então poder convocar o analisante a produção de um deslizamento dos ideais imposto que o alienam.

Ao não obturar uma falta, o analista convoca o analisante a desocupar a posição passiva para a posição ativa de um saber fazer diante a falta inerente ao ser. Um saber fazer que cria a vida e a põe em movimento. Ao dizer ao analisando que não é possível escutar o que ele diz, devido ao excesso de interferências externas, se faz o convite para que ele se disponibilize (ou não) para o processo buscando se a ver com suas escolhas e como consequência encontre espaço (no tempo e no território) para sua análise. Trata-se desta forma, de um convite que aponta para uma escolha que não se realiza sem renúncia, mas que ao se efetuar produz abertura para a produção de um saber.

Uma análise necessita de disponibilidade para acontecer, seja do analisando ou do analista. Assim, o ambiente on-line precisa produzir um enquadre clínico, este enquadre será tratado no um a um, pois ele tem uma função que, semelhante a função da assiduidade do analisando às suas sessões, é indispensável à produção da transferência em uma análise.

Desta forma, retomamos a narrativa de V1 quando a analista fala sobre a regularidade do analisando nas sessões, pois esse elemento como citado pode nos dar notícias de que a transferência está operando, sua instauração pode ter sido estabelecida, mas é necessário condições para sua sustentação e, neste sentido, se torna importante a um analista conduzir a sessão para que o enquadre clínico seja preservado. Isto equivale a dizer que um atendimento invadido pelo barulho das calçadas, que ensurdece a escuta de uma analista e cala a voz de quem fala, pode estar gritando pela necessidade de ser interrompida para que seja interpelada. Afinal, interromper um atendimento psicanalítico pode ser um ato analítico que aposta em um sujeito para que em outro momento seja possível poder seguir, *se contando e se escutando*, para que o trabalho aconteça.

Se tem assim, a fala e a escuta como elementos necessários para que uma análise on-line aconteça, sendo necessário ao analista criar condições para que este ambiente se faça. Em alguns casos é o próprio analisando quem tomará a iniciativa de criar o seu *setting* analítico, como exposto por V1 e V2, que narram que durante suas análises posicionavam o celular no campo atrás de si como uma forma de simular um divã no espaço analítico on-line, mas estas narrativas carregam as especificidades de análises que já aconteciam em um *setting* analítico com poltronas e divã antes de migrar para o on-line. Talvez uma análise que inicie pelo contexto on-line, como é dos casos atendidos pelo EPUF, precisará ser conduzida de forma diferente,

demarcando pouco a pouco a necessidade de um ambiente favorável para que se fale e se escute.

V1 ao narrar que durante sua análise pessoal on-line, ao mimetizar o *setting* analítico em um atendimento, perdia a dimensão do lugar que estava, nos conta que a estrutura física se virtualiza e o analisante passa a poder falar sem endereçamentos. A transferência é um fenômeno que se organiza de forma sincrônica em uma análise, pois, se refere a mudanças de posicionamento do analista e do analisando. Lacan dirá que ao fim de uma análise o analista deverá cair. Há aqui uma mudança de posição, àquele (o analista) para quem era endereçado o sintoma, na suposição de que este diante o seu saber suturaria a fratura apresentada, deixa de possuir tanto saber/poder e passa a operar como outro semelhante.

As análises aqui produzidas vão revelando que pensar a transferência é ter que pensar sobre o lugar do analista, ao que este último precisa possuir manejos para construção de um *setting* terapêutico no ambiente on-line, pois, pensar o *setting* é, como cita Figueiredo (2021), ter que pensar o enquadre clínico que interessa a uma análise e que, portanto, se situa no “enquadre interior”, na mente do analista, a qual não se faz somente por um amontoado de teorias, mas, através da “mente do analista que pode instalar todas as condições materiais de um enquadre, além de trabalhar nas mais diversas condições e mesmo sem nenhum enquadre exterior” (Figueiredo, 2021, p. 9).

Desta forma, tem-se como conclusão parcial diante um fragmento clínico desta investigação, contando que o espaço necessário para que a transferência possa ser manejada e uma análise aconteça, se situa menos em uma estruturação física adequada. Estando a transferência situada em relação ao analista e ao método pela análise proposto, cabe ao analista se oferecer como espaço a este que busca tratar de seu sofrimento. Com isso, o espaço em que uma clínica psicanalítica se constituirá, só se fará através desta travessia que foi experienciada pregressamente pelo próprio analista, quando este pode encontrar um espaço em que foi acolhido e escutado, ou melhor dizendo ao se apropriar das palavras de Figueiredo (2021):

Uma boa experiência de análise costuma produzir esse efeito, gerando amor e gratidão à própria experiência. O enquadre interior é um espaço côncavo de hospitalidade, escavado pelo amor e gratidão à experiência de haver sido recebido, escutado e pensado no encontro com alguém que, psicanalista ou não, pôde oferecer seu próprio espaço e tempo ao sujeito (Figueiredo, 2021, p. 10).

Na sequência o estudo retoma a exposição dos extratos narrativos que trarão maiores contribuições sobre o tema estudado para seguir com a discussão teórica e técnica sobre a transferência.

5.1.3. Extratos narrativos

A coleta de dados que será exposta na sequência, foi realizada no dia 20 de agosto de 2022 e foi conduzida sob a Forma 2, onde a pesquisadora e mais cinco participantes estavam presentes durante as conversações clínicas. As perguntas deste encontro foram desenvolvidas pela pesquisadora conforme o material investigado se apresentava nas narrativas produzidas no grupo.

A fim de situar o leitor sobre os extratos narrativos a seguir, eles fazem parte de uma seleção de narrativa clínica realizada nas discussões sobre o caso exposto pela psicanalista H. O caso se refere a uma mulher de 30 anos que vem em acompanhamento pelo EPUF há 6 meses. A analisanda tem duas filhas e trabalha 12 horas por dia, sem folga aos finais de semana. A queixa inicial, exposta pela psicanalista participante, é de que a analisanda atende a todas as demandas endereçadas à ela, mas que não há um reconhecimento desses cuidados que ela oferece às pessoas. É ainda, segundo a psicanalista que atende a analisante, relatos de que esta última sofreu violência física e psicológica durante toda sua vida. A analista participante traz o caso para as discussões clínicas no grupo, pois, menciona estar se deparando com impasses diante os inúmeros pedidos da analisanda para remarcações de suas sessões. Ao que segue nos extratos narrativos:

Extrato 2

H: Percebo que durante esse tempo, o modo de funcionamento dela tá muito vinculado a esse outro. Toda infância dela foi ouvindo que ela nada queria da vida. A mãe a abandonou, a avó a cria, avó não tem muita paciência, muito do conteúdo das sessões é ela dizendo se o que ela faz é certo ou errado. Ela se preocupa muito com os filhos, não acredita que alguém tem condições de cuidar dos seus filhos. O que eu trabalho com ela é essa insegurança. Ela remarca muito as sessões, por exemplo, a última sessão ela fez no serviço porque não daria tempo de chegar em casa e não queria deixar de fazer. Em uma semana ela já chegou de remarcar duas vezes, e é uma coisa que eu fico na dúvida sobre a intervenção, porque no começo remarcar era uma forma de acolhimento em que eu via uma forma de cuidado com ela, mas eu não sei até que ponto isso pode estar sendo muito permissivo. Nessas duas semanas eu comecei a mudar isso, e ficou uma semana sem. Eu não sabia o quanto eu estava contribuindo para esse tipo de funcionamento (silêncio).

P: você estava falando das suas dúvidas, você quer seguir falando para que possamos abrir para o diálogo?

H: as dúvidas eram essas, sobre a pontualidade dela, se tem alguma mudança que eu possa fazer para entender melhor?

P: pensar no que é possível mudar no manejo você diz?

H: sim.

P: você já fez uma mudança quando você não oferece mais a possibilidade de mudanças de horário ne? Quando você fala disso eu fico pensando sobre a importância da gente discutir quando o paciente remarca muitas vezes a partir de uma fala sua que é: “ela remarca muito as sessões”, fiquei pensando o quanto que a disponibilidade para remarcações na agenda do psicanalista pode ter a ver com a conduta de um paciente que desmarca muito. Talvez, haver disponibilidade na nossa agenda não equivale a ter que ofertar novos horários para remanejar sempre que o analisando solicitar, o que quero dizer é que cabe pensar que não dá para se basear somente na agenda disponível para ofertar novos horários, não sei se isso fica claro para vocês?

V1: e pensar na possibilidade também para aquele caso, porque às vezes tem uma demanda, mas não precisa necessariamente ser atendida, porque enquanto manejo naquele caso não é interessante, por isso você fez bem em colocar um limite, porque ainda que na primeira semana após isso ela falte, na outra semana ela faz a sessão do trabalho. Me parece que isso já é um efeito da sua intervenção. Acho que isso é importante e dá um enquadre. De tempo em tempo, conversar com o paciente qual é o lugar da análise para ele e talvez refazer o enquadre propondo repensar no que é espaço da análise para ele, o que mantém o paciente vindo ainda que ele falte. [...] Achei esse caso um novelo todo emaranhado, acho que precisa, não sei se precisa, acho que é importante resgatar com ela o que significa esse espaço, às vezes um processo de análise é isso. As cartas estão sob mesa, você tá escutando ela há seis meses, você tem condições de fazer uma avaliação do que ela foi te apresentando e construir uma narrativa para ela. Mas a gente constrói uma narrativa para o paciente? Não é do paciente é para o paciente, para depois interrogar sobre isso. Resgatar o horário com ela, seu horário é esse não há possibilidade de remarcarmos sempre.

H: Em uma sessão eu disse para ela que parecia que tinha alguns sentimentos que precisam ser ditos e quando ela escuta essa fala ela traz para a sessão seguinte dizendo que eu disse que ela era agressiva, ela leva para esse lado pontual, fixo e vocês falando eu fui pensando o quanto ela toma pra esse lado: eu sou agressiva mesmo, é assim que eu sou. A mãe dela fazia isso com ela, dizia que ela era agressiva e não deixava ela falar.

N: não sei se isso tem a ver com o que eu estou lendo agora e também não sei se vocês já discutiram isso antes, mas assim, a transferência é uma espécie de autorização para a

análise acontecer né, tem a ver com a posição que você é colocada ali também enquanto analista, e eu não sei se é relevante, mas não ficou muito claro para mim em que lugar que você foi colocada ali na análise, e fiquei aqui pensando que o lugar que você foi colocada ali é que gerou uma dificuldade de intervir e eu não sei, não sou analista né, mas me dá a impressão que a partir do momento em que você identifica como é colocada ali você consegue trabalhar com a transferência. Acho que é isso, não sei se é relevante, não sei se tá bem colocada a transferência aí.

H: acho que tem tudo a ver, e tomo um cuidado com as palavras para que isso não vá para outro lugar sempre que eu falo alguma coisa.

P: então, pegando o que vocês trazem, se trata de poder pensar que através da transferência, na verdade de perceber em que lugar ela se localiza. E pensando quando você H menciona que a paciente introduz o significante agressividade, dizendo que você a chama de agressiva, eu fiquei pensando muito nesse lugar tomado pela via de um juízo moral, isso pode ser uma repetição de algo que vem pela via da transferência pra você. Acredito que ela ainda não possa transformar isso, o primeiro passo seria introduzir isso para que ela tome conhecimento dessas repetições. Acho que com o que cada um vai falando aqui, dá para você ir pensando no que faz sentido ou não para o caso e ir verificando isso na clínica, só vamos ter notícias disso depois, mas também não dá para ficar só nessa lógica de deixar para ver depois, é preciso saber como se está caminhando com cada caso e como cada caso vai se articulando a metapsicologia. porque ainda que estejamos falando de um caso clínico em suas especificidades, vocês percebem que há algo que deve ser pensado como um elemento importante a toda clínica no que se refere a transferência?

H: pensei nisso, na forma como a mãe dela julgava ela como agressiva e ela diz que eu faço, assim como diz ter medo de ser julgada pelos outros.

5.1.4. Análise dos dados: sobre/sob transferência

O inconsciente, a partir de Freud, é uma cadeia de significantes que em algum lugar (numa outra cena, escreve ele) se repete e insiste, para interferir nos cortes que lhe oferece o discurso efetivo e na cogitação a que ele dá forma.

(Lacan, 1966/1998, p. 813).

Como o caso narrado pela psicanalista H é exposto para pontuar, segundo ela, os seus impasses diante o manejo clínico, optou-se por selecionar estes fragmentos narrativos, pois é neste momento, durante o encontro que surgem as discussões sobre a transferência.

Diante do extrato narrativo clínico apresentado, propôs-se neste estudo o diálogo do conceito da transferência enquanto a atualização do passado da analisanda endereçado à analista.

Toda relação humana provoca a manifestação da transferência, não se tratando apenas de se apresentar na cena analítica, porém, será na cena analítica que ela será considerada para ser trabalhada em sua singularidade, pois cada narrativa demanda um aspecto de direção diferente para o trabalho analítico. Podemos pensar nas relações amorosas como um exemplo que define a transferência, pois, quando alguém se apaixona, o apaixonado tende a repetir suas experiências anteriores. Um analista é aquele que advertido dessa repetição e amparado pela sua formação (que inclui o tripé; teoria, análise pessoal e supervisão clínica), está habilitado a operar através das táticas e estratégias clínicas. Sendo assim, cabe ao analista trabalhar a transferência em sua dimensão que: tanto nos revela a possibilidade de uma análise surgir e se sustentar, como ainda; é através dela que a resistência se apresenta. Em ambas as situações, se pela via de uma força propulsora que desloca a análise ou pela via da resistência, caberá ao analista o trabalho de analisá-la, assim como pontua Maurano (2006). Portanto, esta condição apresentada por H, enquanto um impasse diante o caso, apesar de dificultar o manejo clínico, é o que pode abrir a possibilidade de haver um trabalho, é neste caminho que esta análise será percorrida.

H narra que a analisanda retoma um fragmento de sua fala, o qual conta ter sido produzido pela analista em sua sessão anterior. A frase que a analisante apresenta é: *“você disse que eu sou agressiva”*, ao que a analista lhe responde: *“eu falei que você precisa falar sobre esses sentimentos que guarda”*. A analisanda insere um “novo” significante ao tentar reproduzir a fala da analista, remetendo este significante à ela, como sendo uma atribuição da analista à sua agressividade que lhe foi imputada no passado pelo Outro. Tem-se a inserção de um significante “novo”, mas que é marcado por aquilo que há de mais antigo da história de vida da analisanda, e que não cessa de se apresentar em sua vida. Este caso possibilita a essa pesquisa apresentar o modo como a transferência se estabelece na cena analítica, que nesse caso vem atribuído de um juízo moral que a analisanda endereça a sua analista, inserindo uma cadeia significante (*“eu sou agressiva”*) que produz sentido e fechamento diante as formas que ela estabelece suas relações no mundo. Este novo significante carrega algo da sua história, possui um referente que não a analista, mas que é endereçado à ela, através da relação transferencial,

abrindo possibilidade para o trabalho advir. O passado conta sua história, de quando sofria agressões e era calada por sua mãe que julgava sua conduta como agressiva, assim este passado se faz presentificado na cena analítica.

A transferência surge no processo terapêutico como um modo de reeditar essa cena vivida pela analisanda no decorrer de sua vida. Sua insegurança parece assim estar entrelaçada às agressões sofridas e a impossibilidade de ser acolhida. O olhar do Outro que se apresenta sob a forma de julgamento, conta algo sobre sua história, uma história que, em uma análise, só poderá ser reeditada a partir dos *fiões* que se *conectam* e se enlaçam à transferência, produzindo a possibilidade da analisanda expressar seu sintoma no trabalho transferencial seja ele na modalidade on-line ou presencial, pois se trata de poder ser ouvida para que, através da linguagem, se torne possível produzir novas gramáticas que possam tomar o olhar do outro como algo que não diz tudo sobre ela, ou então, parafraseando Miriam Debieux (2018): que ela possa dizer sobre ela, para além disso que dizem sobre ela.

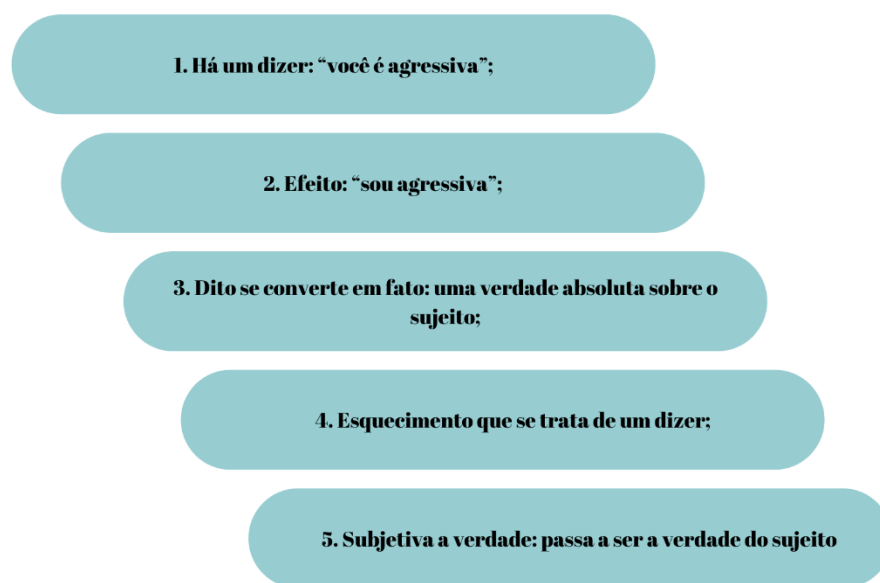
Falar para além do que foi dito sobre si é o que propõe uma análise, ao produzir deslocamentos na cadeia significante que foi fixada, amarrada e que enreda o sujeito a sua paralisia.

O sujeito que interessa ao processo analítico é o sujeito criado no discurso e não o eu (identidade) que fala, por isso Lacan promove uma diferença do sujeito cartesiano do sujeito lacaniano. O sujeito lacaniano não é um indivíduo ou uma personalidade, pois para Lacan (1957/1998), “penso onde não sou, logo sou onde não penso. (...) O que cumpre dizer é: eu não sou lá onde sou joguete de meu pensamento; penso naquilo que sou lá onde não posso pensar” (Lacan, 1957/1998, p. 521). O que confere ao sujeito seu caráter essencialmente inapreensível, pontual e evanescente. Há um saber que não se sabe, “que se diga fica esquecido detrás do que se diz no que se ouve” (Lacan, 1973/2003 p. 26). O que aqui nos interessa pontuar, ao articular a teoria ao extrato narrativo, é que a partir de um dito: “*você é agressiva*”, se constroi uma realidade para a analisanda: “*eu sou agressiva*”.

Um dito é um efeito daquilo que o Outro disse, o dito deixa de ser um fato e passa a ser uma verdade absoluta para o sujeito. O dito perde sua referência ao se tornar uma realidade, onde o sujeito se esquece de que se tratava de um dizer e o toma como sua verdade. A fonte onde essa verdade se originou é assim esquecida, se retira do contexto, e um processo analítico visa restabelecer essa ligação pela via do significante. Aquilo do que o paciente sofre é de um

dito “*che vuoi?*”²⁶. O que o Outro quer de mim é supostamente dito pelo Outro e o sujeito passa a responder deste lugar. Isto se faz porque para Lacan, o inconsciente é o discurso, e é o discurso que o sujeito vive, sofrendo desse sentido que foi fixado. Assim expõe-se essa lógica constituinte de um sujeito, conforme a figura abaixo:

Figura 10. Lógica constituinte de um sujeito



Fonte: Elaboração da autora.

O que emerge é uma cadeia discursiva, produzida pela analisanda, que pela transferência solicita um deslocamento no trabalho analítico para que possa modificar o resultado do fato. Aqui tem-se a noção do significante lacaniano que, “[...] um significante é o que representa o sujeito para outro significante. Esse significante, portanto, será aquele para o qual todos os outros significantes representam o sujeito: ou seja, na falta desse significante, todos os demais não representariam nada” (Lacan, 1960/1998, p. 833).

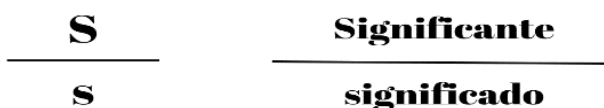
O sujeito lacaniano é o sujeito da linguagem, onde o significante tem primazia sobre o significado, assim como exposto no sub-capítulo 4.1 Psicanálise e linguagem deste estudo. Isto significa que não há mais um significado pleno, um significado absoluto sobre todas as coisas, o que há é um sentido de significação (efeito virtual), dito de outro modo, um sentido que é

²⁶ Lacan em *Subversão do sujeito e dialética do desejo do inconsciente freudiano* (1966), se apropria da expressão *Che vuoi?* (Que queres?) para dizer sobre o particular do desejo do sujeito diante do universal da lei.

temporário, que pode ser deslocado, é aí que a análise opera, na via de tratar pela linguagem algo como

significante e não como significado. É a analista, que operando pela via da transferência, poderá promover a passagem ao estatuto de significante sobre isto que a analisante diz.

Figura 11. Passagem ao estatuto de significante



Fonte: Elaboração da autora a partir dos pressupostos lacanianos.

Se uma análise é a operação do analista sob a cadeia discursiva de um sentido fixo que o analisando apresenta e, se, o analista passa isso ao estatuto de significante, convidando o sujeito ao deslocamento desta verdade tomada para si, estamos aqui falando de uma operação que não será inviabilizada por ser on-line.

Outro aspecto dessa análise se refere a queixa da analisanda sobre estar sempre atendendo a todas as demandas à ela dirigida. Trata-se de uma narrativa importante, pois junto a este caso clínico temos o pedido recorrente de remarcações da sua análise. A clínica psicanalítica se interessa em pensar nas relações estabelecidas durante o processo analítico, que nesse caso se faz diante do excesso de solicitações de remarcação das sessões junto a queixa de alguém que sempre atende a todas. Como essas questões poderiam estar relacionadas na vida desta analisanda? Poderia sua queixa (atendo a todos que me procuram) coincidir de alguma medida com seu pedido (preciso remarcar minha sessão)? Estas são questões que precisam ser operacionalizadas pelo analista para produzir encadeamentos significantes pela analisanda. É através da cadeia associativa, que liga um significante ao outro, que se faz possível desmontar discursos com sentidos plenos, estratificados e que são dirigidos a analista sob o fenômeno da transferência. Portanto, há a produção de narrativas, que dirigidas a analista, solicitam novas interpretações, seja diante a formação discursiva que assume o aspecto de agressividade “*você disse que eu sou agressiva*”, seja através da queixa em que a analisante apresenta uma mulher sobrecarregada e sem tempo por estar submetida às demandas alheias e assim ter de solicitar remarcações constantes da sua análise. Um sujeito entre a falta (sem tempo) e o excesso (tudo atendo).

Se há demanda em uma análise, isto aponta para a possibilidade de uma passagem para o desejo, a demanda está tanto como um suporte para o desejo, que pode produzir o encontro com o próprio desejo, como é também o que produz sofrimento. A demanda é o efeito da

alienação estrutural sobredeterminada pela linguagem, que se realiza sobre aquilo que o Outro fala sobre mim, pede para mim, deseja de mim.

A demanda é assim, na teoria lacaniana, um estado de alienação do desejo, do desejo alienado ao significante que deixa de se deslocar metonimicamente diante a falta, estabilizando a relação entre significantes e significados e significantes e significações, o que faz a demanda se apresentar como alienação à sua significação, dito de outra forma: a demanda nos conta sob à alienação do sujeito diante aquilo que ele supõe que o Outro pede dele.

Conclui-se assim, através dos fragmentos narrativos apresentados no Extrato 2, que há elementos para que uma análise on-line possa se realizar, há uma demanda que estratifica o desejo da analisanda e pede passagem na análise através de sua reprodução pela linguagem de um sujeito que se localiza entre a falta de tempo e o excesso de trabalho. Ao que caberá a analista o manejo da transferência que Lacan inscreve através da dialética do desejo e no qual Safatle (2006), expõe pensando o sujeito diante do giro que é operado em análise passando do reconhecimento do sujeito ao reconhecimento do desejo. Se trata assim do analista possibilitar essa passagem que é representada no esquema abaixo:

Figura 12. Passagem do desejo de reconhecimento ao reconhecimento do desejo



Fonte: Elaboração da autora.

Se é o espaço dado pelo enquadre interno do analista o que viabiliza uma análise, como citado no capítulo anterior, cabe dizer que é pela escuta dos significantes apontados pela analisante, que a analista poderá operacionalizar a transferência que está sobredeterminada pela linguagem, possibilitando a analisante a passagem do desejo de reconhecimento *“eles não reconhecem tudo o que eu faço”*, para o reconhecimento do seu desejo. Este é o trabalho de uma análise, inverter dialeticamente transformando o reconhecimento que se espera do Outro

para poder reconhecer o seu próprio desejo, desalienando o desejo da demanda, e assim, produzindo uma separação do Outro que a analisanda supõe não permitir seu deslocamento diante a tantos pedidos à ela direcionados.

Apesar de nesse extrato narrativo termos a solicitação de remarcações constantes, a analisanda segue se fazendo presente e sobretudo dirige à analista um aspecto da percepção da sua mãe sobre ela, assim, ela atualiza na analista o olhar de um outro significativo, ou melhor dizendo o olhar do Outro.

Neste sentido, a pesquisadora pontua a importância deste conceito na prática clínica psicanalítica, questionando o grupo sobre a compreensão de cada um na operacionalização da transferência em sua prática clínica, questão esta que interessa a este estudo. Após a colocação desta questão, um dos psicanalistas solicita iniciar a exposição de um caso clínico que ele vem atendendo, pois, segundo o participante, se trata de um caso que apresenta semelhanças com o que vinha sendo discutido, desta forma, ele segue trazendo mais contribuições acerca da transferência no contexto on-line e gratuito.

Para exposição deste fragmento narrativo apresentado por V2, foi desenvolvido um novo capítulo que trata da transferência e o lugar do corpo na psicanálise, mas que se articula as discussões até aqui tecidas e que auxilia este estudo a pensar a instauração e sustentação da transferência nos atendimentos onde o corpo se encontra por detrás da tela de um aparelho tecnológico, ou como exposto no caso a seguir, em que não há imagem na tela que apresente a analisanda, portanto, se trata de um atendimento onde a voz é o único meio em que a análise se faz. Desta forma, o estudo caminha para os extratos narrativos seguintes, retornando a análise que produzirá as articulações referente ao extrato narrativo 2 e 3 deste estudo.

5.1.5. Extratos narrativos

A coleta de dados que será exposta na sequência se trata da continuação da coleta realizada no dia 20 de agosto de 2022.

Extrato 3:

V2: [...] não é tão fácil atender essa paciente, porque ela não tem câmera, as chamadas são sempre por áudio. De alguma forma, nas últimas sessões eu tenho escutado uma certa sensualização na voz dela, não sei, tenho sentido isso. Então tem momentos que ela não fala e deixa esse silêncio ecoar, mas é sempre uma certa angústia atendê-la, essa coisa de só ouvi-la e não vê-la, sabe.

O motivo pelo qual ela não tem câmera é porque o celular está estragado. Mas bom, acho que é isso. (em resposta a uma pergunta feita por P pelo chat)

V1: você chegou a interrogar ela sobre o celular ou você só acatou isso e pronto?

V2: eu acho que de alguma forma eu acatei isso, ela disse que estava sem câmera no celular e sem dinheiro.

P: você acha V2 que é possível para você perguntar para ela sobre essa questão da câmera do celular?

V2: acho que já está na hora, acho que falando hoje aqui eu me vi nessa situação de ter que perguntar.

P: é porque não é uma pergunta no sentido de impor uma câmera, apesar de que no projeto é colocado isso como uma condição para o tratamento, mas acho também que vocês vão acordando algo quando ela te diz que está sem a câmera e você segue ouvindo. Acho que é importante fazer essa pergunta até porque você está dizendo que não poder vê-la tem te gerado incômodo, eu acho que para mim também geraria. Enfim, talvez seja interessante pensar nisso para saber o que ela vai te responder. Mas tomando cuidado para que não seja do lugar de imposição, que você possa falar disso e ouvir o que ela tem a te dizer, porque é importante ter a câmera, mas precisamos saber da viabilidade do paciente de ter ou não um outro aparelho.

V1: eu concordo com o que a M. interroga no chat: “o que ela não quer que o outro veja? “e volto no que o N. disse sobre o caso anterior de qual é a sua posição no campo transferencial, tem isso de você ficar com uma pulga atrás da orelha de uma certa sedução, de uma tonalidade da voz que modifica e que eu acho que isso é muito interessante do ponto de vista do atendimento on-line né, porque o que o atendimento on-line tem, é os ruídos da casa, o que inclusive eu tenho pensado, porque muitos pacientes dizem de uma certa sensibilidade ao barulho e aí eu fiquei pensando inclusive se isso é um efeito da pandemia em alguma medida, porque é isso, as vozes das pessoas se concentram em nossos ouvidos e têm uma convocação da audição de outros modos, seja porque estamos na frente do vídeo, se tá escutando ou não, como tá esse tipo de coisa que “barulha” nosso pensamento. Aí querendo ou não, desse lugar de analista isso vai sensibilizando a nossa escuta. Acho que esse primeiro encontro de uma pulsão auditiva como uma zona erógena a se pensar na transferência. Agora é curioso que não tem grana para investir em um tratamento psicológico, mas tem grana para viajar, é curioso que não tem grana, mas trabalha o tempo todo sem parar. Ai só para concluir eu também falo que trabalho, trabalho e trabalho e é um saco, mas é sintomático. Porque é muito curioso alguém que tá trabalhando tanto e qual é o lugar do dinheiro para ela? e aí isso não significa

que você vai passar a cobrar a sessão, inclusive acho que é o caso assim pontual de inserção de pagamento, quando possível for, que bem possível que ela espanta, o que não impede de trabalhar a questão do dinheiro, qual é a função disso na vida dela, para se emancipar, para sair da casa dos pais, o que ela quer com o dinheiro?

P: e surge uma questão que quero colocar. Quando se trabalha com atendimento on-line, o qual privilegia a linguagem verbal, escutando o que a V1 diz, o paciente tá dentro do ouvido quando se atende com o fone, enfim, nesse caso, sem a câmera desde o início, porque uma coisa é você retirar a câmera como uma lógica que entra como um substituto do dispositivo do divã, agora nesse caso, não tem um trabalho já construído para pensar assim. Ai com o seu caso eu fiquei pensando: o on-line enquanto esse espaço que privilegia a linguagem verbal, no que que isso pode precarizar a função do analista?

V1: V2, talvez essa paciente esteja na iminência de sair do atendimento, porque não sei quantos pacientes que estão com você que seguem no processo durante esse período que você iniciou no projeto, então como que isso tá te chegando nesse sentido, e o que tá te mobilizando com relação a clínica pra que você não fique com medo de intervir, não ficar com medo de chamar o paciente na “xinha” como diz o cuiabano, pra pôr a paciente em trabalho, as vezes é no campo de suportar essa postura. Porque ainda estou te escutando e ecoando a sua voz: “mas gente ela trabalha muito”.

P: quando a H. traz a questão do paciente que pede para remarcar as sessões com frequência versus a disponibilidade do analista, fiquei aqui pensando o quanto que essa questão do paciente dispensar o atendimento tem relação com o fato do analista ir aceitando todas as condições impostas pelo paciente, não sei se fica claro, mas a gente precisa criar condições para que o atendimento possa acontecer, não vai ser qualquer horário, não vai ser de qualquer forma, porque se não a gente não vai conseguir intervir com o receio da pessoa dispensar o atendimento isso pode se tornar um problema, então não é ser um analista que nada negocia, mas de criar um enquadre que convide o paciente a falar mais um pouco, se não vai ser com o vídeo, com a imagem revelada pela tela, que seja pela fala.

5.1.6. Análise dos dados: o on-line produzindo presença e convocando a presença do analista e analisante

O que será que me dá

Que me queima por dentro, será que me dá

Que me perturba o sono, será que me dá

Que todos os tremores me vêm agitar

*Que todos os ardores me vêm atiçar
 Que todos os suores me vêm encharcar
 Que todos os meus nervos estão a rogar
 Que todos os meus órgãos estão a clamar
 E uma aflição medonha me faz implorar
 O que não tem vergonha, nem nunca terá
 O que não tem governo, nem nunca terá
 O que não tem juízo
 (Chico Buarque, 1976)*

Nestes fragmentos apresentados surgem questões quanto à transferência, a resistência, o lugar do corpo na análise on-line e sobre o pagamento. Neste capítulo serão trabalhados os conceitos de transferência, resistência e do estatuto do corpo na análise on-line, deixando para os respectivos capítulos a abordagem sobre o pagamento.

Um atendimento que é marcado pela ausência da imagem, como narrado por V2, poderia ser lido como uma forma de precarizar a função do analista? Esta questão surge como ponto de investigação pois, o que se apresenta neste caso narrado por V2, mais do que nos outros atendimentos on-line via câmera é a linguagem verbal sendo privilegiada, em que toda transferência é atravessada pela voz e pelos ruídos do ambiente.

Como pensar as manifestações corporais em uma análise sem contato visual do corpo material do analisante e do analista, como exposto por V2 no extrato narrativo 3?

Parte-se da condição *sine qua non* de uma análise para se desenvolver essa questão. Para que uma análise aconteça é necessário que o inconsciente se manifeste. Ainda que o inconsciente, em suas manifestações, seja a condição do trabalho na clínica, cabe aqui problematizar esta questão apontando que a via de manifestação do inconsciente também se faz na enunciação corporal e gestual, e que sendo assim, muitos analistas tenderiam a dizer que um atendimento on-line, feito apenas por áudio, poderia comprometer todo o processo. A isso poderia se responder que a chamada de vídeo resolveria, ainda assim, muitos poderiam rebater dizendo que as possibilidades de interpretações ficam comprometidas por se tratar de vídeo e não da presença física.

Para estas duas questões, expõe-se o que Bruce Fink (2005), em seu livro *Fundamentos da técnica psicanalítica* teoriza sobre a análise por telefone. Ali ele chamará a atenção para o fato de que muitos psicanalistas interpretam as manifestações corporais de modo equivocado,

dizendo que o único modo de o analista ter certeza de que sabe o que o paciente busca dizer, através da sua linguagem corporal, é pedindo que ele fale sobre isso. Portanto, a escuta do significante, (como trabalhado no capítulo sobre a transferência) segue e seguirá enquanto primazia de todo processo analítico, seja ela presencial ou virtual.

Se agarrar a ideia de que interpretar a linguagem corporal anula a possibilidade de o paciente mentir é acreditar, como diz Fink (2015), que a linguagem corporal não está sujeita a fingimentos. Para produzir contribuições acerca da transferência em um atendimento que se faz somente pela voz/escuta, se torna necessário analisarmos qual é o estatuto do corpo para a psicanálise. Dado esta teorização sobre o corpo na psicanálise, buscou-se pensar o que da comunicação se perde em um atendimento sem a imagem? Pois, ainda que o trabalho do analista esteja sobredeterminado pela linguagem, não se deve reduzir a linguagem enquanto o que se expressa pela fala. Há algo do gesto que é recoberto de linguagem, discursivamente. Um exemplo disso é a intervenção de Lacan relatada no documentário “*Um encontro com Lacan* (2011) em que ele faz a intervenção através de um gesto em sua paciente Suzanne Hommel (CLINICAND – PSICANÁLISE E ESQUIZOANÁLISE, 2021)

Suzanne viveu todo o horror da Segunda Guerra Mundial e buscou Lacan para saber se poderia se livrar do sofrimento que essas memórias lhe causavam. Suzanne conta a Lacan um sonho em que ela acordava todo dia às cinco horas, o mesmo horário que a Gestapo vinha procurar os judeus em suas casas. Após esta narrativa, Lacan se levanta de sua poltrona, vai até Suzanne e passa suavemente sua mão sobre o rosto dela, um gesto na pele, um *geste à peau*, transformando a “gestapo” em gesto na pele.

Suzanne narra essa cena no documentário e diz do gesto carinhoso de Lacan, o que não diminuiu sua dor, mas simbolizou um apelo à humanidade, um apelo que se faz pela palavra, mas que necessitou do corpo material presente de Suzanne e Lacan para se realizar. Essa intervenção, como se fez, teria sido impossível se Lacan àquela época atendesse Suzanne on-line ou por telefone.

Expõe-se este fragmento da paciente de Lacan, para demarcar que não se trata de menosprezar o lugar do corpo na análise no objetivo de justificar que um atendimento on-line pode ser operacionalizado em psicanálise. A busca neste trabalho se concentra em pensar as especificidades que devem ser levadas em consideração em uma análise on-line, não se trata de

situar qual é mais eficaz, mas sim de pensar que o on-line se faz uma ferramenta importante à clínica psicanalítica quando pensamos em sua democratização²⁷.

Segue-se desenvolvendo, nas linhas que seguem, algumas considerações acerca do estatuto do corpo na psicanálise como uma forma de melhor situar o fenômeno da transferência no atendimento on-line. Desta forma, optou-se por trazer a citação disposta abaixo que foi extraída do livro de Fábio Belo (2020), se trata de uma anedota sugerida que aqui é utilizada para pensar o corpo na psicanálise o relacionando a transferência no contexto on-line, o qual possui como marca, a ausência dos corpos.

Suspeito que aos cegos em geral falta humanidade; por todos os sinais exteriores que despertam compaixão em nós e transmitem a ideia de dor, eles são afetados apenas por gritos. Para uma pessoa cega, qual é a diferença entre um homem urinando e um homem que sangra, mas não clama? Também não deixamos de sentir compaixão quando a distância, ou a pequenez dos objetos produz em nós o efeito que a falta de visão produz nos cegos? Quão grandemente nossas virtudes dependem de como sentimos as coisas e do grau de que somos afetados pelo que está fora de nós! E, portanto, não duvido disso, mas, por medo de punição, muitas pessoas acham menos difícil matar um homem a uma distância da qual ele parecia não maior que uma andorinha, do que cortar a garganta de um boi com as próprias mãos. Se sentirmos compaixão pelos sofrimentos de um cavalo, mas não temos escrúpulos em esmagar uma formiga, esse mesmo princípio não determina nosso sentimento? (Diderot, apud Ginzburg, 1998/2001, p. 162) (Belo, 2020, p. 62).

Se em psicanálise a transferência tem a ver com o amor, com a demanda de ser amado, logo é preciso que um analista trabalhe essa demanda de amor na cena analítica. Foi diante das cenas de mulheres que sofriam de histeria dentro de um hospital, que Freud começou a se interessar por conceituar a transferência. Pensar a transferência em análise é assim pensar em seus primórdios, quando Freud observava o tratamento de Anna O, paciente de seu amigo Joseph Breuer, que se apaixona por seu médico e que nos traz a proposta da “cura pela palavra”.

Maurano (2006) em uma releitura do método psicanalítico freudiano, nos recordará que foram os impasses de Joseph Breuer, na condução do tratamento de Anna O, que fez com que Freud começasse a repensar a proposta do método catártico, método do qual até então se servia e que tinha como princípio a ampliação da consciência do paciente. Será aí que a psicanálise iniciará seus primeiros passos diante a verificação da ineficácia do método catártico através da hipnose, abrindo campo para desenvolver a arte da interpretação como técnica psicanalítica.

²⁷ Aqui pensamos no on-line enquanto espaço que possa democratizar o acesso da análise à população vulnerável socioeconômica, porém, o on-line é também uma alternativa para diversos contextos como os de mudanças de cidade/estado/país ou até mesmo como foi no contexto pandêmico, onde surgiu o projeto do EPUF aqui estudado.

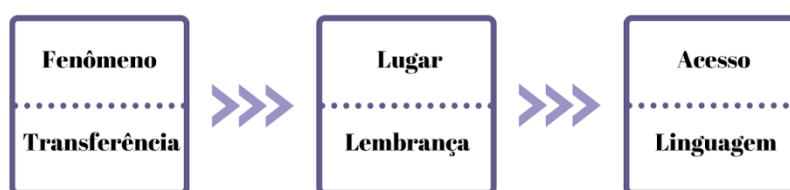
Esses aspectos referentes à construção do método psicanalítico estão presentes no texto *O método psicanalítico freudiano (1904 [1905]/2020)*.

Toma-se este texto técnico da obra freudiana, pois o arcabouço teórico desta pesquisa se interessa por historicizar a construção da teoria e da técnica psicanalítica, marcando, desta forma, que foi diante os impasses do caso da paciente de Breuer, que Freud notou o fenômeno da transferência em cena durante o tratamento, percebendo que a transferência era o motor propulsor de todo o processo de tratamento das neuroses.

É a complexidade do fenômeno da transferência que convida Freud a estudá-la e conceituá-la, e é o reconhecimento da transferência enquanto conceito clínico essencial a prática analítica que leva esta pesquisa ao compromisso de investigar a operacionalidade da transferência no atendimento on-line e gratuito no EPUF, buscando extrair constructos teórico-prática deste dispositivo clínico proposto.

Um atendimento on-line sem a imagem do analisando e do analista produz especificidades, a começar pelo desafio posto ao analista que está diante a ausência do corpo de carne e osso do analisando. Porém, para que uma análise aconteça o que precisa é o estabelecimento da transferência, e a transferência é o que está relacionado à lembrança do acontecimento, sendo a linguagem o material que possibilita ao sujeito contar de suas lembranças.

Figura 13. Estabelecimento da transferência



Fonte: Elaboração da autora.

A ausência da linguagem, é assim o que impossibilitaria a clínica psicanalítica, pois, sem ela não há possibilidade de um acontecimento ser contado para assim ser trabalhado. Uma análise, pela via da transferência, trabalha a cena do acontecimento narrativizado, possibilitando ao sujeito outros modos possíveis de existência para além deste pelo qual ele se narra, estes novos modos são ofertados por novas equações da linguagem no trabalho de uma análise, como comentado no capítulo sobre a transferência.

Em psicanálise, uma história contada pelo analisante é reveladora a medida em que ele a conta como próprio acontecimento em sua análise, sendo atualizada conforme ela é contada.

Recontar é assim a possibilidade de produção de uma narrativa nova, que tira o sujeito de uma repetição mortífera, o que poderia ser promovido no exemplo do extrato narrativo 2, onde a analisanda diz que a analista a chamou de agressiva durante a sessão. O significante agressiva inserido pela analisanda é a atualização em análise das cenas vividas em sua infância, quando a mãe atribuía o significante agressiva à ela, significante no qual a analisante se enrosca e passa a se reduzir discursivamente neste lugar. Porém, é somente durante a discussão do caso no encontro do EPUF que a psicanalista H percebe a repetição em cena.

Desta feita, é possível demarcar que o *setting* analítico on-line é também produtor do fenômeno da transferência que solicita trabalho. Ainda que o fenômeno da repetição em cena, neste caso, não tenha sido localizado pela analista no momento da sessão, ele pôde ser percebido conforme H ia construindo a narrativa do caso atendido nas conversações clínicas do EPUF, o que produziu abertura para que soubesse algo sobre a posição discursiva da analisanda diante o mundo, no modo como ela faz laço social, para assim poder convidá-la para o trabalho analítico propriamente dito.

Desta forma, se faz necessário demarcar que o corpo na psicanálise não é o corpo reduzido a matéria/organismo. O corpo na psicanálise é um corpo narrativo, feito de palavras, essa é a grande descoberta freudiana quando ele separa o corpo orgânico do corpo pulsional que é marcado pela narrativa, inscrito pelas palavras, pois é uma narrativa que inventa esse corpo, seja ele agressivo como no caso do extrato clínico 2, ou como um corpo que só se acessa pela voz “sensualizante” como do caso do extrato clínico 3.

O corpo para a psicanálise é um corpo que passa pelo imaginário, simbólico e real. Retomamos assim o extrato 3 para pensar o que está em jogo quando V2 traz suas angústias diante o caso que vem atendendo sem ter o contato visual? Como é possível intervir sob este corpo que se faz ausente da sua imagem?

Capoulade e Pereira (2020), em um trabalho sobre os atendimentos on-line, propõem algumas reflexões acerca do papel dos corpos e das tecnologias de comunicação na iniciação, manutenção e no final da análise. Nisso eles citam que:

Ao longo de todo o movimento psicanalítico, observamos diversas experiências clínicas nas quais o *setting* não foi o promovedor e tampouco o garantidor de uma experiência psicanalítica. Desde os trabalhos de Sándor Ferenczi na década de 1910 (Alves Lima, 2019) até os trabalhos clínicos empreendido por psicanalistas que estão no serviço público brasileiro (SUS) (Figueiredo, 1997), passando pelas clínicas públicas que se multiplicaram pela Europa na década de 1920 (Danto, 2019), pela clínica social de Hélio Pelegriño no fim década de 1960 e também por atendimentos em praças de diversos municípios do Brasil (Ab’Sáber & Broide, 2017; Coaracy & Guimarães, 2017), podemos encontrar iniciativas promissoras e com efeitos importantes (Capoulade; Pereira, 2020, p. 537).

A retomada histórica, feita pelos autores, acerca dos primórdios da psicanálise, nos indica que ela já acontecia e funcionava em outros ambientes que não o do *setting* tradicional em sua dimensão material, disso podemos ir tomando nota conforme caminhamos pelos achados clínicos disponíveis na literatura freudiana. O tratamento psicanalítico nasce e vai se estabelecendo por experiências que aconteciam fora de um *setting*: as histéricas atendidas por Freud nos hospitais como citado acima, ou ainda em suas casas devido à dificuldade de locomoção, resultante dos sintomas anestésicos que as impediam de se deslocarem até o consultório de Freud. Ainda que nos apropriamos desses exemplos, que muito interessa, cabe o questionamento acerca das implicações éticas dos atendimentos on-line na clínica psicanalítica, bem como pensar a relação transferencial no que se refere o distanciamento dos corpos marcados por um aparelho eletrônico. Será que o corpo fica de fora no caso atendido e narrado por V2? Se o corpo não está de fora, como ele se apresenta durante o atendimento on-line?

Vemos, através da narrativa exposta por V2, que há algo do próprio psicanalista que se coloca quando ele diz: “[...] *não é tão fácil atendê-la, porque ela não tem câmera, as chamadas são sempre por áudio. De alguma forma nas últimas sessões eu tenho escutado uma certa sensualização na voz dela, não sei, tenho sentido isso. Então tem momentos que ela não fala e deixa esse silêncio ecoar, mas é sempre uma certa angústia atendê-la, essa coisa de só ouvi-la e não vê-la, sabe.*”

Uma questão para este caso é que para o analista surge a certeza, mesmo que imaginária, de que o paciente endereça sua fala para à ele. Desta forma, a fala da analisanda vai produzindo dúvidas nele, que fica sem saber se há outra pessoa em cena junto a ela enquanto ela fala com ele, ou até mesmo sobre o que ela faz enquanto fala com ele. Como ler esse traço de sensualização da voz da paciente? Neste caso, o que surge é uma imagem da analisante para o analista, ele cria uma certeza, ainda que imaginária, que influencia a escuta do analista.

V2 narra que atender a esta analisante tem lhe produzido angústia. O significante angústia aponta e inviabiliza a presença do analista, o que torna a sua escuta “endurecida”, pois é enredada pela sensualidade da voz que lhe fala ao pé do ouvido. Talvez este seria um caso em que atendimento on-line sem vídeo seria inviável, pois o analista foi capturado pela voz “sensualizante” da analisanda e amarrado a dimensão imaginária das relações. Esta seria também uma evidência para demarcarmos que o registro imaginário trabalhado em psicanálise não se reduz a imagens visuais, pois o que V2 vai contando se refere às “imagens acústicas” que são produzidas diante o enigma da ausência da imagem do corpo de sua analisanda. Desta forma, diante ao único acesso que tem à ela, o qual se faz por sua voz “sensualizante”, isso

influencia a sua escuta e o enreda para as “imagens acústicas” que invadem o *setting* analítico on-line.

Se faz necessário retomar o que Fink propõe quando diz que a única forma de sabermos o que o analisante quer expressar com seus gestos, posturas ou tom de voz, é pedindo que ele fale sobre isso. É preciso, deste modo, interrogar o analisante sobre o modo como ele se dispõe ao trabalho, neste caso talvez questionar sobre o uso da câmera, quais as possibilidades de isto ser resolvido, se não pela via de encontrar um aparelho com câmera para que a análise aconteça, que seja pela via de poder elaborar esta questão na própria análise propondo que se fale (analista e analisante) sobre a forma que a análise vem acontecendo. Dito de outra forma, muito mais do que ter que ter uma câmera para que o analista possa ver quem se atende, se trata do analista poder se fazer presente enquanto discurso do analista (que será tratado no próximo capítulo), o que poderá ser viabilizado tanto pela escuta sobre o que a analisanda diz, como pela própria escuta de sua angústia por não a ver e ter de ouvir sua voz “sensualizando para ele”.

Com isso, temos para essa análise que a ausência do corpo físico do analista ou analisante, produz sim especificidades importantes à prática, mas que não é necessariamente o que inviabiliza uma análise. Para que a transferência possa se instaurar e se sustentar, para que as resistências possam ser trabalhadas e para que a análise aconteça é preciso que o analisando possa transferir a suposição de saber a seu analista, e o analista possa marcar sua presença ao fazer semblante de objeto *a*, mesmo se estando diante a uma tela de um aparelho tecnológico com ou sem a imagem.

Desta forma, se defende neste estudo que essa operação do atendimento on-line se torna possível, pois, o analista não se situa em um aparelho eletrônico, mas sim na palavra e como semblante de objeto *a*. O que é preciso demarcar são os impactos que a palavra pode atravessar quando mediada por aparelhos digitais, assim como no exemplo do extrato narrativo 3 em que V2, diante da ausência da imagem de sua analisanda, se percebe desorientado. Desta forma, entendemos que o analista atua na palavra, mas a palavra é polissêmica, podendo mudar de sentido conforme o contexto que ela é inserida. Sendo assim, será através da persistência do analista em sua formação, que ele poderá seguir escutando (ou decidir por não seguir escutando), e assim interpelar o analisando sobre o que há enlaçado às palavras, olhar, tonalidade da voz, gestos etc que são “escolhidos” e endereçado ao analista.

Defende-se também que não é sem desafios os atendimentos clínicos on-line, há estratégias e táticas que devem ser manejadas através da escuta do analista, uma escuta que precisa sim estar direcionada ao analisante, mas que também precisa se fazer em direção ao próprio analista, pois há situações em que algo do próprio analista pode ser mobilizado diante

a cena clínica, e essa situação precisa ser identificada para que as questões do analista possam ser abordadas. Desta forma, se faz autêntica a decisão de um analista que opte por não seguir com um caso clínico que produz angústia como exposto por V2, mas cabe dizer, que aqui não estaríamos diante um caso inalisável em decorrência do formato on-line e sem câmera, mas sim relacionado a decisão do analista diante seus impasses e questões que em algum momento, do processo de sua formação de analista, podem se fazer presentes para serem elaboradas e assim o analista marcar sua presença no on-line ou em qualquer outro formato em que a análise possa se fazer.

Em se tratando da transferência no atendimento on-line, o que encontramos nas narrativas articuladas à teoria conceitual analisada, é a compreensão de que uma clínica psicanalítica não se localiza em um território, pois ela não está garantida pelo estabelecimento de um espaço apropriado a sua constituição. Dito de outro modo, não será um *setting* terapêutico apropriado que promoverá o trabalho analítico.

A “inserção” do psicanalista é um processo que tem a ver com o seu ato - o ato do psicanalista. Estamos falando de algo que tem a ver com um posicionamento simbólico, uma localização subjetiva, e que, portanto, leva em conta um processo psíquico que envolve, no mínimo, um "eu", um "outro" e uma estrutura que os contém e delimita de forma a garantir a qualidade de "dentro/fora" de qualquer que seja o elemento que a constitua (Moretto e Prizskulnik, 2014, p. 290).

A clínica psicanalítica se estabelece no ato analítico, no manejo da transferência não bastando um espaço apropriado ou uma boa câmera se não houver a escuta e o manejo clínico, desta forma, se torna imprescindível analisar as especificidades da escuta e do manejo clínico de uma clínica que se faz no formato on-line e gratuito, entrelaçando esses fios as tramas da teoria e da técnica psicanalítica. Este entrelaçamento é o que sustenta tanto o dispositivo clínico como esta investigação, pois tomou-se de partida que o que “localiza” a clínica é o ato analítico e não necessariamente o espaço onde ela acontece.

Desta forma, considerou-se dialogar sobre os quatro discursos propostos por Lacan enquanto uma estrutura que ordena e orienta eticamente as proposições até aqui expostas sobre a transferência no atendimento on-line nesta clínica pesquisada. Assim será dissertado no próximo capítulo os matemas lacanianos para pensar o discurso do analista, enquanto este operador clínico que autoriza a prática analítica on-line. Segue-se assim para o próximo capítulo.

*Existem corpos estranhos habitados pela
linguagem: os corpos da espécie humana. Para*

dizemos francamente, eles são a vergonha da criação. São corpos vivos, que são ao mesmo tempo, doentes pela verdade.

(Jacques-Alain Miller, 2001, p. 64)

Escrever o corpo. Nem a pele, nem os músculos, nem os ossos, nem os nervos, mas o resto.

(Roland Barthes, 2004a).

5.1.7. Sobre a transferência: o discurso do analista

Algo que não foi isolado antes que eu o fizesse, especificamente a propósito da transferência: a função que tem, nem mesmo na articulação, mas nos pressupostos de todo o questionamento sobre o saber, o que eu chamo 'o sujeito suposto saber'. As questões são colocadas a partir de que existe esta função em algum lugar, chamem-na como quiserem, aqui ela aparece em todas as suas faces, evidente por ser mítica, que há em algum lugar algo que desempenha a função de sujeito suposto saber

(Lacan, 1967-1968).

Para pensar o discurso do analista, como operador lógico que possibilita uma análise on-line, se parte da premissa de que, assim como em qualquer outro lugar, um analista precisa estar habilitado a escutar aquilo que não está sendo dito pelo significado, mas que está deslizando no discurso, algo que Freud já mostrava quando teorizava sobre o ouvir e o escutar. As articulações aqui tecidas se sustentam nestas premissas lacaniana e freudiana para seguir a investigação no que se refere a transferência nos atendimentos na modalidade on-line.

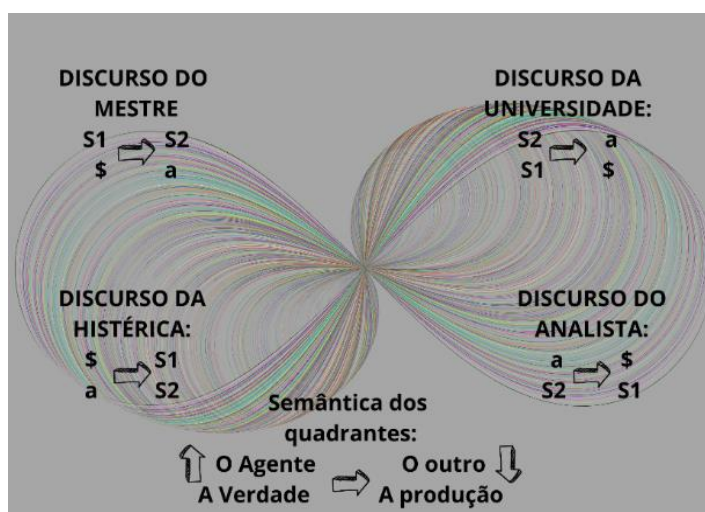
Escutar para Lacan é direcionar a atenção flutuante para algo que está fora do discurso, mas que sustenta o discurso. Isso será dito por Lacan (1969/1992), pela via da matemática na fórmula do discurso do analista, os quatro lugares que constituem esse discurso onde temos um

agente (*a*), um Outro (\$), uma produção (S1) que provoca uma verdade (S2). O analista irá escutar essa dinâmica da fórmula proposta por Lacan, portanto, trazemos essa formulação necessária para pensarmos a clínica.

Lacan formula os quatro discursos para exemplificar, através dos matemas, os modos de laço social, que serão nomeados como: o discurso do mestre; o discurso histérico; o discurso universitário e o discurso do analista.

Para que o trabalho de uma análise se dê, o discurso que precisa se estabelecer é o discurso do analista. É do lugar do analista, como este lugar de se abster subjetivamente, que foi equacionado neste estudo para a analisar como fica o discurso do analista no atendimento on-line. Desta forma, inicia-se pela exposição dos matemas (os 4 discursos lacanianos).

Figura 14. Os quatro discursos lacanianos



Fonte: Elaboração da autora a partir dos quatro discursos lacanianos.

Lacan (1969/1998) teoriza em seu seminário 17, que todo discurso tem um **agente** o qual, motivado por sua relação com a verdade, interpela ao **Outro** a **produção** de uma **verdade**. Esses discursos são separados topologicamente por Lacan, mas pode-se caminhar por todos eles, sendo que em cada discurso há a possibilidade de evocar a verdade de um sujeito.

Assim, trata-se de explicitar o que Lacan propõe neste seminário a começar por definir o que compõe essas fórmulas:

O **objeto a** como o objeto causa de desejo, mais de gozar;

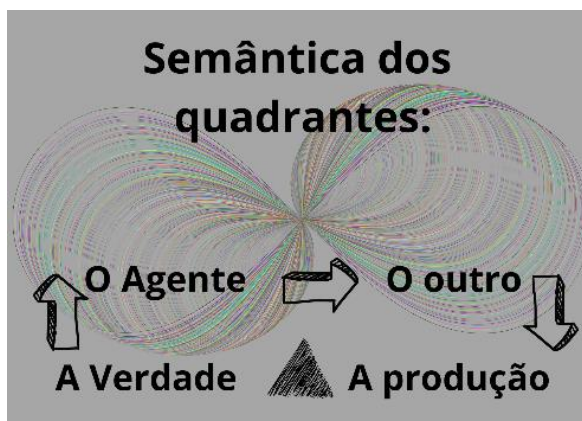
\$ sendo o sujeito dividido;

S2 o saber que é sempre relativizado, pois diz respeito a castração;

S1 relacionado ao saber pleno, do impossível.

Nesses discursos temos então, uma **provocação/agente**, que gera uma **elaboração/outro**, criando uma produção que traz uma verdade.

Figura 15. Semântica dos quadrantes



Fonte: Elaboração da autora a partir dos pressupostos lacanianos.

Nas setas da fórmula acima, temos o movimento em círculo da produção de discursos, que, como diz Maurano (2006), são laços atirados para se capturar com o saber a verdade, que se mantém enigmática. O triângulo entre a verdade e a produção, mostra um esgarçar daquilo que se pode produzir com o discurso e o que se pode determinar como verdade. Sendo assim, vemos que não é possível apreender toda a verdade, existindo sempre um resto que fica *a* desejar.

O discurso do analista é aquele que parte do lugar de objeto causa de desejo (*a*), provocando uma elaboração (\$), que produz um engano de saber total (S1), para dizer que a verdade plena é impossível (S2). Um discurso subversivo, que diz que a verdade é só um *semi-dizer*. A verdade aqui é relativizada pelo impossível de se saber toda, chamado por Lacan de Real.

DISCURSO DO ANALISTA:

$$\begin{array}{ccc} a & & \$ \\ \hline S2 & & S1 \end{array}$$

O analista é aquele que ocupa um lugar de saber, lugar necessário para que o analisando direcione suas questões a ele na suposição de que o analista detém o saber que o livrará de seu sofrimento. Neste sentido, o analista, pela via do manejo clínico, aceita esse lugar, mas na condição de semblante de saber, o analista joga estrategicamente com a cadeia imaginária do lugar de suposto saber.

Todo discurso é semblante, pois todo discurso é uma representação, podendo assim ser interpretado. Barbato (2020), dirá que todo discurso é representação, pois, todo discurso tem como referente algo que não está nele. A análise opera aí, buscando esse referente que está no vazio, sendo isso o que nos possibilita falar. O analista é aquele que estrategicamente, convida o paciente para esse caminho, possibilitando que o analisando se dê conta de que isso que ele busca como consistência para a vida, é na verdade uma falácia, pois a vida possui suas fraturas.

Esse processo só acontece pela via da transferência, o paciente só aceita o convite do analista a partir da instauração da transferência, a partir disso, se torna possível ao analista produzir giros nos discursos. Por isso o interesse desta investigação em produzir articulações sobre a transferência no atendimento on-line e o Discurso do Analista.

Se até aqui temos que a relação transferencial que opera entre analista e analisando não é a da relação intersubjetiva, mas sim uma relação em que o analista joga estrategicamente do lugar de saber precisando emprestar seu corpo para a transferência, condição essa que Lacan (1951/1998), demarcava quando apontava que o analista paga no tratamento através da palavra, na interpretação e com sua pessoa na medida que a empresta como suporte para a transferência, e, em 1962/2005, ao inserir o Real, passa a sinalizar que o analista paga como suporte de objeto *a* na transferência, como então podemos pensar a questão do corpo no atendimento on-line através das narrativas apresentadas acima levando em consideração que toda formalização que Lacan nos propõe se refere ao atendimento presencial? Dito de outro modo, haveria necessidade da presença física, analista/analisando, para que o analisante atribuisse a Suposição de Saber a seu analista e este lhe respondesse enquanto suporte do objeto *a*?

No mundo contemporâneo há uma grande aposta de que o ciberespaço possa trazer uma solução que responda à questão do sujeito. O capitalismo joga com isso, ofertando cursos, produtos e demais itens on-line que podem ser comprados a qualquer momento e sem sair de casa. O sujeito busca na internet um saber, mas o que o marketing digital faz é excluir o sujeito para poder seguir vendendo, na proposta de um gozo sem limite e viciante. A psicanálise, como já situado neste estudo, se opõe a essa lógica de um gozo sem limite, operando na contramão disso, portanto, uma análise on-line não entra nessa lógica do marketing digital que propõe soluções em um click. O analista estando inserido no discurso do analista, se fará presente enquanto suporte de objeto *a*. Desta feita, se tem aqui uma especificidade importante de ser marcada sobre a “oferta” da análise on-line, pois um analista, apesar de lançar mão da tecnologia como um meio para que o atendimento on-line possa acontecer, desvia da lógica do capitalismo quando inclui o sujeito e o convoca a produzir um saber possível que não está pronto e exposto em “oferta” nas “gôndolas” do marketing digital, como o analista também não

se disponibiliza a serviço de tamponar as fraturas do sujeito, pois sua presença, seja no on-line ou no presencial, se faz enquanto suporte de objeto *a*. Isto indica que a um analista caberá a recusa em produzir com o atendimento on-line, a possibilidade de várias ações serem desenvolvidas ao mesmo tempo, como mencionado no exemplo clínico desenvolvido no extrato narrativo 2 por V1.

Tendo essas construções teórico-prática sobre a transferência no atendimento on-line cabe dizer:

- a) que o estatuto do corpo na psicanálise é diferente do corpo organismo;
- b) que o lugar do analista é um lugar localizado em seu desejo de que a análise aconteça, a qual só se operacionaliza sobre sua escuta atenta;
- c) que é preciso interpretar este corpo como um corpo inscrito em uma narrativa, um corpo palavra, que está na linguagem e;
- d) que sendo o inconsciente estruturado como a linguagem: Demarca-se, que a presença que se faz necessária a instauração e manejo da transferência para que a análise opere, é a presença deste corpo que é narrado pelo analisante e decifrado durante um trabalho de análise.

Quanto ao corpo do analista, este corpo também não pode ser confundido com o corpo organismo do analista, pois, ainda que este importe, a presença do analista só será efetiva em uma análise através de sua escuta, com suas palavras e com o semblante de objeto *a*, portanto, se trata muito menos de um espaço físico equipado com poltronas e divã e muito mais de uma função que se mostra:

- a) atenta ao imaginário que se presentifica nas imagens;
- b) interessada ao simbólico que se presentifica nas palavras, e;
- c) advertida do real que se apresenta com o objeto *a*, pois este último:

É o que a pulsão reclama, e, para ele se presentificar não necessariamente há de haver um corpo material se fazendo presente, pois, segundo Soler (2019), a pulsão veiculada pela fala busca o incorpóreo objeto onde quer que ele esteja.

5.2. Relatos clínicos e elaborações conceituais – gratuidade para não pagar?

A vontade do capitalista é certamente ficar com o mais possível. O que temos de fazer não é apenas falar acerca de sua vontade, mas inquirir o seu

poder, dos limites desse poder e do caráter desses limites.

(Marx, 1867/2021).

Realizada a análise sobre a transferência nos atendimentos on-line do EPUF, este estudo abre para a tarefa de apresentar os fragmentos narrativos sobre a gratuidade deste dispositivo clínico articulado à teoria sobre o dinheiro e o pagamento na clínica psicanalítica. O interesse é o de analisar o manejo do pagamento de uma clínica gratuita que visa democratizar o tratamento analítico à população vulnerável socioeconomicamente.

Mesmo se tratando de uma clínica on-line que possui, diante a inscrição do pretendente a análise o critério de que este tenha acesso a aparelhos tecnológicos e uma rede de dados de boa qualidade para que o atendimento on-line se realize, sua finalidade está direcionada em alcançar à população que não poderia pagar por um atendimento psicanalítico devido sua vulnerabilidade econômica, portanto, uma clínica interessada na democratização do tratamento psicanalítico, mas advertida de que há uma grande parcela da população brasileira sem acesso a esses dispositivos tecnológicos e, portanto, se trata de uma prática que busca se fazer ampliada, mas que possui suas restrições. Passamos assim a análise sobre o pagamento na clínica psicanalítica gratuita do EPUF.

Os fragmentos narrativos apresentados na sequência fazem parte do material coletado no dia três de agosto de 2022. Este encontro contou com a participação de quatro psicanalistas do EPUF mais a pesquisadora, e a coleta dos dados foi realizada através da Forma 2, em que ocorreram as conversações clínicas entre os psicanalistas do EPUF. Seguimos assim para a análise.

5.2.1. Extratos narrativos

Extrato 4:

Narrativa de P - “Estou atendendo a paciente M. e este caso tem uma especificidade que quero compartilhar com vocês para pensarmos a categoria da gratuidade dos atendimentos no escuta. Bem, eu vou ao caso e depois digo o que fui pensando a respeito desta questão. M. é uma mulher de 23 anos que deixa de fazer acompanhamento psicológico particular porque encontra uma publicação na página da psicóloga com quem fazia atendimento que anunciava o EPUF, é assim que ela decide se inscrever para ser atendida pelo projeto, não mencionando maiores questionamentos sobre essa decisão de deixar sua

psicóloga e tentar uma vaga para ser atendida em um projeto on-line e gratuito. Mas voltando a algumas questões sobre o caso que considero importante: ela mora com os pais, desenvolve seu trabalho em um espaço que estruturou na própria casa e sua renda é destinada aos “seus cuidados pessoais” e viagens. Quando ela me conta que vinha em acompanhamento psicológico, eu questiono o motivo pelo qual ela não seguiu com a psicóloga que a atendia, ela responde que decide encerrar porque estava passando por dificuldades financeiras, que havia investido na reforma do seu espaço. Ela se formou em biomedicina e reformou recentemente um espaço na casa dos pais para atender suas clientes, diz também que até havia começado a propor trocas com a psicóloga, de forma que ela pudesse seguir fazendo o acompanhamento, caso a psicóloga concordasse em abater o valor das sessões em tratamentos estéticos que ela faria, uma permuta. Como a psicóloga não aceitou a negociação ela ficou sabendo do projeto e se inscreveu. Quando pergunto como ela ficou sabendo do projeto, ela diz que viu nas redes sociais de sua psicóloga. Ela diz passar por dificuldades financeiras, mas quando eu sobre o espaço que ela montou para atender, ela diz estar indo bem que quer divulgar mais e que vem buscando fazer mais cursos fora do estado para melhorar seus atendimentos.

Produz-se aqui uma breve pausa na escrita da narrativa para demarcar alguns pontos importantes sobre a gratuidade de um tratamento psicanalítico, na sequência retoma-se a exposição da narrativa.

Ao narrar o caso clínico durante o encontro, vai se formulando a necessidade de se pensar o estatuto da gratuidade na clínica psicanalítica do EPUF, tema aqui investigado e que na prática do EPUF vai sendo constantemente construído durante as conversações clínicas, o que vai auxiliando nesta pesquisa, visto que essa prática, de articular a experiência clínica com a teoria, se faz frequente entre os psicanalistas durante os encontros da coleta de dados. É durante as conversações clínicas que cada psicanalista apresenta os casos que vem atendendo e tensiona à teoria psicanalítica junto ao grupo, no compromisso de assumir uma prática implicada a ética do fazer analítico e disposta a promover transformações necessárias para democratização da psicanálise. Neste capítulo serão tratados dos fragmentos narrados acerca da clínica gratuita, seguindo a lógica de apresentação das narrativas já expostas, que se fazem diante o recorte do que aqui é investigado. Assim demarca-se um aspecto que solicita a retomada do fragmento da narrativa até aqui exposto.

P narra que a analisante vinha em um acompanhamento psicológico o qual interrompe e se inscreve para ser atendida pelo EPUF, e que fica sabendo do projeto, através de uma publicação compartilhada nas redes sociais da sua até então psicóloga, com a qual já vinha

tentando negociar para “economizar” financeiramente, pois precisava pagar a reforma de sua clínica como ainda ter *reservas* para “cuidar de si”. Diante disto, interessa neste estudo pensar se um atendimento psicanalítico gratuito estaria a serviço de oportunizar uma economia orçamentária ao sujeito? O questionamento é extenso e por isso o detalha-se melhor.

Projetos de atendimento psicanalítico gratuitos existem desde a época das clínicas públicas de Freud, como já mencionado neste estudo, mas cabe demarcar que a oferta do atendimento gratuito nasce como uma medida que objetivava descentralizar o acesso da clínica psicanalítica da população economicamente favorecida, pois, fazer uma análise implicava em ter orçamento para custear as sessões que, nesta época, Freud recomendava que tivessem uma periodicidade quase diária, de segunda a sábado.

Freud, em sua conferência proferida em Budapeste: *Caminhos da terapia psicanalítica (1919[1918])*, passa a advertir os psicanalistas da primeira geração sobre a importância do atendimento psicanalítico se fazer disponível à população que demandava, demonstrando seu desejo de que no futuro a psicanálise fosse uma prática democrática, podendo estar à disposição da população pobre, não se restringindo a burguesia. Portanto, a psicanálise carrega a história, desde a sua origem, sobre as primeiras clínicas públicas psicanalíticas, em que a oferta do atendimento gratuito se voltava ao interesse de promover à população pobre o direito de tratar o seu sofrimento. Essa prática de pensar a psicanálise de forma democrática, seguiu se fazendo na história da psicanálise, muitos psicanalistas se sustentaram neste mesmo desejo de Freud, de tornar a clínica uma prática acessível, seja por projetos, já citados neste estudo, ou até mesmo pela abertura de horários na própria clínica destinados à população vulnerável socioeconomicamente. Sendo assim, surge a questão: Como seria possível construir um dispositivo clínico gratuito que cumprisse com o seu objetivo de viabilizar o atendimento à população economicamente vulnerável?

Esta pergunta se constrói diante a investigação conforme os dados da experiência da clínica do EPUF foram se mostrando, pois, se uma clínica gratuita comporta o objetivo, conferido desde a sua fundação, de democratizar a psicanálise viabilizando atendimento às classes econômicas vulneráveis, desta feita, uma clínica psicanalítica gratuita disponível às classes econômicas mais abastadas, como meio de economia orçamentária (como no caso da narrativa exposta), não só poderia deformar o desejo de se alcançar à população economicamente vulnerável, pois vagas conhecidas como “sociais” poderiam ser ocupadas por pessoas fora deste critério, como também poderia resultar em desvios teóricos e técnicos psicanalítico, visto que, este último, poderia resultar em sérios danos ao suposto analisando e a prática analítica. Cabe aqui desenvolver o que é chamado de “danos”, mas retomamos a

narrativa do caso apresentado para seguir produzindo esta análise e assim, conforme se caminha para a conclusão das construções teórico-prática sobre a gratuidade do tratamento, se apresentarão as possíveis respostas aos pontos que vão ficando soltos no decorrer desta escrita.

Já venho atendendo M. há 5 meses, e ao mesmo tempo em que identifico algum atravessamento da transferência em cena, viabilizando talvez o processo analítico, por outro lado eu me questiono se há transferência e se há que transferência é essa? Comigo enquanto analista que a atendo ou com o projeto que oferta o atendimento gratuito? Então eu me pergunto sobre o manejo desses casos dentro do projeto, visto que podemos sim nos deparar com uma certa frequência com esses que não desejam pagar por um atendimento psicológico, não se tratando de pessoas que não possuem condições econômicas para arcar financeiramente com seu tratamento. Acho que a gente tem aqui um desafio para o escuta, porque se um dos critérios do projeto é a pessoa não possuir condições econômica para pagar um tratamento psicológico e não encontrar amparo no sistema público de saúde, como vamos manejando esses casos que insistem em buscar pelo atendimento gratuito mesmo tendo condições para arcar financeiramente? E aqui eu falo a palavra insistem, porque já inserimos no formulário de inscrição sessões que tanto especificam à quem é destinado o projeto, como questionamentos sobre renda familiar, cadastro no ECAD, moradia, escolaridade, emprego, enfim, temos um amplo questionário que filtra quem irá chegar ao projeto, mas isso não é garantia e nunca será para que pessoas que possuem condições econômicas não iniciem o atendimento. Com isso, a primeira coisa que eu pensei, e que está mais relacionada ao manejo, é que esses critérios investigados inicialmente em um formulário, só poderão ser verificados conforme os atendimentos forem acontecendo, ou não (risos), mas acredito que a escuta clínica e a teoria estão a serviço de pensar o modo de como cada um vai se relacionando com a própria grana, seja no atendimento gratuito ou pago, propor ao paciente que fale sobre isso é importante. Eu dei risada ao dizer que poderemos não saber nem depois, porque podemos ter pessoas astuciosas que se inscrevem, e que, talvez simulem uma vida precária financeiramente, mas acredito que de alguma maneira isso vai se apresentando e cabe uma intervenção que tem uma finalidade de retificação subjetiva desse que faz uso de uma prática gratuita para economizar. Isso abre para outras questões, como pensar que economia é essa que o sujeito se presta? Penso, que talvez, mesmo esses casos possam ser de grande valia, visto que há a possibilidade de se instituir algo a esses sujeitos que buscam tirar vantagens ao não pagar pelo tratamento, até porque se buscam aqui, há grande possibilidade de fazerem isso em outros lugares ocupando espaços destinados a quem realmente necessita, como também não é a

intenção do projeto não haver pagamento, o que não há é o pagamento via moeda, e que precisa ser pensado em ambos os casos, tanto diante os casos em que não é a vulnerabilidade econômica o que traz o sujeito ao projeto, como também precisamos ir pensando como vamos encontrando para cada caso de vulnerabilidade econômica o substituto simbólico do dinheiro, sendo assim, é caminhando por essas linhas, que vamos encontrando possibilidade de inserir o pagamento.

5.2.2. Análise dos dados: Capitalismo – o dinheiro enquanto fetiche

Quando se recebe um pretendente a análise, muito do que é tratado nas primeiras entrevistas só será compreendido depois, após um processo de elaboração efetuado em análise. O que cabe aqui situar é que um analista é aquele que aposta em uma análise, não havendo garantias para que uma análise possa acontecer. Como já mencionado nesse estudo Lacan demarca que o que promove uma análise é o desejo de analista, um desejo de que a análise aconteça e o analisando fale, associe, elabore e deseje, como já tratado de forma mais detalhada no capítulo sobre a transferência. Em um atendimento gratuito isso não se fará de forma diferente, sendo assim, não há possibilidade de logo de entrada encontrar respostas certas para uma clínica que vai ou não se fundar, mas, mesmo que não se tenha garantias é possível extrair fragmentos do que se passa em uma sessão que servem como indícios para o desenrolar de cada caso, é aí que um analista deposita suas apostas.

O extrato narrativo convoca a pesquisa a um pensamento sobre o caráter gratuito que desvia de seu objetivo. Diante disto, concatenou-se as seguintes questões para esta análise: Como manejar os casos em que a falta do dinheiro como pagamento das sessões se apresenta como uma forma de economia ao analisante?

Esta questão é de extremo interesse nesta pesquisa, pois não pagar para trabalhar em uma análise é um engano, uma análise custa caro àquele que se dispõe ao trabalho. Ao demarcar que custa caro não se reduz ao que se paga monetariamente, até porque foram aqui tecidas críticas aos clichês desenfreados dentro da psicanálise sobre uma análise ter que ser cara, e essas críticas estão à serviço de produzir aberturas para questionar: Afinal, o que pode ser caro para cada um?

Talvez grande parte da sociedade, imersa no sistema capitalista, responderá que o que é caro tem relação com o dinheiro, pois o dinheiro em nossa sociedade é o meio privilegiado de pagar por algo e de tentar eliminar dívidas, mas é preciso ampliar essa dimensão quando estamos no campo da psicanálise, pensando na lógica econômica colocada em cada

subjetividade, pois, o valor que se paga em uma análise tem sim o limitante das condições econômicas deste que paga, mas, tem também o limitante da sua “autoimagem”, a qual um sujeito pode se aferrar como refém de um paradigma da escassez, dito de outro modo, o modo como o sujeito se relaciona com o dinheiro e a forma como ele atribui valor às diversas questões da vida, reflete parcialmente os seus investimentos libidinais. Se trata assim de pontuar que alguém que dedica pouco de seus recursos para cuidar de si, provavelmente irá querer pagar pouco ou quem sabe não pagar por sua análise, optando por um atendimento gratuito como uma alternativa para “economizar.”

O modo como o sujeito se relaciona com o dinheiro é uma forma dele também poder expressar algo de sua subjetividade, toma-se aqui todo cuidado ao inserir esta afirmação, pois há pessoas que vivem diante a precariedade econômica extrema, não tendo assim a possibilidade de contar algo de sua subjetividade através da forma que ela se relaciona com o dinheiro, pois sua singularidade é soterrada pela fome e necessidades básicas que não são atendidas. Desta forma, ao dialogar sobre o dinheiro e a subjetividade, precisa-se levar em consideração o contexto em que se está inserido. Um país, como o Brasil, marcado pela escassez material de grande parte da população, arranca a dignidade dos sujeitos com seu sistema sócio-político, e, portanto, um projeto como o EPUF, que se interessa em ofertar atendimento psicanalítico gratuito, é um projeto que não pode esgotar suas articulações sobre o pagamento tomando como referente apenas o dinheiro, ou como cita Slemenson ao produzir uma análise referente às repetições das políticas estatais no Brasil e como a clínica psicanalítica poderia se posicionar na pólis, resistindo à sua mortificação, “vemos, de saída que a questão do dinheiro e seu manejo – como ‘fala’ de uma instituição – presta-se à articulação de um projeto que não se esgota no dinheiro ou no seu manejo” (Slemenson, 2001, p. 21 *apud* Moreira, 2019, p. 72).

Esta citação de Slemenson (2001), apontada por Moreira (2019), se refere às “Clínica Social de Psicanálise Anna Katrin Kemper” (CSAKK). Sobre tal clínica, Bragança, Biazus e Alberti (2022), citam em seu trabalho que ela foi fundada em 1972 no Rio de Janeiro, pelos psicanalistas Hélio Pelegrino e Katrin Kemper, que promoviam uma crítica social diante a situação da Ditadura Militar no Brasil. Uma postura política nítida frente à ditadura, segundo as autoras. Assim, pensar uma clínica psicanalítica gratuita é ter que se a ver com os contextos sócio-políticos, pois se trata de uma construção que deve sustentar o método psicanalítico, o qual de acordo com Ab’Saber e Zaiden (2019 *apud* Bragança; Biazus; Alberti, 2022), se afirma em uma compreensão teórica de que a prática clínica precisa ser “acessível e livre dos códigos de poder já determinados *a priori*” (Ab’Saber e Zaiden, 2019 *apud* Bragança; Biazus; Alberti, 2022, p. 104).

Trata-se de podermos produzir nossas articulações entre o método psicanalítico e as questões sociopolíticas, econômicas, culturais etc. Sendo assim, é preciso estar advertido de que as tramas das relações sociais são tecidas pelos fios do capitalismo. Desta forma, seja no atendimento pago em dinheiro ou no gratuito, é preciso propor ao analisando que fale da sua relação com o dinheiro, tanto pelo fato deste ser um objeto necessário à subsistência da vida, como pelo fato do campo orçamentário de alguém ser tomado com frequência de repleto pudor. Freud (1913/1996) já dizia que as questões de ordem sexual e as relativas ao dinheiro são tratadas com falso pudor e que caberia ao analista abordá-las. Desta forma, a narrativa apresentada vai produzindo os relatos clínicos conceituais para analisar o que este caso, em sua articulação com a teoria psicanalítica, tem a dizer sobre o manejo do pagamento no EPUF e o que é o dinheiro em nossa sociedade. Propõe-se assim, uma proposição de Marx (1867/2021), que em crítica da economia política desenvolve o dinheiro como equivalente geral das mercadorias, apontando que há propriedades capazes de satisfazer as necessidades humanas em todos os aspectos, sejam elas necessidades tidas como básicas como as de ordem subjetiva.

A partir do trabalho de Marx (1867/2021), sobre o dinheiro como equivalente geral das mercadorias, produziu-se neste estudo articulações com o que Quinet (2009) desenvolve nesta série de equivalências do dinheiro, apontando, desta forma, o dinheiro na economia psíquica do ponto de vista pulsional, na proposta de produzir desdobramentos de suas funções:

A entrada na cultura implica que a necessidade passe pela linguagem, arrancando o dinheiro do registro imediato da necessidade. A própria noção de dinheiro já denota a troca de objetos e bens marcados pela simbolização: o dinheiro só existe em função da linguagem. Dizer que pobre não pode fazer análise é tratá-lo como um animal, situando sua questão de dinheiro apenas no registro da necessidade. Na verdade, o rico é mais inanalísável do que o pobre, se chamarmos de rico aquele que não tem falta. [...] A necessidade faz aparecer a dimensão da falta-a-ter; a demanda e o desejo fazem aparecer outro registro da falta — a falta-a-ser. Falta-a-ser esse objeto que complementaria o Outro, falta-a-ser esse objeto que o Outro gostaria que eu fosse. O dinheiro vinculado ao desejo entra em circulação marcado pela falta. Encontramos, com efeito, o dinheiro fazendo parte da série de equivalências simbólicas apreendida por Freud dentre os objetos que caem: seio, pênis, excremento, dinheiro, criança, presente, etc., objetos marcados pela castração e, portanto, suscetíveis de entrar nessa série fálica (Quinet, 2002, p. 84).

A questão é que um psicanalista não é alguém que irá reduzir o dinheiro a dimensão de autopreservação, como também não o reduz a uma relação comercial da dimensão econômica ou sociológica. A psicanálise não se restringe a racionalizar o dinheiro no campo econômico, ainda que pensar sobre essa dimensão tenha seu valor, tanto pelo fato de vivermos em uma sociedade capitalista, em que o dinheiro é o meio que viabiliza a subsistência do sujeito, como também por criar marcas de extrema desigualdades socioeconômicas ao produzir modos de vida

onde o dinheiro faz falta de forma ininterrupta para muitos, desencadeando sofrimentos, precarizando e violentando essas vidas podendo chegar ao estágio da desumanização do humano.

Sendo assim, nesta pesquisa tomou-se a dimensão da autopreservação como essencial tanto a vida como a dignidade dos sujeitos, mas coube colocar em cena uma outra dimensão: a do desejo em sua relação com o dinheiro, a qual ocupa um lugar de poder, pois é marcada pelo símbolo fálico, que pode tentar escamotear a falta e a castração, criando a ilusão de que não se é barrado e que sendo assim, não há falta se há dinheiro, ou então, que ao se economizar no trabalho com uma análise gratuita, poderá se manter na ilusão de que pode estancar o furo e assim não ter de lidar com a falta inerente ao humano.

Pontua-se assim considerações sob dois pontos: 1. Não se trata de fechar os olhos diante as desigualdades que produzem uma falta ininterrupta que desumaniza, violenta e pode até matar; 2. Mas é preciso estarmos advertidos de que há uma falta que é fundante ao sujeito, e que, portanto, não se trata de obturar toda a falta, isso seria uma outra morte, a morte da subjetividade pela falta que não falta, como diz Lacan no decorrer do seu ensino. Nesta segunda consideração, nos referimos não ao excesso da falta como marcado na primeira, que violenta e aniquila o sujeito, mas sim a falta que é inerente ao humano, que convoca e pulsiona o sujeito a vida.

Demarcar o desejo na dimensão do dinheiro é uma questão técnica importante a prática analítica, mas é também necessário atentar para o que Zygouris (2011), nomeia como efeito nocivo dessa articulação, no sentido de poder reproduzir o paradigma liberal econômico mais devastador, como ainda circunscrever de modo hegemônico que a análise só acontece caso o analisando pague em dinheiro.

Um certo discurso da psicanálise reproduz de maneira caricatural o próprio paradigma do liberalismo econômico mais selvagem, ao ligar de modo ‘orgânico e causal’ desejo e dinheiro. Tal paradigma impede que o pensamento se torne criador de outras modalidades e outros dispositivos. Ou a psicanálise, isto é, os psicanalistas encontram uma outra forma de pensar o dinheiro na psicanálise [...] ou ela corre o risco de se tornar uma atividade de luxo para pessoas que não necessitam verdadeiramente dela (Zygouris, 2011, p. 33).

Utiliza-se esta citação de Zygouris (2011), para pontuar que o dinheiro possui uma dimensão importante tanto para o manejo do tratamento psicanalítico, como para a metapsicologia, porém, é preciso produzir modos de pagamento pensando para além do dinheiro, como pontuado acima, só assim poderemos viabilizar constructos teórico-prática para clínica psicanalítica gratuita.

Propõe-se aqui os possíveis deslizamentos teóricos necessários sobre a diferença de pagamento e dinheiro em psicanálise, recorrendo a um breve esquema em cadeia associativa para dialogar sobre estas questões. Assim, desenvolveu-se um esquema nesta pesquisa no intuito de demonstrar, que o uso de alguns significantes ligados a outro significantes, produz a diferenciação necessária para a compreensão do lugar do pagamento em uma análise:

Pagar é verbo;

Dinheiro é objeto, é significante ou é símbolo;

Pagamento é ato.

Se o pagamento é ato, a prática da psicanálise demonstra que para efetuar pagamento não basta ter dinheiro, como ainda faz menção que é possível haver pagamento na inexistência do dinheiro. Assim emerge o compromisso firmado no esforço de produzir saberes que funcionem de modo a dissociar a psicanálise de um contexto estritamente elitista que barra o acesso de grande parte da população. Mas é preciso ainda fazer com que esse saber, para além de ser produzido, possa se fazer circular, esse estudo se firma na investigação conceitual de uma clínica psicanalítica on-line e gratuita, mas também busca reiterar a importância do fazer clínico-político em psicanálise se estenda para além do campo acadêmico e alcance a população vulnerável socioeconomicamente através dos atendimentos clínicos.

Neste sentido, a narrativa de P, ao convidar os psicanalistas do EPUF a pensar nos substitutos simbólicos do dinheiro para cada caso, nos proporciona a possibilidade de dizer que uma análise gratuita não necessariamente equivale à falta do pagamento. É isso é o que marca a possibilidade, desde as clínicas públicas de Freud, de se fazer análise gratuita destinada a população vulnerável economicamente.

O relato clínico nos possibilita pensar como que a teoria sobre o pagamento pode aqui ser operacionalizada, não se trata de direcionar o caso, pois este encaminhamento será dado pela psicanalista e será sucintamente comentado ao final deste capítulo. O que se propõe nesta pesquisa é analisar a narrativa exposta para produzir articulações teórico-prática sobre o pagamento em uma clínica gratuita, que como consequência desenvolveu duas articulações através desta narrativa enlaçada a teoria, uma clínica psicanalítica gratuita poderia assim: 1. Favorecer um trabalho de cuidar do sofrimento de quem vive na vulnerabilidade econômica, democratizando a clínica psicanalítica e descentralizando das elites, como; 2. desencadear um complicador que inviabiliza a instauração do processo analítico quando a busca pelo tratamento se faz no objetivo de uma economia orçamentária.

No primeiro caso, a proposta da clínica psicanalítica gratuita pode favorecer o acesso da clínica àqueles que não poderiam acessar um tratamento psicanalítico se tivessem que arcar

financeiramente, pois enfrentam a precariedade econômica em seu dia a dia, tornando o cuidado com a saúde mental um artigo de luxo inacessível. Nesta dimensão, para cada caso atendido haveria de se pensar no substituto simbólico para o dinheiro no manejo clínico.

Quanto ao segundo exemplo, que é o caso narrado por P, nos deparamos com um complicador que pode atravessar a clínica gratuita quando se está diante um pretendente a análise que vê no tratamento psicanalítico gratuito uma possibilidade de economizar, ou que simula uma precariedade econômica para se beneficiar da gratuidade, este último não se refere ao extrato narrativo coletado, pois a analisante situava a sua analista que não pagar pelo atendimento equivalia a economizar financeiramente. Dizer que temos um complicador nestes casos não equivale a dizer que um atendimento psicanalítico gratuito às pessoas em vulnerabilidade econômica (como na primeira articulação tecida), não deve ser investigado para que se possa propor alternativas de pagamento para quem não tem ou vive com um orçamento apertado. Ambas as possibilidades aqui tratadas precisam ser pensadas, pois estando diante da ausência do significante dinheiro, que para psicanálise comporta um lugar importante tanto na clínica como na teoria, o pagamento precisa ser pensado sem se reduzir ao dinheiro. Desta feita, segue-se tecendo articulações sobre o caso narrado, pois ele foi produzindo material para este estudo pensar acerca das especificidades da clínica gratuita do EPUF buscando analisar os substitutos simbólicos do dinheiro para que haja pagamento.

As condições atuais possivelmente ainda adiarão esse prazo, e é provável que a beneficência particular dará o primeiro passo com tais institutos; mas em algum momento isso necessariamente terá de acontecer. Resultará daí para nós, então, a tarefa de adequar a nossa técnica às novas condições (Freud, 1919[1918]/2020, p. 201-202).

Antes de pensar nos substitutos simbólicos para o dinheiro em uma clínica psicanalítica gratuita foi preciso promover este descolamento entre pagamento e dinheiro, significantes estes colados na sociedade capitalista. Diante desta tarefa o estudo se apoiou na proposta lacaniana, que empresta a lógica do significante para entendermos que o significante que nos interessa em um processo analítico gratuito é o pagamento, podendo ele estar associado ao dinheiro ou não.

Promovendo este descolamento entre dinheiro e pagamento, será discutido sobre este último. É o pagamento, e não necessariamente o dinheiro o significante que pode promover uma separação na análise, pagar a sessão é uma maneira de localizar analista e analisante em um lugar em que: não há dívida, não há reciprocidade e não há caridade, o que muitas vezes mesmo através do dinheiro, o pagamento não se realiza, como cita Calligaris (2004):

[...] as resistências de um paciente a seu próprio tratamento não são vencidas pelo esforço de pagar. Aliás, há pacientes para quem pagar é uma boa desculpa: estou fazendo tudo o que preciso para melhorar, prova disso, estou

pagando [...] para outro sujeito, o esforço de vir de longe é um sacrifício bem maior do que pagar o valor da sessão. [...] é frequente que o orçamento do paciente determine o número de sessões que ele poderá ter por semana. [...] Não me conformo com esse cálculo. A frequência das sessões deveria depender das necessidades da cura que, aliás, podem variar (Calligaris, 2004, p. 55).

Quando se fala em pagamento, logo ele se faz associado ao dinheiro, por ser o dinheiro o meio privilegiado de uso para quitar dívidas em nossa sociedade, porém, há outros modos para além do dinheiro.

Outro ponto a se discutir é que quitar uma dívida através do dinheiro não necessariamente equivale ao ato de pagar, a prática analítica nos demonstra que para efetuar pagamento não basta ter dinheiro, como ainda faz menção que é possível haver pagamento na inexistência do dinheiro, pois pagar é ato, como proposto acima. Pagar é ato porque engloba ter que retirar algo de si para dar ao outro, há um endereçamento, da mesma maneira que o analisante endereça seu discurso/sintoma para o analista, o pagamento também sai do sujeito e vai para analista. Assim, pagar envolve ter que se a ver com a perda, uma perda narcísica em que o analisando paga com o que têm, para abrir lugar ao que Lacan (1958/1998), propôs como a política de falta-a-ser, o que convida o inconsciente a entrar em cena para que a análise aconteça.

Uma clínica psicanalítica gratuita pode sim prescindir do dinheiro, mas não do pagamento. Portanto, tenderia a falhar miseravelmente uma clínica que propõe economias aos sujeitos, pois, sendo a implicação do sujeito com o próprio sintoma e o seu desejo a condição para que uma análise opere, isto não ocorre sem antes o sujeito ceder algo do seu gozo, ao que, em uma análise, para isto acontecer, é preciso que o analisante algo conceda como pagamento. Desta feita, vemos que o pagamento interessa em uma análise pois ele se faz entrelaçado ao sintoma e ao gozo do sujeito, e como cita Quinet (2002):

O analista vai contra a fantasia do sujeito assim como vai contra o gozo, no intuito de fazer surgir a dimensão do desejo marcado pela falta. O gesto do analista de cobrar mostra que ele não está ali de graça e que não está interessado em fazer do analisante um objeto de seu gozo, de suas pesquisas, objeto de sua experiência clínica (Quinet, 2002, p. 86).

Não se trata de pensar a análise gratuita como uma prática de benevolência, pois, tanto ao analista quanto ao analisante, não cabe à eles estarem ali de graça como cita Quinet (2002). Assim como não se trata de fazer permuta na suposição de que haveria pagamento, como no fragmento narrativo em que a analisante diz tentar ter estabelecido um regime de trocas com sua psicóloga para “pagar” suas sessões.

O que a narrativa vai apresentando é um caso em que a analisante busca negociar um trabalho por outro trabalho, visando driblar a perda ao ofertar seu trabalho para receber algo em troca. Uma análise visa o encontro com o Real, como cita Quinet (2002), “O efeito real é um remanejamento da libido. Trata-se da transferência do sofrimento pelo preço pago com o sintoma para o sofrimento do bolso, pois pagar implica também sofrimento, privações, sacrifícios, cálculos, etc.” (Quinet, 2002, p. 90). Desta feita, como operacionalizar uma análise com aquele que nada quer perder?

Desta forma, segue-se com a sequência dos extratos narrativos a fim de algo concluir sobre essa análise exposta sobre a questão do pagamento deste caso.

5.2.3. Regime de trocas: das proposições de permutas recusadas à economia orçamentária com o tratamento gratuito

Este subtítulo propõe ao estudo seguir pensando sobre as tentativas da analisante em buscar um atendimento psicológico em que pudesse também economizar financeiramente, ou melhor, tratar disto que lhe faz sofrer sem ter que perder algo, como mencionado acima. Quanto à primeira tentativa da analisante, em que conta que busca negociar com sua psicóloga, a qual se nega a negociação e, assim, ela recorre a um projeto de atendimento psicanalítico gratuito - O EPUF, vemos é que diante da impossibilidade da negociação em regime de troca com sua psicóloga, a analisante decide trocar de psicóloga e se inscreve para ser atendida em um projeto de atendimento gratuito, insistindo em seu ideal: que o dinheiro que era direcionado à terapia passasse a ser “reservado”.

Retoma-se a narrativa do caso para analisar o modo como essa analisante chega até o EPUF e de que forma este fragmento narrativo interessa para se pensar o pagamento no atendimento gratuito. Há uma especificidade neste caso, pois ele não se faz diante da impossibilidade da analisante poder arcar financeiramente com um acompanhamento psicológico, mas sim de poder fazer sua análise e economizar financeiramente, assim como foi na sua tentativa frustrada ao propor uma negociação com sua psicóloga. Seria possível abrir mão da economia do gozo se o que se visa em uma análise gratuita é o lucro do dinheiro que se pode reservar?

Propõe-se aqui o significativo lucro, pois o que a analisante apresenta tem relação com a lógica de se beneficiar com o dinheiro que sobraria das sessões, pelas quais até então ela vinha pagando. Tendo este lucro, desta forma ela poderia viajar e se “cuidar” com o dinheiro das “reservas”. Interessante pensar que sua terapia não entrava como um cuidado de si, assim

como o que ela tratava os cuidados de si com suas “reservas”. Quanto aos desdobramentos destas narrativas expostas, cabia somente a analisanda poder produzir suas significações, o que interessa é marcar que diante este encadeamento significante: *Lucro - Reserva - Cuidado*, caberia a entrada da analista interessada em escutar mais, sem compreender, como ensina Lacan, mas sim convidar a analisanda ao trabalho que solicitava o questionamento sobre o que ela buscava e como isso lhe seria possível? O ponto é que se trata de uma questão analisável, mas analisável a medida de que não basta apenas uma intervenção que se dispõe a escutar mais, o caso solicitava uma outra esfera de intervenção analítica em que fosse possível algo a analisanda pagar, pois o sintoma se apresentava e requisitava manejo clínico para ser trabalhado.

Freud (1916/1990) trará contribuições para pensar nos ganhos dos sintomas. Assim, ele tratará do sintoma como uma condição que possibilita benefícios ao neurótico, benefícios tanto de ordem primária, pois o sintoma é uma satisfação libidinal substitutiva, que envolve uma economia psíquica do sujeito que investe em seu sintoma; como os benefícios secundários, em que o sujeito encontra mais vantagens além da satisfação pulsional ao permanecer com seu sintoma. Quinet (2002) dirá que: “O primeiro efeito da cura analítica é essa quebra, esse corte perpetrado na economia de gozo do sujeito” (Quinet, 2002, p. 89). O que em Freud é tratado como benefício primário em Lacan é nomeado como gozo do sintoma.

Mas como pode pagar àquele que vê na análise gratuita a possibilidade de economizar? Não há uma resposta fechada e determinante que atinja em atacado todos os casos, a psicanálise não visa protocolar esquemas que adaptem o sujeito a uma forma de pagar pelo que ele consome ou escolhe, o que uma análise produz é a possibilidade do sujeito se a ver com seu desejo.

Talvez, alguém que escolha por uma análise gratuita como forma de “lucrar” financeiramente, onde se é impulsionada pela vontade de deixar de pagar sua terapia não por não se ter, mas, para mais se ter, é alguém que segue enlaçada ao discurso da completude inalcançável. Não se trata de uma lógica econômica libidinal inalisável, mas que, para entrada em análise, seria preciso produzir torções e para isso preciso que a analisante algo ceda de seu gozo. Assim cabe pensar: O que se pode concluir sobre um caso que se mantém em análise sob negociação?

Talvez não seja possível uma conclusão sobre a narrativa deste caso, pois, além do fato de seu encerramento se fazer sem que a analisante se implicasse com seu sintoma, não é também o objetivo desta investigação propor uma análise do caso, mas sim de analisar o caráter da gratuidade no atendimento do EPUF. Desta forma, pontuamos que a analisanda encerra seu “contrato” com o EPUF insistindo em uma negociação, uma negociação que é calcada na base

de driblar uma perda na ilusão de que, direcionar tudo em causa própria, seja uma boa escolha e isso produziria uma economia a ela.

Quanto ao manejo clínico, retoma-se o capítulo deste estudo em que se propõe o matema lacaniano dos quatro discursos para aqui inserir o discurso do capitalista, um discurso que enlaça o sujeito aos objetos que produzem o gozo e que não faz laço social, pois foraclui a castração.

Discurso do capitalista em Lacan:

$$\begin{array}{ccc} \$ & \rightarrow & S2 \\ -\uparrow- & \otimes & -\downarrow- \\ S1 & \blacktriangle & a \end{array}$$

Desta forma é preciso demarcar que é no manejo da transferência, como já reportado neste estudo, que o analista opera visando produzir torções discursivas no decorrer de uma análise, torções discursivas que operam transformando o modo de como o sujeito faz laço social. Assim, o discurso do capitalista oferta a possibilidade de tamponar a castração, enlaçando o sujeito na ilusão de existir a possibilidade de completude, mas, sendo a castração uma barra posta ao humano, o efeito deste discurso é produzir a crença de que a castração será dissipada, da mesma forma que se busca tamponar os furos diante as negociações que visam nada perder.

A analista se interessa por seguir ouvindo a analisante, mas sob outras condições que possibilitem uma aposta de que a análise poderia se efetuar. Quanto a esta analisante, caso mantivesse pelo projeto, talvez alguma torção discursiva poderia ser produzida, mas tem o EPUF, que se dispõe ao outro, esse outro que as mesmas malhas do capitalismo desapossaram de poder escolher onde investir seu dinheiro no cuidado de si e assim precisa contar com os projetos gratuitos que propõe formas de pagamento para além do dinheiro. Desta forma, este outro não poderá aguardar mais um pouco enquanto as “reservas” de alguém segue se fazendo, caso assim fosse o que se estaria reproduzindo é o que foi nomeado no início deste capítulo como efeito danoso, aliado a uma proposta de tamponamento inalcançável que produz sujeitos enredados pela busca constante de muito consumir e pouco perder:

- I. Eis aí a lógica do capital que produz subjetividade amparadas na fantasia de *tudo-ter*, na totalidade imaginária do ser que visa o gozo infinito para não se haver com a sua *falta-a-ser*, é a isso que nomeamos de danoso;
- II. Eis aí o motivo de ter de se pagar em uma análise, é preciso tirar algo de si e endereçar ao outro, isso que se tira de si vem como pagamento, seja no dinheiro, na pontualidade, na honestidade, no tempo etc;

- III. Eis aí a psicanálise subvertendo a lógica capitalista e democratizando o seu campo ao construir dispositivos teórico-prática não só interessado em alcançar a população vulnerável socioeconomicamente e psiquicamente através do atendimento gratuito, como também sendo um meio que questiona as condutas segregacionistas que usurpam de espaços destinados à população que padece economicamente enredados pela pretensão ilusória de economizar para *mais se ter*.

6. SOBRE O QUE SE CONCLUI SOBRE O QUE SE CONSIDERA: análise on-line e gratuita, eis aí uma prática ampliada?

A fim de produzir algum fechamento possível a este estudo, o qual preza pelo caráter de continuidade de uma investigação e que, portanto, se manterá em constante elaboração diante a clínica psicanalítica tensionando sua teoria e técnica diante as especificidades da vida, definiu-se que uma possível conclusão não se faria sem a retomada, ainda que parcial, da questão que inaugurou esta pesquisa. Desta forma, inicia-se a conclusão retornando ao ponto de partida deste caminho, o qual se fez em agosto de 2020, diante a decisão de pleitear uma vaga de mestrado para a investigação acadêmica do dispositivo clínico que havia sido instaurado em março do mesmo ano (o EPUF).

Estando diante um dispositivo clínico psicanalítico, de atendimento on-line e gratuito, que se interessa pela democratização da clínica psicanalítica, e, enlaçado a premissa ética desta prática, formalizou-se o desejo de estudar a clínica do EPUF diante as suas especificidades, no intuito de tornar público os constructos teórico-prática investigados sobre este dispositivo. Tem-se aqui uma investigação que tece sua amarração entre a prática clínica e a investigação, pois, desde a sua criação a psicanálise é uma práxis que não desarticula a prática da teoria.

Sendo a prática estudada uma consequência do evento pandêmico, ao retroagir a esse tempo se faz necessário demarcar duas questões que propulsionaram a instauração do dispositivo clínico e, conseqüentemente, o desejo por esta investigação. Eis os fatores principais que proporcionaram esta pesquisa: 1. o advento da ampliação das TICs - Tecnologias da Informação e da Comunicação, que passa a se tornar uma categoria de comunicação possível até para os mais resistentes ao “território” on-line, e; 2. os impactos socioeconômicos causados pela pandemia que esgarçaram, mais ainda, as lacunas de desigualdade no Brasil.

Determinados pelo isolamento social, muitos psicanalistas iniciaram os atendimentos on-line como uma medida que pudesse responder às questões do nosso tempo. Assim surgem as perguntas que fundamentaram este estudo, pois se, se tornava possível seguir apostando nos efeitos psicoterápicos da análise em sua forma on-line, seria também possível pensar o dispositivo on-line como uma ferramenta à serviço de ampliar a clínica psicanalítica à população vulnerável socioeconomicamente?

Esta foi a questão que originou essa investigação, mas, conforme a coleta de dados foi se fazendo, novas questões de estudo, que precisavam ser investigadas antes desta, foram surgindo, pois se tratava de um campo vivo e que, sendo assim, solicitava alterações durante o seu percurso. Desta forma, se fez necessário começar por um estudo que pudesse falar sobre

conceitos fundamentais da prática analítica no contexto on-line e gratuito, evidenciando essa necessidade de investigar a operacionalidade da transferência e o manejo do pagamento diante deste dispositivo clínico do EPUF.

Rota alterada, atualiza-se o caminho, não a fim de descartar a questão que marcou o início deste estudo, mas sim para pavimentar este percurso que merece ser retomado para que se possa posteriormente seguir avançando. Destarte, a investigação se faz ancorada a aspiração de que em um momento no futuro, em um *só depois*, (que se faz necessário ao saber analítico), essa questão inicial possa ser retomada e assim investigada, mas diante um terreno mais profícuo por possuir uma fundamentação já realizada.

Diante das descrições sobre essas transformações e evidências extraídas, definiu-se trazer junto as considerações finais, ou nomeando de uma outra forma que contemple melhor as proposições aqui empreendidas: como um corolário, algumas contribuições desta investigação no que se refere às questões sociopolíticas, pois, experienciar e investigar uma clínica on-line e gratuita carrega uma dimensão sociopolítica como Freud demarcava ao tratar das clínicas de psicanálise pública.

A dimensão sociopolítica na psicanálise se faz presente quando estamos atentos aos fenômenos produzidos na cultura em uma temporalidade histórica que nos propõe tensionamentos teóricos, técnicos e práticos. Dito de outra forma, se torna inegociável a um psicanalista se fazer *conectado* às realidades contemporâneas para alcançar as subjetividades do seu tempo. Eis aí o motivo de escolha da palavra *conectados*. Estar *conectado* neste estudo nos remete a poder receber o que a experiência nos revela, assim, a prática do EPUF foi direcionando o olhar da pesquisa para a investigação das questões necessárias ao campo deste dispositivo estudado.

Quanto aos constructos teórico-prática, ainda incompletos, pois os desdobramentos da prática analítica on-line e gratuita não se esgotarão em uma pesquisa, cabe delinear nas linhas que seguem, as conclusões possíveis extraídas de uma investigação que buscou trilhar seu caminho sob os conceitos da transferência na análise on-line, como ainda pensar no manejo do pagamento na clínica gratuita, sem reduzir essas construções às intenções de quem as escreve e nem a experiência do EPUF, mas buscando, na medida do possível, provocar maiores reflexões sobre a análise on-line e gratuita. Desta forma cabe concluir.

6.1. *Sob-re a transferência: o on-line convoca a presença do analista*

Eu tenho à medida que designo – e este é o esplendor de se ter uma linguagem. Mas eu tenho muito mais à medida que não consigo designar. A realidade é a matéria-prima, a linguagem é o modo como vou buscá-la – e como não acho. Mas é do buscar e não achar que nasce o que eu não conhecia, e que instantaneamente reconheço. A linguagem é o meu esforço humano. Por destino tenho que ir buscar e por destino volto com as mãos vazias. Mas – volto com o indizível. O indizível só me poderá ser dado através do fracasso de minha linguagem. Só quando falha a construção, é que obtenho o que ela não conseguiu.

(Clarice Lispector, 2009, p. 176).

Sendo a transferência o motor de todo processo analítico, foi impreterível saber como este fenômeno poderia ser instaurado e operacionalizado no contexto on-line. Se uma análise opera pela linguagem, através da escuta clínica do psicanalista sob a cadeia significante que o analisando produz e, se o contexto on-line possibilita o acesso à linguagem verbal de um sujeito, a distância física não seria assim um impeditivo para o campo transferencial no atendimento on-line, como diz Belo (2020): A distância, portanto, entra como um elemento que mobiliza jogos pulsionais que estarão em ação na análise on-line. Para o bem ou para o mal: estamos em cheio no campo da transferência (Belo, 2020, p. 63).

Figura 16. *Higher Impetus*

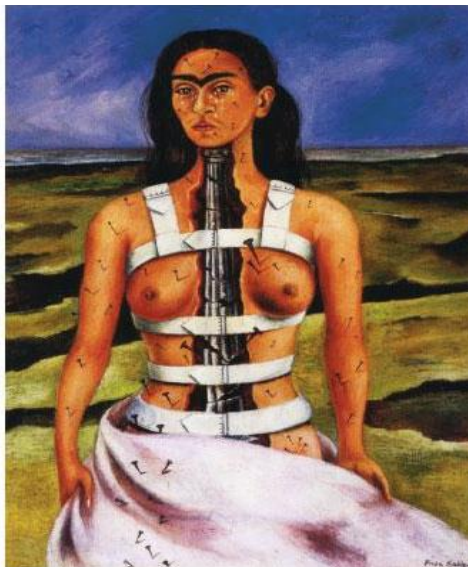
Fonte: Adam Martinakis (2023)²⁸

É preciso saber que apesar do contexto on-line possibilitar a instauração e o manejo da transferência, existem especificidades diante o formato de uma análise on-line e de uma análise em seu setting analítico clássico. Porém, o interesse neste estudo foi o de trazer a experiência do EPUF articulada a teoria psicanalítica para verificar que: se é sob a linguagem que a transferência se instaura e sob ela o analista a operacionaliza, as experiências relatadas nos mostraram que para a transferência ser instaurada e manejada, se trata muito menos de uma estruturação física adequada, pois, como cita Figueiredo (2021, p. 9), “é a mente do analista que pode instalar todas as condições materiais de um enquadre”, o que, como já citado neste estudo: possibilita ao sujeito tratar de seu sofrimento pela passagem do desejo de reconhecimento para o reconhecimento do seu desejo.

É através da narrativa do analisante que uma análise se constrói, é pelo deslizamento dos significantes em uma cadeia discursiva que o analista opera. Assim, mesmo que a presença física seja um fator que produz especificidades a prática clínica, ela por si só não se basta, é preciso que se fale sobre esse corpo que se faz presente, pois uma análise considera, para além do corpo biológico, o corpo que é narrado, contado e ressignificado.

²⁸ Adam Martinakis é um artista polonês que já vem trabalhando e experimentando mídias geradas por computação visual e animação desde o ano 2000. Suas obras se assemelham a esculturas realistas, porém não saem do campo digital.

Figura 17. A coluna partida - Frida Khalo (1944)



Fonte: Zamora (1990)

É através das construções narrativas recolhidas nessa investigação que se pode concluir que a ausência do corpo físico do analista ou do analisante, produz especificidades importantes à prática, mas que não é necessariamente o que inviabiliza uma análise. Pois o corpo em psicanálise é um corpo inscrito nas palavras, portanto, acessível pela fala e não reduzido a matéria/organismo.

Vemos em Lacan, que para haver a instauração de uma análise é preciso que o analisando possa transferir a suposição de saber ao seu analista e, ao analista, cabe marcar sua presença ao se fazer de semblante de objeto *a*, desta forma, mesmo que diante a uma tela de um aparelho tecnológico com ou sem a imagem (ainda que essa formas possuem especificidades), se torna possível ao analista se fazer presente, pois sua presença não se reduz ao corpo matéria (ainda que sustentando sob este é que torna possível estar diante ao outro), em uma psicanálise trata-se da disposição da escuta do analista circundada pela técnica e ética. Assim, se defende que essa operação do atendimento on-line se torna possível, pois, o analista não se situa em um aparelho eletrônico, mas sim na palavra e como semblante de objeto *a*.

O que precisa ser considerado são os impactos que a palavra pode atravessar quando mediada por aparelhos digitais e, mais ainda, quando uma análise se faz só pela voz. Desta feita, é preciso demarcar que essa pesquisa possibilitou algumas verificações sobre o psicanalisar na clínica on-line do EPUF, mas que aquilo que nos é possível saber no desvendar das técnicas e tecnologias, jamais abarcarão, como diz Figueiredo (2021), o infinito de possibilidade do inconsciente, sejam eles nos encontros on-line ou presencial, “nunca nos esquecendo que nossa consciência e, portanto, nossas ideias e teorias - finitas - jamais serão capazes de aprender o

infinito do inconsciente e os finitos dos encontros analíticos presenciais ou remotos” (Figueiredo, 2021, p. 93).

6.2. Quanto ao pagamento na clínica gratuita: Economia libidinal

Figura 18. Geometria à brasileira chega ao paraíso tropical



Fonte: Rosana Paulino (2017/2018)

Ainda que o dinheiro tenha um lugar privilegiado em nosso sistema capitalista e, em uma análise o pagamento tende a se fazer pelo dinheiro, pois também se trata do meio de subsistência de um analista, é preciso demarcar que pagar análise não equivale necessariamente a entregar o dinheiro a um analista. Pensar o pagamento em uma análise é ter de pensar na lógica econômica colocada em cada subjetividade, dito de outro modo, uma clínica psicanalítica gratuita pode sim prescindir do dinheiro, mas não do pagamento. Diante desta análise pode-se verificar o que a psicanálise desde Freud já nos advertia sobre a impossibilidade de uma clínica que propõe economias ao sujeito, pois, esta economia tenderia a falhar miseravelmente. Assim, mesmo se houvesse a entrada do dinheiro em cena, isto não ocorreria caso o sujeito negociasse com seu analista uma forma para não ceder algo do seu gozo, pois, a condição de uma análise está na implicação do sujeito com o próprio sintoma e o desejo.

Uma análise envolve ter que se a ver com a perda, uma perda narcísica em que o analisando paga com o que têm para abrir lugar de *falta-a-ser*, o que convida o inconsciente a entrar em cena para que a análise aconteça. Desta forma, é preciso que o analisante algo conceda como pagamento, e aqui não se deve restringir à sedutora ideia de que pagar equivale a depositar

altos valores monetários. Como destacado neste estudo o dinheiro é o meio privilegiado para pagar e receber, mas a experiência aqui investigada nos mostra que cabe ao analista, inserido e interessado pelas questões sociopolíticas de sua temporalidade, que denuncia uma sociedade desigual que desumaniza, pensar no substituto simbólico do dinheiro para que o tratamento gratuito possa assim ceder voz e escuta que possibilitem um mínimo de contorno de humanidade à quem foi destituído deste lugar. Assim, essa investigação reitera, através da pesquisa de uma clínica on-line e gratuita, o que a psicanálise possui em seu horizonte para se manter viva: ao analista contemporâneo cabe a tarefa de extrapolar seus muros e se fazer atento às questões sociopolíticas de seu tempo.

6.3. O que se pode concluir, foi para poder transmitir e não ser se poderia fazer melhor do que escrevendo²⁹

Diante as construções que aqui se fizeram possíveis, em uma investigação que se mostrou orgânica e convocou a reconfiguração dos objetivos de pesquisa, cabe demarcar que essas transformações não abandonaram a base que as fundaram, pois a pesquisa seguiu marcada pelo traço de sua origem ao contemplar o seu caráter sociopolítico. Assim se fez uma investigação que possibilitou verificar as construções teórico-prática sobre a transferência e o pagamento na clínica on-line e gratuita do EPUF, sem que esses diálogos estivessem desarticulados das questões sociais e políticas que atravessam o nosso tempo. Questões estas que propuseram aberturas para as contingências e reformulações em psicanálise, pois, se estudou a operacionalidade dos conceitos de transferência e pagamento no compromisso de validar uma prática clínica democrática (EPUF) de forma que se mantivesse alicerçada a teoria psicanalítica.

Pensar as questões sociopolíticas do nosso tempo não equivale a reduzir essas contingências ao inconsciente, isto seria um dano a humanidade e ao fazer analítico, pois acabaria patologizando questões éticas ou psicologizando questões políticas. Desta forma, a pesquisa se estabeleceu na busca de ampliar a psicanálise enlaçada ao compromisso ético de não psicologizar questões socioculturais e políticas. A psicanálise se caracteriza como uma experiência na linguagem, reiterando que a psicanálise é um operador no campo social e

²⁹ Parafraseando Roland Barthes: “O que eu quis dizer, não podia dizer melhor do que escrevendo” (2004b, p. 451).

político, pois ela produz efeitos no laço social, mas ela não é a solução para todos os males e nem pretende ser.

Resta dizer que o estudo sobre o EPUF, ao concluir sobre a viabilidade do atendimento psicanalítico on-line e gratuito deste dispositivo e produzindo as considerações necessárias a esta clínica (ainda que diante a inúmeros desafios que seguirão se fazendo), traz notícias de que é possível democratizar a clínica psicanalítica se contrapondo aos discursos discriminatórios, individualista e segregacionistas. Desta forma, tanto o EPUF quanto a pesquisa, se esquivam de construir laços com os discursos segregacionistas como de se aliar às formas de psicologização do campo social e político que tendem a excluir o que deve ser pensado e articulado através de políticas públicas.

A psicanálise nos ensina a pensar no um a um diante o universal. Se torna assim impreterível pensar a psicanálise diante a lógica que sempre a sustentou, a de não ser uma prática que se apresenta neutra e distante da realidade que se mostra, como também a de ser uma prática que não naturaliza ou restringe a linguagem.

É assim que se aposta que a pesquisa e o EPUF são vias que democratizam a clínica psicanalítica. A proposta é que a partir do momento em que o sujeito possui um espaço de fala, onde um psicanalista esteja disponível a escutar e trabalhar o que está sendo dito, isso possibilita que ele assuma o seu desejo que pode romper com as lógicas de opressão impostas para si e para a sociedade, o que pode ser viabilizado a partir de iniciativas não segregacionistas.

A clínica psicanalítica é uma prática que visa produzir torções nos discursos, assim o objetivo deste estudo se relaciona em incluir a diferença em meio ao coletivo sem que se seja atacado por discursos violentos que se apresentam como simbólico e que paralisam o sujeito.

A pandemia deixa claro, àqueles que puderam enxergar, que não há Eu sem o outro, que não basta encontrar meios que preservem o eu se não olharmos para o próximo e, mais, ainda, que é preciso enxergar o outro não restringindo o nosso olhar aquele que está próximo, mas o outro que se encontra em um território distante de nós em decorrência desse abismo social que vivemos.

Viver em sociedade, em busca de uma condição mais justa na medida do possível, é compreender que o outro é uma extensão de mim, que não estamos *desconectados*, que a ação de um reflete no coletivo, que não há Eu sem o Outro e isso a psicanálise já nos ensinava e a pandemia nos atualizou. O sujeito, como diz Lacan, “*ex-siste*”, eis aí o motivo pelo qual a psicanálise segue produzindo transformações, sejam elas na rua, nos hospitais, nas organizações ou no on-line. Sua forma de tratar não produz separações entre o sujeito e o mundo, e sua forma

de curar é a de promover deslocamentos deste sujeito em direção ao outro, pois como afirma Lacan, retomando a proposta lacaniana a saída não é individual e sim coletiva.

Resta dizer, que desde a sua origem, a psicanálise passou por transformações e elas seguem e seguirão insistindo em se fazer em resposta às mudanças postas pelas modalidades temporais, como também desde a sua origem vêm sendo alvo de discursos reducionistas que se apropriam de modo pervertido do seu campo teórico, metodológico e ético. Neste sentido, cabe a tarefa de seguir falando, e talvez falar mais ainda, sobre a teoria psicanalítica que sofre um desgaste por seu uso ordinário, pois, é neste lugar que se deve resgatar a palavra para seguir sustentando a ética que cabe a prática psicanalítica, a qual possui em seu arcabouço um rigor metodológico, mas que se nega em consentir pelo empobrecimento da palavra. Assim, interessa:

Que a psicanálise possa se fazer presente à população com seu rigor teórico e ético, para com isso ser uma prática de amplo acesso aqueles que assim desejam passar por uma análise ou ainda, que desejam se tornar analistas;

Que através dela, possamos criar condições de seguir ou iniciar novas práticas que contemplem a saúde mental, o social e o econômico daqueles que demandam a clínica psicanalítica;

Que possamos ter um compromisso com a transmissão da psicanálise;

Que o desejo, motor que move a prática clínica, possa nos fazer: *se conectar*, quando necessário e; *desconectar*, quando preciso for. Talvez aí esteja a grande manobra que pode conduzir a um desejo pelo saber e não a um desejo de tudo saber, pois este último não permite ao sujeito prescindir do lugar de poder para que algo do saber possa encontrar.

Que diante a linguagem permitida pela academia, esta foi a maneira possível encontrada para escrever sobre uma investigação de uma prática enlaçada à teoria, técnica e ética psicanalítica, e assim buscar tornar pública as construções sobre um dispositivo que se faz vivo exigindo uma implicação ética e técnica constante.

Sendo assim, traçar um percurso fiel a ética de uma pesquisa científica como a ética da psicanálise, é poder declinar de ofertas que a tudo respondem de forma eficaz, pois, exercer essa função é se deixar convocar a descobrir conceitos, transformar articulações hipotéticas, analisar os equívocos, ressignificar teses e repensar evidências, para que assim, sejamos tocados pelo próprio desejo de seguir transmitindo isso que recebemos como resultado de uma pesquisa ou de uma análise. Eis aí a construção e formação de uma pesquisa ou a de uma analista, que só se faz pela via da transmissão.

E assim, parafraseando Barthes (1979) é que se encerra essa escrita sobre o que aqui pode ser dito, e o que se quis dizer para que pudesse ser transmitido, não podia dizê-lo melhor do que escrevendo.

Para: “Estas pessoas que vêm me ver para tentar me dizer alguma coisa” (Jacques Lacan em A transmissão, 1978).

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. Como Marx inventou o sintoma? In: ZIZEK, Slavoj. **Um mapa da ideologia**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

ALBERTI, Sonia; ELIA, Luciano. Psicanálise e Ciência: o encontro dos discursos. **Rev. Mal-Estar Subj., Fortaleza**, v. 8, n. 3, p. 779-802, set. 2008. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482008000300010&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 2 abr. 2022.

BARBATO, Welson. **Desejo de analista: política e ética do psicanalista**. Curitiba: Calligraphie, 2020.

BARTHES, Roland. **O grão da voz**. São Paulo: Martins Fontes, 2004b.

BARTHES, Roland. **Rumor da língua**. São Paulo: Martins Fontes, 2004a.

BELO, Fábio. **Clínica psicanalítica on-line: breves apontamentos sobre atendimento virtual**. São Paulo: Zagodoni, 2020.

BORELLI, Olga. **Clarice Lispector: esboço para um possível retrato**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

BRAGANÇA, Ana Carolina Bicca; BIAZUS, Camilla Baldicera; ALBERTI, Taís Fim. Considerações sobre a experiência em uma clínica de psicanálise na rua. **Cadernos de Psicanálise | CPRJ**, v. 44, n. 47, p. 95-117, 2022. Disponível em: https://www.cprj.com.br/ojs_cprj/index.php/cprj/article/view/345. Acesso em: 2 mar. 2022.

BRAGANÇA, Ana Carolina Bricca. **Psicanálise na Rua: clínica e política**. 2021. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, RS, 2021. Disponível em: https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/23638/DIS_PPGPSICOLOGIA_2021_BRAGANCA%20ANA.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 9 jul. 2022.

CALLIGARIS, Contardo. **Cartas a um jovem terapeuta: o que é importante para ter sucesso profissional**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

CAPOULADE, Francisco.; PEREIRA, Mario Eduardo Costa. Desafios colocados para a clínica psicanalítica (e seu futuro) no contexto da pandemia de COVID-19. Reflexões a partir de uma experiência clínica. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, v. 23, n. 3, p. 534–548, jul. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlpf/a/WbtCvSVsHbMJPWxMjyPbTcG/#>. Acesso em: 22 abr. 2022.

CARVALHO, Ana Cecília Carvalho. O ofício do psicanalista (2005). In: FRANÇA, Cassandra Pereira; CARVALHO, Ana Cecília Carvalho. (orgs.). **Universidade e psicanálise: um espaço de interlocução**. São Paulo: Zagodoni, 2019.

CLINICAND – PSICANÁLISE E ESQUIZOANÁLISE. Lacan: um encontro com Susanne Hommel (1974). YouTube, 19 de julho de 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fsE8UuTnNpw>. Acesso em: 10 mai. 2022.

COELHO, Rosa de Souza. **“Raciocina...mas obedece!”: poder e desejo nas relações de trabalho**. 2011. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal, Porto Alegre. 2011.

DANTO, Elizabeth Ann. **As clínicas públicas de Freud: psicanálise e justiça social**. Trad. Margarida Goldstajn. – 1. Ed. – São Paulo: Editora Perspectiva, 2019.

DUNKER, Christian.; RAMIREZ, Heloísa, H. A.; ASSADI, Tatiana C. (orgs.). **A construção de casos clínicos em psicanálise: método clínico e formalização discursiva**. São Paulo: Annablume, 2017.

EULEUTÉRIO, Denise da Costa; MARIA, Neusa; SANTOS, Josefina Serra dos. Brasil e o sistema racista. **Correio Braziliense**. 11 de julho de 2020. p. 11. Disponível em: https://www.correiobrasiliense.com.br/app/noticia/opiniao/2020/07/11/internas_opiniao,871316/artigo-brasil-e-o-sistema-racista.shtml . Acesso em: 18 abr. 2023.

FIGUEIREDO, Luís Cláudio. **A mente do analista**. 2ª. Ed. – São Paulo: Escuta, 2021.

FIGUEIREDO, Luís Claudio; MINERBO, Marion. Pesquisa em psicanálise: algumas idéias e um exemplo. **J. psicanal.**, São Paulo, v. 39, n. 70, p. 257-278, jun. 2006. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352006000100017&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 13 abr. 2022.

FINK, Bruce. **Fundamentos da técnica psicanalítica: uma abordagem lacaniana para praticantes**. São Paulo: Blucher; Karnac, 2015.

FREUD, Sigmund. A psicologia dos processos oníricos – (A) O esquecimento dos sonhos. In: FREUD, Sigmund. **A interpretação dos sonhos (II) e Sobre os sonhos (1900-1901)**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud – Volume V. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. Caminhos da psicoterapia psicanalítica (1919[1918]). In: IANNINI, Gilson.; TAVARES, Pedro Heliodoro. (orgs.). **Fundamentos da clínica psicanalítica**. Trad. Cláudia Dornbusch. – 2. ed.; 3. Reimp – Belo Horizonte: Autêntica, 2020. - (Obras incompletas de Sigmund Freud; 6).

FREUD, Sigmund. Conferência XXIII – Os caminhos da formação dos sintomas. In: FREUD, Sigmund. **Conferências introdutórias sobre Psicanálise (Parte III) (1915-1916)**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud – Volume XVI. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. Conferência XXVII – Transferência (1917[1916-17]). In: FREUD, Sigmund. **Conferências introdutórias sobre Psicanálise (Parte III) (1915-1916)**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud – Volume XVI. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização (1930). In: FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936)**. Trad. Paulo César de Souza. Obras Completas Volume 18. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. O método psicanalítico freudiano (1904[1905]). *In*: IANNINI, Gilson.; TAVARES, Pedro Heliodoro. (orgs.). **Fundamentos da clínica psicanalítica**. Trad. Cláudia Dornbusch. – 2. ed.; 3. Reimp – Belo Horizonte: Autêntica, 2020. - (Obras incompletas de Sigmund Freud; 6).

FREUD, Sigmund. Psicologia de Grupo e Análise do Ego (1921). *In*: FREUD, Sigmund. **Além do Princípio de Prazer, Psicologia de Grupo e outros trabalhos (1920-1922)**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud – Volume XIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. Sobre o início do tratamento (Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise I) (1913). *In*: FREUD, Sigmund. **O Caso Schreber, Artigos sobre Técnica e outros trabalhos (1911-1913)**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud – Volume XII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. Totem e Tabu (1913[1912-13]). *In*: FREUD, Sigmund. **Totem e tabu e outros trabalhos (1913-1914)**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud – Volume XIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GERALDO, Raoni Pereira da Silva Ramos; DIAS, Eliane Aparecida Costa. Pode uma análise prescindir do dinheiro?: Considerações sobre o pagamento na psicanálise. **Rev. Subj., Fortaleza**, v. 21, n. 1, p. 1-13, abr. 2021. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2359-07692021000100001&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 08 abr. 2023.

IDEOLOGIA. Intérprete e composição: Cazuza. *In*: Ideologia. Intérprete: Cazuza. Rio de Janeiro, 1988.

KIND, Luciana. Notas para o trabalho com a técnica de grupos focais. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 10, n. 15, p. 124-136, jun. 2004. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/index.php/psicologiaemrevista/article/view/202/213>. Acesso em: 08 abr. 2023.

LACAN, Jacques. A direção do tratamento e os princípios de seu poder (1958). *In*: LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LACAN, Jacques. A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud (1957). *In*: LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LACAN, Jacques. **A transmissão - Encerramento do 9º Congresso da Escola Freudiana de Paris** (1978). Trad. André Oliveira Costa. **Correio APPOA**, n. 246, jul. 2015. Disponível em: https://appoa.org.br/correio/edicao/246/a_transmissao_encerramento_do_9_congresso_da_escola_freudiana_de_paris/222. Acesso em: 10 abr. 2023.

LACAN, Jacques. Do sujeito enfim em questão (1966). *In*: LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LACAN, Jacques. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise (1953). *In*: LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LACAN, Jacques. Intervenção sobre a transferência (1951). In: LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LACAN, Jacques. O aturrito (1973). In: LACAN, Jacques. **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 10: a angústia** (1962-63). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise** (1964). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 15: O ato psicanalítico** (1967-1968). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 17: O avesso da psicanálise** (1969-1970). Rio de Janeiro: Zahar, 1992.

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 18: de um discurso que não fosse o semblante** (1970-1971). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 2008.

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 7: a ética da psicanálise** (1986-1988). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 2008.

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 8: A transferência** (1960-1961). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.

LACAN, Jacques. O tempo lógico e a asserção da certeza antecipada (1945). In: LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LACAN, Jacques. Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. (1960). In: LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LACAN, Jacques. A coisa Freudiana ou Sentido do retorno a Freud em psicanálise (1955). In: LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LAURENT, Éric. O analista cidadão. **Revista Curinga – EBP – MG**. n. 13, p. 07-13, set. 1999. Disponível em: https://ebp.org.br/mg/wp-content/uploads/2020/06/Curinga-edicao_13.pdf. Acesso em: 2 mar. 2022.

LAURETTI, Patrícia. Polarização e pandemia, segundo Roberto Romano. **Matéria no site da UNICAMP**. Disponível em: <https://www.unicamp.br/unicamp/noticias/2020/04/16/polarizacao-e-pandemia-segundo-roberto-romano>. Acesso em: 2 mar. 2022.

LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1998.

LISPECTOR, Clarice. **A Paixão Segundo G.H.** Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

LISPECTOR, Clarice. **Para não esquecer**. Rio de Janeiro: Rocco, 2015.

MARTINAKIS, Adam. **Higher Impetus**. Edição única. 2023. il. Disponível em: <https://www.martinakis.com/2021-2022/image/8>. Acesso em: 10 mai. 2022.

MARX, Karl. **O Capital**: crítica da Economia Política (1867). Livro 1. Tradução de Reginaldo Sant'Anna. – 38ª ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.

MAURANO, Denise. **A transferência**: uma viagem rumo ao continente negro. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

MEZAN, Renato. **Interfaces da psicanálise**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

MILLER, Jacques-Alain. Elementos de Biologia Lacaniana. Belo Horizonte: EBP-MG, 2001.

MINERBO, Marion. **Estratégias de investigação em psicanálise**: desconstrução e reconstrução do conhecimento. São Paulo, SP: Casa do Psicólogo, 2000.

MOREIRA, Luiz Eduardo de Vasconcelos. **Lugares do dinheiro e do pagamento na Psicanálise**. Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2019.

MORETTO, Maria Livia Tourinho; PRISZKULNIK, Léia. Sobre a inserção e o lugar do psicanalista na equipe de saúde. **Tempo psicanal.**, Rio de Janeiro, v. 46, n. 2, p. 287-298, dez. 2014. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382014000200007&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 13 abr. 2022.

O QUE SERÁ (A FLOR DA PELE). Intérprete: Ce composição: Chico Buarque. *In*: Meus caros amigos. Intérprete: Chico Buarque e Milton Nascimento. Rio de Janeiro, 1976.

OMS – ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. OMS destaca necessidade urgente de transformar saúde mental e atenção. **Site da OPAS – Organização Pan-Americana de Saúde**. 17 de junho de 2022. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/noticias/17-6-2022-oms-destaca-necessidade-urgente-transformar-saude-mental-e-atencao>. Acesso em: 9 jul. 2022.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Análise de Discurso**: Princípios e procedimentos. Campinas: Editora Pontes, 2005.

PAULINO, Rosana. A geometria à brasileira chega ao paraíso tropical. Impressão Digital. São Paulo, Brasil. 201/2018. Disponível em: <https://artsandculture.google.com/asset/a-geometria-%C3%A0-brasileira-chega-ao-para%C3%ADso-tropical/QwFm5xLH5YrQIg?hl=pt-PT>. Acesso em: 10 mai. 2022.

PIRES, Breiller. Foco em idosos dilui papel dos mais jovens, que em São Paulo já somaram metade dos infectados. **El País – Brasil**. 29 de março de 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-03-29/foco-em-idosos-dilui-papel-dos-mais-jovens-que-em-sao-paulo-ja-somaram-metade-dos-infectados.html>. Acesso em: 2 mai. 2022.

PORGE, Érick. **Transmitir a clínica psicanalítica**: Freud, Lacan, hoje. Campinas: editora Unicamp, 2009.

PRIMEIRA morte por Covid-19 no país ocorreu em 12 de março em SP, diz ministério. **CNN Brasil**. 27 de junho de 2020. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/primeira->

morte-por-covid-19-no-pais-ocorreu-em-12-de-marco-em-sp-diz-ministerio/. Acesso em: 2 mai. 2022.

QUINET, Antônio. **As 4+1 condições da análise**. 9. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

ROSA, João Guimarães. **Grande sertão: veredas**. São Paulo: Companhia das letras, 2019.

ROSA, Miriam Debieux. **A clínica psicanalítica em face da dimensão sociopolítica do sofrimento**. São Paulo: Escuta/Fapesp, 2018.

ROUDINESCO, Elisabeth. Psicanálise em tempos de pandemia. **Fronteiras do pensamento**. São Paulo. 2020. Disponível em: <https://www.frenteiras.com/entrevistas/elisabeth-roudinesco-psicanalise-em-tempos-de-pandemia>. Acesso em: 2 nov 2021.

SAFLATE, Vladimir. **A paixão do negativo**: Lacan e a dialética. São Paulo: Ed. Unesp, 2006.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. 28.ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

SILVA, Clarice Moreira da; MACEDO, Mônica Medeiros Kother. O método psicanalítico de pesquisa e a potencialidade dos fatos clínicos. **Psicologia: Ciência e Profissão**. v. 36, n. 3, p. 520-533, jul. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/FvV7ZY3SzJRf7rgLzVGjPpm/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 10 mai. 2022.

SOLER, Colette. **O em-corpo do sujeito**: seminário 2001-2002. Salvador: Álgama, 2019.

TOKARNIA, Mariana. Um em cada 4 brasileiros não tem acesso à internet, mostra pesquisa. **Agência Brasil**. 29 de abril de 2020. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2020-04/um-em-cada-quatro-brasileiros-nao-tem-acesso-internet>. Acesso em: 29 mar. 2023.

ZAMORA, Martha. **Frida**: The brush of anguish. San Francisco: Chronicle Books, 1990.

ZYGOURIS, Radmila. **Psicanálise e psicoterapia**. São Paulo: Via Lettera, 2011.

ANEXOS

Anexo 1 – Termo de Consentimento Livre Esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Este Projeto de pesquisa, em acordo com as novas previstas nas resoluções 466/12 e 510/16 do Conselho Nacional de Saúde/CNS, vem por meio deste termo de consentimento esclarecer as normativas para participação da pesquisa aqui referida: A pesquisa tem por objetivo a investigação acerca da eficácia e dos limites do atendimento psicanalítico on-line à população de baixa renda. A pesquisa será desenvolvida por Keli Virginia Ebert, estudante do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), sob orientação do professor Doutor Henrique de Oliveira Lee. NÚMERO DO CERTIFICADO DE APRESENTAÇÃO DE APRECIÇÃO ÉTICA – CAAE: 55191721.3.0000.5690.

NO QUE SE REFERE A SUA PARTICIPAÇÃO, FICA CONCENTRADA EM AUTORIZAR O USO DOS REGISTROS CONSTRUÍDOS DURANTE AS ENTREVISTAS QUE SE DARÃO NO FORMATO ON-LINE PARA A COLETA DE DADOS ACERCA DA EXPERIÊNCIA DOS PROFISSIONAIS ATUANTES DO PROJETO DE INTERVENÇÃO PSICANALÍTICO ON-LINE VOLTADO À POPULAÇÃO DE BAIXA RENDA, VISANDO COLHER OS DADOS SOBRE AS SUAS PERCEPÇÕES ACERCA DOS ATENDIMENTOS DESENVOLVIDOS NA MODALIDADE ON-LINE VOLTADO À POPULAÇÃO DE BAIXA RENDA.

QUANTO AOS BENEFÍCIOS, SE TRATA DE BENEFÍCIOS INDIRETOS, VISTO QUE NESTE PROJETO OS PARTICIPANTES DA PESQUISA TERÃO A POSSIBILIDADE DE ELUCIDAR OS PROCESSOS CLÍNICOS REALIZADOS E PENSADOS NO A POSTERIORE, CONTRIBUINDO DESTA FEITA NA CONSTRUÇÃO DE UM DISPOSITIVO CLÍNICO PARA ATENDIMENTO ON-LINE À POPULAÇÃO DE BAIXA RENDA.

A pesquisa fará uso do grupo focal como ferramenta, onde serão realizados 10 encontros com o grupo de psicólogos/psicanalistas atuantes no projeto de intervenção de atendimento on-line voltado à população de baixa renda, tendo cada encontro a duração de três horas. Os encontros serão realizados de modo remoto através da plataforma Google Meet. Durante as reuniões será utilizado um roteiro de perguntas, a serem desenvolvidas pelo moderador do grupo focal (pesquisador), que servirá para nortear o diálogo com o grupo e assim, alcançar o objetivo deste estudo. O moderador terá ainda a função de acolher os participantes, tornando o ambiente propício a discussão, disparar questões que proporcionem o levantamento de dados que nos interessam, manejar o grupo para o aprofundamento de ideias que necessitam de maior discussão e encerrar a reunião, retomando, de modo resumido, as ideias discutidas. O grupo focal, conta ainda, com um observador, necessário ao processo, ainda que sua atuação seja mais imparcial, sendo sua ação mais evidente no momento da discussão.

Outro instrumento utilizado durante a pesquisa para a coleta de dados é a construção de caso clínico, a qual nos possibilitará avaliar a prática conciliada a teoria clínica. Será, portanto, através da prática clínica, da escuta atenta dos casos atendidos, que poderemos construir essa experiência que nos trará resultados acerca dos efeitos do atendimento mediado com por cento por dispositivos tecnológicos.

O grupo de psicólogos(as)/psicanalistas, que compõe essa pesquisa, se reunirá duas vezes ao mês para as conversações/supervisões clínicas e estudo dos casos atendidos, onde, através do grupo focal, serão colhidos e reunidos dados importantes para condução da pesquisa desenvolvida, para posterior análise de dados que será efetuada pelo método da análise do discurso psicanalítica, método escolhido por nos oferecer as condições de elaborarmos o que pretendemos estudar e assim abrir a possibilidade de novas



constituições. Entendemos que a escolha desses métodos/instrumentos nos torna mais aptos a compreender os diferentes objetos de conhecimento, e, através disso, nos auxilia a inovar na área da ciência.

Não haverá formas de compensação financeira, ou outras, para sua participação nesse estudo COMO PRECONIZA A RESOLUÇÃO 510/2016, do CNS, ou seja, sua participação é voluntária, COMO TAMBÉM NÃO HAVER NENHUM GASTO FINANCEIRO PARA O PARTICIPANTE. Você poderá solicitar qualquer esclarecimento quando sentir necessidade e pedir para interromper sua participação a qualquer momento, sem ônus, de qualquer natureza. Existem riscos mínimos de desconforto, onde na possibilidade de qualquer sensibilização que traga incômodos ou mal-estar, você poderá interromper a participação na pesquisa. INFORMAMOS QUE EM QUALQUER PROCESSO DE PESQUISA CIENTÍFICA COM HUMANOS, EXISTE A PRESENÇA DE RISCOS À POPULAÇÃO DOS PARTICIPANTES, COMO POSSIBILIDADE DE CONSTRANGIMENTO, DESCONFORTO, VERGONHA, ESTRESSE. ENTRETANTO, ESTES RISCOS SÃO MÍNIMOS E TODAS AS MEDIDAS E CAUTELAS SERÃO ADOTADAS DE FORMA A REDUZÍ-LOS. A CONFIDENCIALIDADE E PRIVACIDADE DAS INFORMAÇÕES SERÁ PRESERVADA GARANTINDO A SUA NÃO UTILIZAÇÃO EM PREJUÍZO DAS PESSOAS, INCLUSIVE EM TERMOS DE AUTOESTIMA, DE PRESTÍGIO ECONÔMICO OU FINANCEIRO. CASO A SITUAÇÃO TORNE-SE MUITO ANSIOGÊNICA PARA ALGUM DESSES SUJEITOS E ELE MANIFESTE DESCONFORTO OU DEMONSTRE SOFRIMENTO A PESSOA RECEBERÁ ATENDIMENTO IMEDIATO POR PARTE DA PESQUISADORA, SOLICITANDO OS ENCAMINHAMENTOS SE NECESSÁRIO.

POR SE TRATAR DE UMA PESQUISA DESENVOLVIDA NO AMBIENTE VIRTUAL, HÁ RISCOS CARACTERÍSTICOS DO AMBIENTE REMOTO, EM DECORRÊNCIA DAS LIMITAÇÕES DAS TECNOLOGIAS UTILIZADAS. A TECNOLOGIA DEIXA MAIS VULNERÁVEL A QUEBRA DE SIGILO DAS ENTREVISTAS POR CONTA DE HACKEAMENTO DE CHAMADAS ON-LINE. MESMO FAZENDO USO DE ALTERNATIVAS QUE PROMETEM MAIS SEGURANÇA E CONFIABILIDADE, AS REUNIÕES ON-LINE NÃO ESTÃO ISENTAS DE POSSÍVEIS INVASÕES E/OU SEQUESTRO DE DADOS PARA USOS NÃO AUTORIZADOS.

A PESQUISADORA SE COMPROMETE ESTAR EM CONFORMIDADE COM AS RESOLUÇÕES DO CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE – CNS – Nº 466 DE 2012 E A DE Nº 510 DE 2016, PROMOVENDO O ARMAZENAMENTO ADEQUADO DOS DADOS COLETADOS, BEM COMO OS PROCEDIMENTOS PARA ASSEGURAR O SIGILO E A CONFIDENCIALIDADE DAS INFORMAÇÕES DO PARTICIPANTE DA PESQUISA. COM ISSO, UMA VEZ CONCLUÍDA A COLETA DE DADOS, SERÁ EFETUADO O DOWNLOAD DOS DADOS COLETADOS PARA UM DISPOSITIVO ELETRÔNICO LOCAL, APAGANDO TODO E QUALQUER REGISTRO DE QUALQUER PLATAFORMA VIRTUAL, AMBIENTE COMPARTILHADO OU "NUVEM". O MESMO CUIDADO SERÁ SEGUIDO PARA OS REGISTROS DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO QUE SEJAM GRAVAÇÕES DE VÍDEO OU ÁUDIO. A PESQUISADORA ASSUME ASSIM O COMPROMISSO DE NÃO MANTER O CONTEÚDO DAS ENTREVISTAS ON-LINE EM NENHUMA PLATAFORMA VIRTUAL, AMBIENTE COMPARTILHADO OU "NUVEM", MITIGANDO DESTA FORMA OS RISCOS PROVENIENTES DE UM AMBIENTE VIRTUAL.

Destacamos ainda que: é seu direito buscar indenização NOS TERMOS DA LEI CONFORME RESOLUÇÃO 510/16 do CNS. RECEBER ACOMPANHAMENTO E ASSISTÊNCIA, INTEGRAL E GRATUITA DURANTE, APÓS E/OU EM CASO DE INTERRUPÇÃO DA PESQUISA. É garantido a você se recusar e se retirar a qualquer tempo em participar desta pesquisa sem penalização. É garantido também seu sigilo e privacidade ao participar desta pesquisa. É garantido a você o acesso aos resultados dessa pesquisa QUE SERÁ ENVIADO PARA O E-MAIL QUE VOCÊ DISPONIBILIZARÁ A PESQUISADORA NESTE TERMO DE CONSENTIMENTO. A PESQUISADORA ENCAMINHARÁ ASSIM UMA CÓPIA DA PESQUISA FINALIZADA CONTENDO OS RESULTADOS REFERENTES A INVESTIGAÇÃO. QUANTO A PREVISÃO DA DEVOLUTIVA AOS PARTICIPANTES, SEGUIRÁ CONFORME CONSTA O CRONOGRAMA DA DATA DE 10 DE ABRIL DE 2023 À 29 DE ABRIL DE 2023,



ONDE ACONTECERÁ A SUBMISSÃO DESSES "E-MAILS RESPOSTA" DE FORMA INDIVIDUAL.

Desde já agradecemos a sua colaboração. No caso de aceitar fazer parte do estudo, todas os itens desse termo deverão ser assinalados. Você receberá uma via deste termo assinada onde CONSTA o nome, telefone e endereço de e-mail da pesquisadora responsável, para que você possa localizá-la a qualquer tempo. Seu nome é Keli Virginia Ebert, mestrande Pós-Graduação de Psicologia-UFMT, telefone:(65) 99968-9652 e-mail: keliEBERT@gmail.com. Orientada pelo Prof. Dr. Henrique de Oliveira Lee, telefone: (65) 3615 8439. Recebendo chamadas a cobrar. PARA QUE SUA VIA SEJA DISPONIBILIZADA, SOLICITAMOS QUE AO PREENCHER ESTE TERMO SE ATENTE AO CAMPO QUE SOLICITA UM E-MAIL ATIVO POR ONDE RECEBERÁ SUA VIA. SENDO ASSIM, UMA VIA, APÓS O ACEITE DO PARTICIPANTE, SERÁ ENVIADA PARA OS E-MAILS DO PARTICIPANTE E DA PESQUISADORA.

O PARTICIPANTE TERÁ ACESSO AO REGISTRO DO CONSENTIMENTO SEMPRE QUE SOLICITADO.

OS DADOS E INSTRUMENTOS UTILIZADOS NA PESQUISA FICARÃO ARQUIVADOS COM O PESQUISADOR RESPONSÁVEL POR UM PERÍODO DE CINCO (5) ANOS, E APÓS ESSE TEMPO SERÃO DESTRUÍDOS. OS PESQUISADORES TRATARÃO A SUA IDENTIDADE COM PADRÕES PROFISSIONAIS DE SIGILO, ATENDENDO A LEGISLAÇÃO BRASILEIRA (RESOLUÇÃO Nº 466/12 DO CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE), UTILIZANDO AS INFORMAÇÕES SOMENTE PARA OS FINS ACADÊMICOS E CIENTÍFICOS.

CASO O PARTICIPANTE SOLICITE O DESLIGAMENTO DE SUA PARTICIPAÇÃO DURANTE A PESQUISA, NÃO HAVERÁ A POSSIBILIDADE DE EXCLUSÃO DOS DADOS JÁ COLETADOS DURANTE AS ENTREVISTAS, VISTO QUE OS DADOS JÁ REGISTRADOS NÃO POSSUEM IDENTIFICAÇÃO QUE POSSIBILITE A PESQUISADORA RECONHECER O QUESTIONÁRIO E OS DADOS FORNECIDOS PELO PARTICIPANTE PARA SUA EXCLUSÃO.

CASO TENHA DÚVIDAS COM RELAÇÃO AOS PROCEDIMENTOS ÉTICOS OU CASO QUEIRA FAZER RECLAMAÇÕES SOBRE A CONDUTA ÉTICA DA PESQUISA O Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEP) Universidade Federal de Mato Grosso DEVERÁ SER PROCURADO, localizado na Rua Fernando Corrêa da Costa, 2367, Bairro: Boa Esperança, CEP: 78.060-9000 pelo telefone (65)3615-8935 e/ou a Coordenadora Profa. Dra.

Rosângela Kátia Sanches Mazzorana Ribeiro, telefone: (65) 3615-8935, e-mail: cephumanidades.propeg@ufmt.br. Horário de funcionamento das 08:00h às 12:00h e das 14:00h às 18:00h. O Comitê de Ética faz-se presente para garantir as condições éticas da pesquisa aos seus participantes.

vanessajp14@gmail.com [Mudar de conta](#)



Não compartilhado

* Indica uma pergunta obrigatória

Assinatura do(a) pesquisador(a) responsável:

Keli Ebert



Considerando, que fui informado(a) dos objetivos e da relevância do estudo proposto, de como será a participação, os procedimentos e riscos decorrentes deste estudo, como também concordo que os dados obtidos na investigação sejam utilizados para fins científicos (divulgação em eventos e publicações). Estou ciente que receberei uma via desse documento. Eu, (inserir nome completo abaixo): *

Sua resposta

nascido(a) em (inserir data de nascimento abaixo): *

Data

dd/mm/aaaa 

Declaro ter sido informado(a) e aceito a participação como participante, no Projeto de pesquisa "PSICANÁLISE ONLINE: De que "conexão" se faz necessária para alcançar a subjetividade de nossa época?" *

- ☐ Aceito participar da pesquisa
- ☐ Não aceito participar da pesquisa

INFORME UM E-MAIL PESSOAL PARA ENVIO DA VIA DO TERMO DE CONSENTIMENTO E DA COPIA DOS RESULTADOS DESTA PESQUISA QUANDO FINALIZADA. E-MAIL: *

Sua resposta

Informe, por favor, a data que este formulário foi preenchido *

Data

dd/mm/aaaa 



[Enviar](#)[Limpar formulário](#)

Nunca envie senhas pelo Formulários Google.

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google. [Denunciar abuso](#) - [Termos de Serviço](#) - [Política de Privacidade](#)

Google Formulários



Anexo 2 – Formulário de Inscrição dos Pacientes

Formulário de inscrição

Olá,

Se você chegou até aqui é por ter interesse em ser atendida(o) pelo nosso Projeto de Extensão Escuta por um fio, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Mato Grosso que é coordenado pelo Prof. Dr. Henrique de Oliveira Lee.

Antes de dar início ao tratamento você precisará preencher esse formulário de triagem, para que possamos te conhecer e ver as possibilidades de efetivação do seu atendimento. Ele é um pouco extenso, mas de suma importância nesse momento inicial.

Você deverá preencher esse formulário se:

- Você é uma pessoa com 18 anos ou mais;
- Você reside em Cuiabá ou Várzea Grande, Mato Grosso;
- Você é a pessoa que irá ser atendida. Terceiros não podem realizar a inscrição. Caso isso ocorra, será desconsiderada a participação.

O formulário é composto pelas seguintes seções:

- Informações quanto a dados pessoais;
- Informações de escolaridade, emprego e renda;
- Informações sobre moradia e acesso e conexão com a internet;
- Descrição sobre o projeto e informações sobre o seu interesse e conhecimento para o tratamento;
- Termo de consentimento livre e esclarecido.

Sobre o número de vagas

Disponibilizaremos um total de 24 vagas, sendo que uma parte será para atendimento imediato enquanto a outra parte ficará em uma lista de espera.

Qualquer dúvida quanto ao preenchimento do formulário de triagem entre em contato pelo e-mail escutaporumfio@gmail.com.

Deseja prosseguir?

* Indica uma pergunta obrigatória

1. *Marcar apenas uma oval.*

☐ Opção 1

Dados pessoais

Anexo 3 – Estatuto do Projeto Escuta por um fio

PROJETO ESCUTA POR UM FIO: REDE DE ATENDIMENTO E ESTUDO PSICANALÍTICO ESTATUTO DE FUNCIONAMENTO DO PROJETO

Este documento visa esclarecer e regulamentar algumas diretrizes que consideramos de extrema importância para o manejo e segmento do projeto. Não se trata de um documento que possui rigidez, pois consideramos que nossa prática vai se produzindo conforme vivenciamos cada experiência, porém, entendemos que é preciso considerar alguns pontos como fundantes e fundamentais do exercício de nossa função, que vão desde nossa organização interna, enquanto grupo de profissionais que se disponibilizaram para o trabalho social, até o manejo dos atendimentos que considera cada caso como único e não replicável.

O INÍCIO

Nosso projeto surgiu em março de 2020, quando tivemos os primeiros casos de Covid-19 diagnosticados no Brasil. Compreendendo a importância de repensar os modelos de atendimentos, já que seria necessário o isolamento social afim de evitar a disseminação do vírus, e pensando na questão da psicanálise diante o social que já tocava a muitos psicanalistas, se originou o Projeto de Atendimento On-Line - Psicanálise e Saúde Mental em Tempo de Crise – Covid-19.

Um projeto voltado àqueles que, diante o período de isolamento, apresentaram dificuldades em sua capacidade de adaptação à nova realidade, provocando impactos negativos de difícil assimilação.

Foi nesse momento de incertezas dolorosas, que um grupo de psicanalistas se conectou para ofertar atendimento on-line e sem investimento financeiro diante a crise enfrentada. Grupo este de psicanalistas em formação, interessados em uma psicanálise diante as questões sociais que tendem a destituir sujeitos que não possuem a oportunidade de se enquadrar nos espaços sociais criados para determinados grupos, excluindo aqueles que não se adequam a esses esquemas oferecidos.

Em 2021 o projeto se reestrutura e passa a se chamar “Escuta por um fio: Rede de Atendimento e Estudo Psicanalítico”, mantendo aceso o desejo de psicanalistas que acreditam na importância de espaços de trabalho que promova a elaboração e responsabilização de si mesmo diante das mazelas do mundo compartilhado e psíquico, sem isentar o Estado de suas responsabilidades, mas buscando, dentro do possível, tecer rede e fazer laço com ele.

Conforme nossa experiência foi ganhando forma em nossos diálogos, estudos e trocas fomos observando a necessidade de constituir algumas diretrizes que nos permitiriam falar a mesma língua. A partir disso propomos as seguintes questões:

QUEM SÃO OS PROFISSIONAIS:

Somos psicólogos e psicanalistas que possuem um percurso determinado em sua formação.

Somos psicanalistas comprometidos com sua formação, independente se já possui um longo ou começo de percurso, o que nos possibilita uma troca importante nas discussões de casos e formalização de diretrizes.

Nosso corpo clínico se compõe por psicanalistas que se interessam pelo campo social e desejam seguir uma clínica comprometida eticamente e com rigor teórico.

COMO OCORREM OS ATENDIMENTOS:

Possuímos uma rede de relacionamento virtual (Instagram), onde divulgamos formulários quando possuímos disponibilidade de horário. O pretendente a análise preenche o formulário e o profissional entra em contato agendando o primeiro atendimento de modo online. A escolha da plataforma pela qual ocorrerá os atendimentos fica a critério do profissional.

Nessa rede virtual, também divulgamos nossas produções teóricas, a fim de utilizar esse espaço como um local de transmissão da psicanálise e nos provocar a escrever para alguém.

Após o agendamento da primeira consulta, se utilizará da escuta atenta e ética para que no decorrer das entrevistas preliminares o psicólogo estabeleça o contrato com o seu paciente.

SOBRE O CONTRATO COM O PACIENTE:

No decorrer das primeiras entrevistas com o paciente será estabelecido;

- O dia e o horário das sessões, onde deverão ser cumpridos por ambas as partes, sendo que, havendo a necessidade por parte do paciente de desmarcar sua sessão é preciso comunicar o(a) psicólogo(a) com antecedência.
- Os agendamentos para primeira entrevista, feitos via mensagem, deverão ser respondidos em até três dias, caso não haja resposta haverá o desligamento do paciente.
- A princípio os atendimentos serão sem investimento financeiro, porém a partir da ética do tratamento psicanalítico, o profissional e a pessoa que será atendida poderão acordar um valor possível para cada sessão, aproximando-se do que é conhecido popularmente como “valor social”.
- Três faltas consecutivas, sem justificativa plausível, ocorrerá o desligamento desse paciente do projeto.
- Para que o acompanhamento psicológico aconteça é necessário a disponibilidade do interessado em análise e um aparelho e uma rede de dados que possibilitem os atendimentos online.
- Os atendimentos que se interrompem em decorrência da falta de recursos tecnológicos por parte do paciente, caberá a cada profissional decidir pelo desligamento do(a) paciente ou o segmento através de ligações telefônicas que oneram o próprio psicólogo(a), se assim for possível ao profissional.
- Cabe ainda, elucidar sobre o sigilo profissional e princípios éticos, técnicos e teóricos do atendimento psicanalítico.
- A duração dos atendimentos e o modo de funcionamento é decidido entre o psicanalista e a pessoa que será atendida.

O contrato com o paciente tem como objetivo estabelecer o compromisso ético do paciente e do profissional diante seu desejo, condições essas necessárias para decisão e sustentação de um processo analítico.

Ainda que não haja investimento financeiro por parte do(a) paciente, nos deparamos com a importância de convocar no um a um para esse investimento de outra ordem, que se trata de se haver com o próprio desejo no processo de análise.

Elencamos esses itens no intuito de os utilizarmos como placas orientativas de nosso trabalho e não de modo fixo e rígido, pois sabemos da importância de uma prática que não prescinde da escuta atenta no um a um para definições de cada caso.

REDE DE ATENDIMENTO DE VALOR SOCIAL:

Levando em consideração o alto número de procura por atendimento psicológico social e sabendo que não há possibilidade de incluirmos a todos(as) que nos procuram, criamos as **redes de atendimento de valor social**, onde disponibilizaremos, quando não houver mais vagas disponíveis em nosso projeto, uma lista que compreenda um fluxograma de encaminhamentos de profissionais e serviços que disponibilizam atendimentos psicológico por um valor social àqueles que buscam por atendimento.

Nesta rede daremos prioridade aos profissionais que já prestam o atendimento no projeto Escuta por um Fio.

Este foi o meio que encontramos para ampliar o número de atendimentos na chamada psicanálise ampliada, onde entendemos que a psicanálise é uma experiência que precisa circular em outros territórios que não só a clínica privada e de valor monetário inacessível a grande parte da população.

Não há obrigatoriedade de os profissionais atuantes do projeto ofertarem vagas a rede de atendimento de valor social, visto que essa oferta a mais é uma proposta a parte do projeto.

Enfatizamos o compromisso ético de nossa prática, elaborando modos para que o trabalho não se desvirtue do rigor teórico da psicanálise, mas sim contemple de modo ampliado as classes marginalizadas do contexto social.

O ESTUDO:

Na reestruturação do projeto do ano de 2020 para o ano de 2021, incluímos em seu nome rede de atendimento **e estudo** psicanalítico. Incluímos o estudo, pois entendemos que para mantermos o rigor teórico e ético de nossa prática, não devemos prescindir dele enquanto um grupo que se organiza e compreende a clínica e a teoria entrelaçadas.

Para isso, nos reunimos uma vez ao mês (primeiro sábado de cada mês), pela manhã, para discussão, organização e estudo de textos propostos em última reunião.

A rede enquanto estudo tem ainda a intenção de criar e divulgar cursos de formação na área psicanalítica, onde pensamos ser essa uma via possível que garanta alguma rentabilidade aos profissionais atuantes para a sustentação de sua atuação no projeto e possa contribuir através daquilo que chamamos de vagas especiais que visam contemplar alunos que possuem interesse na formação psicanalítica, porém, encontram dificuldades financeiras.

Levando em consideração que chamamos nosso projeto de **Psicanálise Ampliada**, não poderíamos nos isentar de pensar nos que desejam uma formação na psicanálise, porém acabam por desistir por não possuir renda que contemple arcar com cursos, análise pessoal, supervisão clínica, livros e demais ofertas que possuem um valor considerável de investimento financeiro.

Temos também esse compromisso com a formação de psicanalistas, que acabam sendo excluídos da oportunidade de uma formação e que nos interessa acolher. Somos provocados pela conjuntura político-social que nos move ao compromisso de tornar possível uma psicanálise descentralizada, democrática e condizente com a realidade de mais diversos grupos sociais. Nesse sentido, nos aprofundamos a estudar e atuar sobre *O Mal-estar na Civilização*, buscando alternativas que não visam acabar com esse mal, mas sim reduzir o mal que destitui e desqualifica o outro através da exclusão originada por preconceitos, violência que paralisa o outro

Atuar sobre um sofrimento que não se trata de algo que possui suas origens nos impactos comuns da vida, mas onde o sujeito é retirado do estudo e trabalho pelas violências que lhe são impostas, por um discurso que agride, naturaliza e culpabiliza o outro pelas condições precárias que vive.

Nosso projeto engloba, portanto, uma clínica e um estudo que oferece um lugar àquele que muitas vezes foi dominado por um discurso que lhe cerceia de um lugar que deveria se não estar ao alcance de todos, ao menos da grande maioria.



Coordenadora do Projeto Escuta por um Fio.
Crp: 18/01100.

Anexo 4 – Projeto de Extensão – SIEX

22/03/2022 10:23

UFMT SIEx - Escuta por um fio



Universidade Federal de Mato Grosso

SIEx - Sistema de Extensão

Detalhes do Projeto Escuta por um fio

Situação: Homologado

Protocolo: 170820211637591617

Data da Última Ação: 03/09/2021

Última Ação: Homologado pela Câmara de Extensão do Campus CUIABÁ

Informações do Coordenador



Nome: HENRIQUE DE OLIVEIRA LEE

Unidade Lotacional: Departamento de Psicologia

Campus: CUIABÁ

Carga Horária do Coordenador: 30 horas

Detalhes do Projeto Escuta por um fio

Nome do Edital: EDITAL N. 01/EXT/2021 FLUXO CONTÍNUO DE AÇÕES DE EXTENSÃO - CUIABÁ

Tipo do Edital: Extensão Fluxo Contínuo

Público Total: 20

Carga Horária Total do Projeto: 240 horas

Data de Início: 08/08/2021

Data de Término: 08/08/2022

Área do Conhecimento: Ciências Humanas

Área Temática: Saúde

Unidade Proponente:
Departamento de Psicologia (Campus CUIABÁ)

Unidade Avaliadora:
Departamento de Psicologia (Campus CUIABÁ)

Quantidade de bolsa: 0

Resumo: O projeto se destina a oferta do atendimento psicológico online à população de baixa renda e ao estudo, supervisões e pesquisas dos profissionais atuantes do projeto que se volta para a importância de espaços de trabalho que promovam a elaboração e responsabilização do sujeito diante o sofrimento psíquico.

Justificativa: Considerando atual contexto pandêmico que vivemos e as questões referentes a saúde mental, o projeto visa ofertar atendimento psicológico à população de baixa renda na modalidade on-line. A proposta aspira os movimentos de ampliação de atendimentos diante das urgências subjetivas provocadas em parte, mas não apenas, pela crise sanitária atual.

Objetivos: Objetivo geral: oferecer atendimento psicológico online à população de baixa renda para comunidade externa e interna à UFMT. Objetivos específicos: 1) oferta clínica aos participantes 2) Atuar na formação clínica de Psicólogos psicanalistas.

Metodologia: Serão efetuados os atendimentos psicológicos online à população a qual se destina, e através de reuniões periódicas com o grupo dos profissionais atuante trabalhados os aspectos da formação, supervisão e pesquisa.

Avaliação: Os pacientes atendidos pelo projeto responderão a um questionário ao final do tratamento sobre satisfação com o atendimento recebido.

AEC- Ações de Extensão para fins de Creditação

Anexo 5 – Parecer consubstanciado do CEP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: PSICANÁLISE ONLINE: DE QUE CONEXÃO SE FAZ NECESSÁRIA PARA ALCANÇAR A SUBJETIVIDADE DE NOSSA ÉPOCA?

Pesquisador: KELI VIRGINIA EBERT

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 55191721.3.0000.5690

Instituição Proponente: Universidade Federal de Mato Grosso

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.303.458

Apresentação do Projeto:

Segundo a pesquisadora,

Resumo:

"O presente projeto de pesquisa busca investigar a prática psicanalítica no contexto on-line voltada à população de baixa renda, tendo como eixo condutor um projeto de intervenção que funciona neste formato em articulação com seu campo epistemológico teórico-clínico, onde a partir dessa articulação se busca construir um dispositivo clínico que dê conta de atender uma urgência mundial, visto que o projeto de intervenção no qual esse estudo se apoia, surge diante uma experiência de trabalho que se deu no início da pandemia do novo coronavírus Covid 19, como para ampliar a clínica psicanalítica para além do setting terapêutico tradicional. Ainda que este estudo se faça em meio a uma urgência, dada por uma crise sanitária, da qual entendemos que se fez necessário a criação de um dispositivo clínico psicanalítico que pudesse atender a situação emergencial vivida, nos interessa saber os efeitos disso para o futuro da prática psicanalítica, buscando assim, construir saberes que viabilizem os atendimentos on-line, como também expandir o atendimento às classes sociais mais vulneráveis. Esse trabalho se faz e busca se sustentar como uma estratégia que abrange não só a reflexão e produção de conhecimento, mas também como uma proposta de intervenção na esfera pública, de poder seguir sustentando um serviço voltado à população vulnerável socioeconomicamente mesmo após a conclusão desta pesquisa."

Endereço: Rua Fernando Correa da Costa, 2367

Bairro: BOA ESPERANÇA

UF: MT

Município: CUIABA

CEP: 78.060-900

Telefone: (65)3615-8935

E-mail: cephumanas@ufmt.br



Continuação do Parecer: 5.303.458

Metodologia Proposta:

"A metodologia para a realização da pesquisa será a qualitativa, utilizando de ferramentas como grupo focal e a construção de casos clínicos para a coleta de dados. Para a análise de dados será utilizado a análise psicanalítica de discurso. Neste sentido serão realizados 10 encontros com o grupo de psicólogos/psicanalistas atuantes no projeto de intervenção de atendimento on-line voltado à população de baixa renda. O grupo conta com o total de cinco participantes. Cada encontro terá a duração de três horas e serão realizados de modo remoto através da plataforma Google Meet. Durante as reuniões será utilizado um roteiro de perguntas, a serem desenvolvidas pelo moderador do grupo focal, que nos servirá para nortear o diálogo com o grupo e assim alcançar o objetivo deste estudo, a técnica utilizada para formulação do roteiro de perguntas será a entrevista discursiva, a entrevista discursiva é um instrumento em forma de conversação, que tem como base o fato de que os conteúdos, as questões e o modo como são articuladas as respostas no diálogo não são predeterminadas, sendo assim as questões se definem a cada momento ao longo da interação entre entrevistado e entrevistador. Será através de perguntas consideradas adequadas, onde se leva em consideração a desenvolvimento da conversa, que a entrevistadora solicitará a produção de respostas que interessa a pesquisa, que visam atender os objetivos da pesquisa. Esta ferramenta nos possibilita examinar importantes questões metodológicas e epistemológicas que deverão ser confrontadas pela pesquisadora durante o estudo. O moderador terá ainda a função de acolher os participantes tornando o ambiente propício a discussão, disparar questões que proporcionem o levantamento de dados que nos interessam, manejar o grupo para o aprofundamento de ideias que necessitam de maior discussão, encerrar a reunião, retomando, de modo resumido, as ideias discutidas. O grupo focal, conta ainda, com um observador, necessário ao processo, ainda que sua atuação seja mais imparcial, sendo sua ação mais evidente no momento da discussão."

Metodologia de Análise de Dados:

"A análise será feita através dos registros obtidos durante as reuniões com os profissionais atuantes do projeto de atendimento psicanalítico on-line à população socioeconomicamente vulnerável, através do método da análise psicanalítica de discurso. A análise psicanalítica de discurso nos interessa por trabalhar a linguagem em sua relação de sujeitos produtores de sentidos no mundo, produzindo uma escuta menos automatizada, observando como estamos determinados pelas diferentes formações discursivas. Todo objeto de ciência é constituído pela linguagem precisando assim saber como esse objeto é constituído pela linguagem na ciência e

Endereço: Rua Fernando Correa da Costa, 2367
Bairro: BOA ESPERANCA **CEP:** 78.060-900
UF: MT **Município:** CUIABA
Telefone: (65)3615-8935 **E-mail:** cephumanas@ufmt.br



Continuação do Parecer: 5.303.458

como ele é significado dentro de suas teorias. A nossa análise visa perceber a discursividade, a maneira como se significa a teoria em sua relação com a prática clínica e com o social, pois, ao conhecermos o funcionamento da linguagem e estando apoiados na teoria psicanalítica e na prática clínica, podemos nos autorizar a sermos autores de nossas interpretações e formulações, pois a análise de discurso nos mostra que ao darmos espaço para constituição do sujeito e dos sentidos, podemos deixar de repetir, rompendo com modos de pensar a clínica psicanalítica de modo engessado para assim produzir novas possibilidades que ampliem os formatos dos atendimentos, mantendo uma postura ética à sua prática e isso nos possibilita inovar na área da ciência."

Objetivo da Pesquisa:

Segundo a pesquisadora,

Objetivo Primário:

"O grande objetivo deste estudo é investigar os impactos da experiência clínica dos psicanalistas que ofertaram atendimento cem por cento mediado por dispositivos tecnológicos à população de baixa renda, avaliando assim a percepção e compreensão destes profissionais no que se refere aos limites e alcances do atendimento neste formato."

Objetivo Secundário:

"Pensar quais as diferenças marcadas por um atendimento presencial versus o virtual. Interrogar se o analista também não está presente no encontro on-line? Avaliar como fica a questão do corpo e suas manifestações durante um atendimento on-line? Analisar quais os desafios no atendimento online à população de baixa renda?"

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Segundo a pesquisadora,

Riscos:

"Os riscos aos participantes durante a pesquisa são mínimos e caso algum deles apresente algum desconforto em relação a sua participação na pesquisa ele poderá solicitar o atendimento do pesquisador que irá acolhê-lo e fazer os devidos encaminhamentos necessários, sendo que toda ação estará apoiada nos cuidados éticos necessários e para condução de uma pesquisa. Os participantes poderão se retirar da pesquisa a qualquer momento sem que isso cause algum prejuízo a eles. POR SE TRATAR DE UMA PESQUISA DESENVOLVIDA NO AMBIENTE VIRTUAL, HÁ RISCOS CARACTERÍSTICOS DO AMBIENTE REMOTO, EM DECORRÊNCIA DAS LIMITAÇÕES DAS TECNOLOGIAS UTILIZADAS. A TECNOLOGIA DEIXA MAIS VULNERÁVEL A QUEBRA DE SIGILO DAS ENTREVISTAS POR CONTA DE HACKEAMENTO DE CHAMADAS ON-LINE. MESMO FAZENDO USO DE

Endereço: Rua Fernando Correa da Costa, 2367

Bairro: BOA ESPERANÇA

CEP: 78.060-900

UF: MT

Município: CUIABÁ

Telefone: (65)3615-8935

E-mail: cephumanas@ufmt.br



Continuação do Parecer: 5.303.458

ALTERNATIVAS QUE PROMETEM MAIS SEGURANÇA E CONFIABILIDADE, AS REUNIÕES ON-LINE NÃO ESTÃO ISENTAS DE POSSÍVEIS INVASÕES E/OU SEQUESTRO DE DADOS PARA USOS NÃO AUTORIZADOS. A PESQUISADORA SE COMPROMETE ESTAR EM CONFORMIDADE COM AS RESOLUÇÕES DO CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE – CNS – Nº 466 DE 2012 E A DE Nº 510 DE 2016, PROMOVENDO O ARMAZENAMENTO ADEQUADO DOS DADOS COLETADOS, BEM COMO OS PROCEDIMENTOS PARA ASSEGURAR O SIGILO E A CONFIDENCIALIDADE DAS INFORMAÇÕES DO PARTICIPANTE DA PESQUISA. COM ISSO, UMA VEZ CONCLUÍDA A COLETA DE DADOS, SERÁ EFETUADO O DOWNLOAD DOS DADOS COLETADOS PARA UM DISPOSITIVO ELETRÔNICO LOCAL, APAGANDO TODO E QUALQUER REGISTRO DE QUALQUER PLATAFORMA VIRTUAL, AMBIENTE COMPARTILHADO OU "NUVEM". O MESMO CUIDADO SERÁ SEGUIDO PARA OS REGISTROS DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO QUE SEJAM GRAVAÇÕES DE VÍDEO OU ÁUDIO. A PESQUISADORA ASSUME ASSIM O COMPROMISSO DE NÃO MANTER O CONTEÚDO DAS ENTREVISTAS ON-LINE EM NENHUMA PLATAFORMA VIRTUAL, AMBIENTE COMPARTILHADO OU "NUVEM", MITIGANDO DESTA FORMA OS RISCOS PROVENIENTES DE UM AMBIENTE VIRTUAL."

Benefícios:

"QUANTO AOS BENEFÍCIOS, SE TRATA DE BENEFÍCIOS INDIRETOS, VISTO QUE NESTE PROJETO OS PARTICIPANTES DA PESQUISA TERÃO A POSSIBILIDADE DE ELUCIDAR OS PROCESSOS CLÍNICOS REALIZADOS E PENSADOS NO A POSTERIORE, CONTRIBUINDO DESTA FEITA NA CONSTRUÇÃO E ACÚMULO DA EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL PARA OS PARTICIPANTES DE UM DISPOSITIVO CLÍNICO PARA ATENDIMENTO ON-LINE À POPULAÇÃO DE BAIXA RENDA."

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de um projeto de pesquisa de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Mato Grosso.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Nesta versão, foram inseridos os seguintes documentos de apresentação obrigatória:

- Formulário de Informações Básicas do Projeto (arquivo PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1839158.pdf)
- Modelo da Forma de Registro do Consentimento Livre e Esclarecido (arquivo TCLE_ALTERADO_LINK.pdf)

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Todas as pendências e solicitações listadas no parecer anterior foram atendidas. Propõem-se a aprovação do projeto de pesquisa em relação a análise ética.

Endereço: Rua Fernando Correa da Costa, 2367
Bairro: BOA ESPERANCA **CEP:** 78.060-900
UF: MT **Município:** CUIABA
Telefone: (65)3615-8935 **E-mail:** cephumanas@ufmt.br



Continuação do Parecer: 5.303.458

Considerações Finais a critério do CEP:

Considerando as Resoluções 466/2012 e 510/2016 do CNS, e, uma vez que a documentação apresentada atende ao solicitado, emitiu-se o parecer para o presente projeto: Aprovado.

Conforme as Resoluções 466/12 e 510/2016, é atribuição do CEP acompanhar o desenvolvimento dos projetos, por meio de relatórios semestrais dos pesquisadores e de outras estratégias de monitoramento, de acordo com o risco inerente a pesquisa. Ressaltamos as seguintes atribuições da pesquisadora: Desenvolver o projeto conforme delineado; Elaborar e apresentar os relatórios semestrais (parciais) e final até 60 dias após o seu término (como notificação); Apresentar dados solicitados pelo CEP ou pela CONEP a qualquer momento; Manter os dados da pesquisa em arquivo, físico ou digital, sob sua guarda responsabilidade, por um período de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa; Encaminhar os resultados da pesquisa para publicação, com os devidos créditos aos pesquisadores associados e ao pessoal técnico integrante do projeto. Justificar fundamentadamente, perante o CEP, qualquer modificação (emenda) ou interrupção do projeto.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1839158.pdf	14/03/2022 22:59:59		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_ALTERADO_LINK.pdf	14/03/2022 22:59:20	KELI VIRGINIA EBERT	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	AUTORIZACAO_INSTITUCIONAL.pdf	20/02/2022 13:42:32	KELI VIRGINIA EBERT	Aceito
Outros	CARTA_RESPOSTA_OK.pdf	20/02/2022 13:40:26	KELI VIRGINIA EBERT	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	BROCHURA_EDITADO_OK.pdf	20/02/2022 13:40:18	KELI VIRGINIA EBERT	Aceito
Outros	ROTEIROENTREVISTA.pdf	13/01/2022 14:46:44	KELI VIRGINIA EBERT	Aceito
Outros	LATTES_PESQUISADORA.pdf	23/12/2021 15:16:08	KELI VIRGINIA EBERT	Aceito
Outros	LATTES_ORIENTADOR.pdf	23/12/2021 15:15:32	KELI VIRGINIA EBERT	Aceito

Endereço: Rua Fernando Correa da Costa, 2367

Bairro: BOA ESPERANCA

CEP: 78.060-900

UF: MT

Município: CUIABA

Telefone: (65)3615-8935

E-mail: cephumanas@ufmt.br



Continuação do Parecer: 5.303.458

Declaração de Pesquisadores	Termo_Compromisso_Pesquisador.pdf	23/12/2021 15:01:37	KELI VIRGINIA EBERT	Aceito
Folha de Rosto	FOLHA_DE_ROSTO_DESPACHO.pdf	23/12/2021 14:58:16	KELI VIRGINIA EBERT	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

CUIABA, 21 de Março de 2022

Assinado por:
Rosangela Ribeiro
(Coordenador(a))

Endereço: Rua Fernando Correa da Costa, 2367
Bairro: BOA ESPERANCA **CEP:** 78.060-900
UF: MT **Município:** CUIABA
Telefone: (65)3615-8935 **E-mail:** cephumanas@ufmt.br